



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

NÁGIDA MARIA DA SILVA PAIVA

**“BODE GAIATO”: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO**

**GUARABIRA - PB
2018**

NÁGIDA MARIA DA SILVA PAIVA

**“BODE GAIATO”: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO**

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para obtenção do grau de Mestre, no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins.

**GUARABIRA - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P142b Paiva, Nágida Maria da Silva.
"BODE GAIATO": [manuscrito] : uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático / Nagida Maria da Silva Paiva. - 2018.
172 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins, Departamento de Letras - CH."

1. Livro Didático. 2. Linguagem nordestina. 3. Variação linguística. 4. Bode Gaiato (meme).

21. ed. CDD 371.32

NÁGIDA MARIA DA SILVA PAIVA

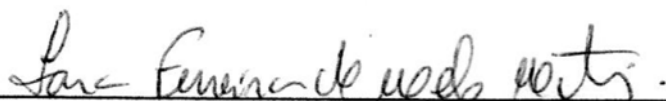
“BODE GAIATO”: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para obtenção do grau de Mestre, no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

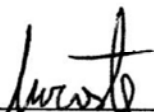
Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovada em: 20/02/2018.

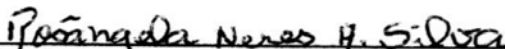
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Joca Silva (in memória) e a Dona Antoniêta, incansáveis na luta diária pela educação dos filhos. Ao senhor, meu pai, que com palavras fortes e gestos humildes fez-me compreender desde cedo essa identidade nordestina. O senhor não tinha estudo, como costumava frisar, mas se orgulhava de sua cultura, de sua honestidade e do seu trabalho. Ao senhor, de quem sempre ouvi “eu não tenho herança para deixar pra vocês, o que tenho é pra educação de vocês” o meu estudo, a sua herança mais valiosa. À senhora, minha mãe, esteio da família e equilíbrio do lar. Com a senhora aprendi a fé em Deus, o amor pelas letras e as histórias de trancoso que aguçavam minha imaginação. À senhora, nossa história, nosso livro.

AGRADECIMENTOS

Chegamos, enfim, ao final desta caminhada. Um ciclo concluído. Neste momento de alegria e êxtase pela realização de um sonho e tantos obstáculos superados, dois sentimentos inundam meu coração: a gratidão e o reconhecimento.

A Deus, minha gratidão. Meu Mestre por Excelência, a Ele minha vida e meu sucesso. Na minha fé encontrei a razão para não desistir no meio do caminho.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins, pela parceria, pela paciência e dedicação na construção e conclusão deste trabalho. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Meu reconhecimento.

Aos professores do PROFLETRAS- Mestrado Profissional em Letras, Campus Guarabira, pelo conhecimento teórico oferecido, pelas discussões e cobranças. Obrigada por me descobrir uma pesquisadora acadêmica. Meu reconhecimento.

À coordenadora do PROFLETRAS- Campus III, Maria de Fátima Aquino, pelo seu empenho em promover um ambiente favorável à produção do conhecimento. Obrigada, pela atenção a mim dispensada. Meu reconhecimento.

À direção das escolas onde leciono por compreenderem minhas limitações e inquietações neste período. Obrigada pelo apoio. Meu reconhecimento.

À CAPES, pelo apoio financeiro para aquisição de material teórico e participação em eventos acadêmicos. Obrigada pelos recursos. Meu reconhecimento.

Aos meus alunos, pela participação, pela alegria, pela boa vontade, pelo *feedback* nas nossas atividades interventivas. Obrigada por confiar na nossa pesquisa. Meu reconhecimento.

Aos meus colegas de empreitada, pelos momentos compartilhados, pelos entendimentos e desentendimentos. Cúmplices de um mesmo sonho. Obrigada por me permitir fazer parte deste grupo inigualável. Aos meus companheiros de viagem para Guarabira, na pessoa do meu amigo Márcio Leandro. Meu reconhecimento.

A energia de cada um deu-me forças para chegar até aqui. Todos são parte dessa conquista. Meu obrigada. Meu reconhecimento.

MEUS AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos meus filhos Ahias Silva Paiva e Ahian Camanguê Silva Paiva, pelas muitas vezes que os privei da minha companhia, dividida com minhas leituras e o computador. Obrigada, meus filhos, pelas imagens do “Bode Gaiato” que vocês compartilharam comigo e pelas muitas risadas ao lermos seus textos, pelo incentivo, pela compreensão, e por dizerem sempre “tudo bem, mamãe, a gente entende. A senhora está estudando”. Vocês são meus maiores incentivadores. Amo vocês. Deus os abençoe.

Ao meu esposo Edilson de Paiva, pelo apoio incondicional ao meu projeto de estudo. Pelas minhas ausências e por se desdobrar para suprir minhas faltas junto aos nossos filhos. Obrigada por sonhar comigo. Amo você. Deus o abençoe.

Aos meus queridos pais Joca Silva (in memoriam) e Dona Antoniêta pelas orações. Pelo exemplo de vida me fazendo entender desde muito pequena o valor do estudo. Obrigada pela educação doméstica e por ter me levado à escola. Amo vocês. Deus os abençoe.

Aos meus irmãos João Luís e Naíla Maria, pelo constante apoio, pela motivação, pelo gesto fraternal, por nossa união. Obrigada pelos momentos de partilha. Amo vocês. Deus os abençoe.

Aos meus amigos Ana Cláudia Soares e Anderson Monteiro pelo encorajamento, pela motivação, pelas ideias trocadas, pela teoria discutida. Obrigada por me apresentarem o universo acadêmico. E às minhas amigas Georgia Cristina e Railane Martins por multiplicarem minhas alegrias e dividirem minhas angústias. Obrigada pela torcida. Amo vocês. Deus os abençoe.

Aos familiares e amigos próximos, pelo carinho e apoio incondicionais. Deus os abençoe.

“Nem certo nem errado. Nós temos nosso modo de falar, isso não pode ser chamado de certo ou errado, pois varia de cada região o seu modo de falar”
(aluno participante da pesquisa).

RESUMO

O discurso proferido também é uma forma de poder, visto que aquele que fala/escreve tem uma intenção sobre o ouvinte/leitor seja de persuasão, aceitação, reflexão, mas sempre provoca uma mudança no outro Bakhtin (1997). Nessa relação dialógica, o uso da linguagem é determinante para o sucesso ou insucesso do sujeito. Nos muitos estudos da linguagem, um evento se aproxima desta teoria, a Variação Linguística, visto que da forma como é apresentada nos Livros Didáticos (LD) – com um parâmetro de erros e acertos – fica evidente a ideologia de uma língua homogênea que favorece uma parte em detrimento da coletividade. A escola tem por função social promover a reflexão e a formação do cidadão. A sala de aula é o ambiente que favorece esse processo. Por esta razão, a presente pesquisa objetiva ressignificar o ensino da Variação Linguística no LD, a partir de uma abordagem sociocomunicativa com o *meme* “Bode Gaiato”. O trabalho justifica-se por se acreditar que a Variação Linguística deva ser estudada nas aulas de Língua Portuguesa a partir de algo que faça parte do universo dos alunos, oportunizando a valorização do falar de uma determinada comunidade e permitindo, por fim, um estudo mais consciente e reflexivo dos eventos de Variação Linguística. A pesquisa de intervenção foi realizada numa turma do oitavo ano, do Ensino Fundamental, de uma Escola Municipal em Campina Grande/ PB. Nesse sentido, o percurso metodológico consta da aplicação de um questionário social, do desenvolvimento de uma sequência didática baseada nos registros teóricos de Lopes-Rossi. Observou-se uma resposta exitosa dos alunos em relação à proposta aplicada, demonstrando uma nova postura frente à variação, agregando-se construção de sentido e valores socioculturais. Nossa pesquisa foi desenvolvida à luz dos teóricos Bakhtin (1997), Alkmin (2001), Bagno (2001, 2003, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2008), Mollica (2003), entre outros.

Palavras-Chave: Livro Didático, Linguagem Nordestina, Variação Linguística, *Meme* Bode Gaiato.

ABSTRACT

The speech given is also a form of power, since the speaker / writer has an intention about the listener / reader to be persuasion, acceptance, reflection, but always cause a change in the other Bakhtin (1997). In this dialogical relationship, the use of language is determinant for the success or failure of the subject. In the many language studies, an event approaches this theory, the Linguistic Variation since, as it is presented in the Didactic Books (LD) - with a parameter of errors and hits - the ideology of a homogeneous language favoring a part is evident to the detriment of the community. The social function of the school is to promote reflection and the formation of citizens. The classroom is the environment that favors this process. For this reason, the present research aims to resignify the teaching of Linguistic Variation in LD from a sociocommunicative approach with the "Bode Gaiato" meme. The work is justified because it is believed that the Linguistic Variation should be studied in the Portuguese Language classes based on something that is part of the universe of the students, allowing the valorization of the speaking of a determined community and allowing, finally, a more detailed study conscious and reflective of the events of Linguistic Variation. The intervention research was carried out in an eighth grade class of the Elementary School of a Municipal School at Campina Grande/PB. In this sense, the methodological course consists of the application of a social questionnaire, the development of a didactic sequence based on the theoretical records of Lopes-Rossi. It was observed a successful response of the students in relation to the applied proposal, demonstrating a new attitude towards the variation, adding construct of meaning and sociocultural values. In this perspective, our research was developed in the light of the theoreticians Bakhtin (1997), Alkmin (2001), Bagno (2001, 2003, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2008), Mollica (2003) and others.

Keywords: Textbook. Northeastern Language. Linguistic Variation. Bode Gaiato Meme.

LISTA DE QUADRO

| | |
|---|----|
| QUADRO 1 - Gêneros textuais emergentes na mídia virtual e suas contrapartes em gêneros preexistentes..... | 51 |
| QUADRO 2 – Questionário Social I..... | 65 |
| QUADRO 3 - Questionário Social II..... | 74 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - Organograma representativo do conceito de gênero..... | 42 |
| FIGURA 2 - Aborda as relações sociais entre mãe e filho, num contexto peculiar da cultura nordestina..... | 57 |
| FIGURA 3 - Retrata a cultura de superstição, aspecto sociocultural do Nordeste... | 64 |
| FIGURA 4 - Relações sociais entre mãe e filho..... | 68 |
| FIGURA 5 - Representação da religiosidade do Nordestino..... | 69 |
| FIGURA 6 - Representação das relações sociais entre marido e mulher..... | 70 |
| FIGURA 7- Reflexão acerca do alcoolismo..... | 71 |
| FIGURA 8 - Retomada dos aspectos sociogeográficos do Nordeste..... | 72 |
| FIGURA 9 - A oralidade do Nordestino..... | 73 |
| FIGURA 10 - Orientação sobre alguns casos de concordância..... | 76 |
| FIGURA 11 – Concordância Verbal e Variação Linguística – atividade..... | 77 |
| FIGURA 12 - Concordância Verbal e Variação Linguística..... | 77 |
| FIGURA 13 – Regência verbal: norma e variações..... | 78 |
| FIGURA 14 - A regência nominal na fala..... | 79 |
| FIGURA 15 – Tirinha de Malfada..... | 80 |
| FIGURA 16 – Exercício abordando linguagem verbal e não verbal..... | 82 |
| FIGURA 17 – Conceito de Variação e Variedades linguísticas..... | 83 |
| FIGURA 18 – Conceito de Variedade regional..... | 83 |
| FIGURA 19- Definição de norma-padrão..... | 83 |
| FIGURA 20 – Exercício sobre Variedade linguística (fala do nordestino)..... | 84 |
| FIGURA 21 – Informações sobre a Variedade social..... | 85 |
| FIGURA 22 – Contexto da Variedade situacional..... | 86 |
| FIGURA 23 – Exemplo da Variedade situacional..... | 86 |
| FIGURA 24 – Exercício sobre a Variedade social..... | 87 |
| FIGURA 25 – Resumo dos conteúdos do Capítulo..... | 87 |
| FIGURA 26 – Questões acerca do que foi estudado no capítulo..... | 88 |
| FIGURA 27 – Exercício sobre Verbos Irregulares..... | 90 |
| FIGURA 28 – Exercício sobre Pronomes retos e oblíquos..... | 90 |
| FIGURA 29 – Concordância verbal e concordância nominal..... | 91 |
| FIGURA 30 – Concordância verbal e preconceito linguístico..... | 92 |
| FIGURA 31 – Comentário sobre Preconceito linguístico..... | 92 |
| FIGURA 32 – Língua Portuguesa..... | 94 |
| FIGURA 33 – Tirinha de Gonzales..... | 94 |

| | |
|--|-----|
| FIGURA 34 – Conceitos de Norma-padrão e Variedade urbanas..... | 95 |
| FIGURA 35 – Variedades de prestígio..... | 95 |
| FIGURA 36 - Questionário Social do aluno 1..... | 98 |
| FIGURA 37 - Questionário Social do aluno 2..... | 99 |
| FIGURA 38 - Questionário Social do aluno 3..... | 100 |
| FIGURA 39 - Questionário Social do aluno 4..... | 100 |
| FIGURA 40 - Questionário Social do aluno 5..... | 101 |
| FIGURA 41 – <i>Meme</i> da atividade I..... | 102 |
| FIGURA 42 - Resposta do aluno 1..... | 103 |
| FIGURA 43 – Resposta do aluno 2..... | 103 |
| FIGURA 44 – Resposta do aluno 3..... | 104 |
| FIGURA 45 – Resposta do aluno 4..... | 104 |
| FIGURA 46 – Resposta do aluno 5..... | 105 |
| FIGURA 47 – <i>Meme</i> da atividade II..... | 106 |
| FIGURA 48 – Resposta do aluno 1..... | 106 |
| FIGURA 49 – Resposta do aluno 2..... | 107 |
| FIGURA 50 – <i>Meme</i> da atividade III..... | 109 |
| FIGURA 51 – Resposta do aluno 1..... | 109 |
| FIGURA 52 – Resposta do aluno 2..... | 110 |
| FIGURA 53 – Resposta do aluno 3..... | 110 |
| FIGURA 54 – <i>Meme</i> da atividade IV..... | 112 |
| FIGURA 55 – Resposta do aluno 1..... | 113 |
| FIGURA 56 – Resposta do aluno 2..... | 113 |
| FIGURA 57 – <i>Meme</i> da atividade V..... | 115 |
| FIGURA 58 – Resposta do aluno 1..... | 115 |
| FIGURA 59 – Resposta do aluno 2..... | 116 |
| FIGURA 60 – Resposta do aluno 3..... | 116 |
| FIGURA 61 – <i>Meme</i> da atividade VI..... | 118 |
| FIGURA 62 – Resposta do aluno 1..... | 118 |
| FIGURA 63 – Resposta do aluno 2..... | 119 |
| FIGURA 64 – Resposta do aluno 3..... | 119 |
| FIGURA 65 – Resposta do aluno 1..... | 120 |
| FIGURA 66 – Resposta do aluno 2..... | 121 |
| FIGURA 67 – Resposta do aluno 3..... | 121 |
| FIGURA 68 – Resposta do aluno 4..... | 121 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 15 |
| 2 ASPECTOS TEÓRICOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 22 |
| 2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS VARIÁVEIS | 22 |
| 2.1.1 Situando a perspectiva teórica da Variação Linguística | 23 |
| 2.1.2 Variações e Variedades Linguísticas: conceitos e contextos..... | 25 |
| 2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO | 28 |
| 2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO | 30 |
| 2.4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: “CERTO” E “ERRADO” NA SALA DE AULA | 34 |
| 2.4.1 Uma Gramática do “Certo” e do “Errado” | 38 |
| 3 A LÍNGUA EM USO: OS GÊNEROS EM EVIDÊNCIA | 42 |
| 3.1. OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS PRÁTICAS SOCIAIS | 42 |
| 3.2 GÊNEROS DIGITAIS: A AMPLIAÇÃO DA LINGUAGEM EM OUTROS AMBIENTES..... | 48 |
| 3.3 O MEME “BODE GAIATO”: (RE) CONSTRUINDO A LINGUAGEM NO AMBIENTE VIRTUAL | 54 |
| 4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... | 60 |
| 4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA | 60 |
| 4.2 A PESQUISA | 61 |
| 4.2.1 Contexto/Ambiente da Pesquisa | 61 |
| 4.2.2 Sujeitos da Pesquisa | 62 |
| 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS | 63 |
| 4.3.1 Observação..... | 63 |
| 4.3.2 Questionário social | 63 |
| 4.3.3 Folha de atividade | 63 |
| 4.4 COLETA DE DADOS..... | 64 |
| 4.5 OBJETO DE ESTUDO | 64 |
| 4.6 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO | 66 |
| 4.6.1 Aplicação de um questionário social..... | 66 |
| 4.6.2 Elaboração da sequência didática baseada nos registros teóricos de Lopes-Rossi (2012)..... | 66 |
| 4.6.3 Aplicação da sequência didática | 67 |
| 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS..... | 76 |

| | |
|--|------------|
| 5.1 A ABORDAGEM ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS COLEÇÕES ANALISADAS | 76 |
| 5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS | 98 |
| 5.2.1 Descrição e análise do Questionário Social | 98 |
| 5.2.2 Descrição e análise das atividades propostas do meme “Bode Gaiato” | 103 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 124 |
| REFERÊNCIAS | 128 |
| APÊNDICES..... | 134 |
| ANEXOS | 143 |

1 INTRODUÇÃO

A Política Educacional do Brasil, por meio dos documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1997), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB,1996), as Orientações Curriculares (2010), enfatiza a necessidade de efetivação do ensino a partir de situações que transcendam os aspectos não apenas conteudísticos, possibilitando, a partir dos objetos de ensino, recriar a história da visão de mundo sob o olhar e experiências do aluno.

Em face dessa consideração, torna-se necessário que sejam criadas situações que permitam ao discente adquirir conhecimentos a partir de práticas de ensino que se dissociem do modelo tradicional e puramente metalinguístico, mas que se assentem em transposição didática que promova resignificação acerca do que é ensinado e, assim, propicie a inserção do educando na sociedade.

Para que seja possível lograr êxito em relação ao que é ensinado na escola, em se tratando das aulas de Língua Portuguesa, os documentos oficiais estabelecem que estas devem ser conduzidas a partir do uso efetivo da língua por meio de situações reais, como apontam os PCN (1997, p.31):

Se o objetivo principal do trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade ao uso da linguagem, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística [...] O lugar natural na sala de aula, para esse tipo de prática parece ser a reflexão sobre textos reais.

E, para isso, o ensino que está pautado pelos gêneros discursivos tem, cada vez mais, ganhado destaque, uma vez que envolvem práticas sociais, de linguagem - atividades de leitura (produção de sentidos), escrita e análise linguística. Destarte, o texto deve ser encarado como elemento necessário para a prática de ensino.

Nesse sentido, urge a necessidade de permitir que o discente possa refletir acerca do que é apr(e)endido e utilizar tais conhecimentos em situações diversas de comunicação, pois, sabendo-se que a escola é um espaço de disseminação de informações, tem a função específica de proporcionar aos indivíduos que a frequentam o acesso ao conhecimento sistematizado que é acumulado historicamente.

Dessa forma, apresentamos uma proposta de intervenção que pode suscitar a reflexão dos usos que se faz da língua e, colocamos em destaque a Variação Linguística que emerge em gêneros digitais, como o *Meme*, facilmente reconhecidos e compartilhados pelo público em idade escolar. É fato que o conteúdo da Variação Linguística ainda é pouco explorado nas aulas de Língua Portuguesa, pensamento ratificado nas palavras de Bortoni-Ricardo (2016, p. 2):

[...] Na questão educacional, é preciso ponderar que somente algumas regras variáveis, já estudadas nesse campo da Linguística, são identificadas pelos professores do ensino básico. Quase sempre são aquelas que recebem maior sanção social e estão referidas pelos autores mais conservadores, aparecendo em livros didáticos. Não se pode esquecer, contudo, que a sociedade brasileira valoriza muito a chamada correção gramatical, tradicionalmente valorizada pela intelligentsia nacional.

Assim, para o estudo da Variação Linguística, elegemos como percurso norteador para esta pesquisa a Sociolinguística Variacionista que pode ocorrer por diversos fatores: variação regional (geográfica, espacial ou diatópica) – a língua varia de região para região; variação social ou diastrática – a língua varia por questões socioculturais: gênero, escolaridade, sociabilidade; variação situacional ou diafásica – a língua varia de acordo com a situação de comunicação. Além destas possibilidades, enfatizamos a variação temporal ou diacrônica – a língua varia de uma época para outra. O que se faz necessário é a compreensão de que a Variação Linguística não caracteriza um erro na fala/escrita do indivíduo já que fatores sociais e extralinguísticos agem sobre esse fenômeno.

Nessa perspectiva, nosso foco é uma reflexão consciente da linguagem nordestina e do respeito aos falantes de outras variedades linguísticas, analisando a produção de sentidos a partir da variação linguística, nos textos do “Bode Gaiato”. Desse modo, os alunos poderão refletir sobre as práticas de linguagem a partir da construção de sentidos que subjaz nos gêneros analisados, a fim de dotá-los de elementos para uma compreensão e domínio de empoderamento¹ do falar nordestino e de identidade sociocultural. Pois:

No mundo contemporâneo, a noção de identidade como resultado do sentimento de pertença a determinadas estruturas estáveis e fixas é discutível. As identidades modernas, individuais e coletivas, cada vez mais

¹ Na perspectiva de Paulo Freire, conforme aponta Valoura (2013, p.1): “empoderada é aquela pessoa, grupo ou instituição que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e a se fortalecer”.

estão sendo fragmentadas, descentradas e descontínuas. As bases sólidas sobre a qual se assentavam e davam sustentação à noção de identidade e aos processos de identificação, como nacionalidade, raça, classe, gênero, religião, língua, sexualidade, etc., tornaram-se vulneráveis diante da nova realidade. (MORIGI, 2009, p. 79).

E é exatamente neste contexto que situamos o “falar” nordestino. É comum as pessoas (os brasileiros) evidenciarem os diversos *falares* do Brasil – encontramos registros dessa prática em anedotas, músicas. No entanto, apesar de divertido é, na maioria das vezes, lamentável, pois ao evidenciar uma variedade linguística de determinado grupo de falantes, essa atitude é carregada de discriminação, gerando o “preconceito linguístico”.

Somos conscientes de que:

Temos a língua portuguesa como uma entidade social que todos nós, brasileiros, adquirimos como falantes nativos e que a nós pertence, como nos pertence a identidade de sermos brasileiros. É essa identidade que nos faz cidadãos de pleno direito neste país. Contudo, num país de dimensões continentais, com uma rica diversidade cultural, mas com enormes diferenças sociais, os falares se realizam de formas também plurais. (CALIL, 2009, p. 65).

Entre os alunos da rede pública é frequente ouvirmos a falácia de que o povo nordestino é pobre, sofrido, incompetente, desinformado e ignorante. Esse discurso é reproduzido a partir de uma ideologia que privilegia as regiões Sul e Sudeste em detrimento das demais regiões. Tal ideologia é representada nos livros didáticos quando, por exemplo, ao tratar do tema *Varição Linguística*, apresentam determinadas variações da língua de forma pejorativa: é comum encontrarmos nos livros didáticos (doravante LD) exemplos do personagem Chico Bento, do escritor Maurício de Sousa, como a representação do falar rural e como falantes “caipiras” do interior do sudeste; e ainda, sugerir a reescrita da fala da personagem, pois a mesma é definida como “errada” (BAGNO, 2003).

Mas, como retratar a pluralidade cultural e linguística de uma sociedade como a brasileira, a partir de uma única ótica, se somos na verdade um conjunto heterogêneo? Outrossim, o material impresso e utilizado nas escolas é produzido geralmente na região sudeste – portanto, lá estão a cultura, a história, a ideologia de apenas uma parte e não de um todo. Logo, a ideologia de “prestígio” e apenas uma variante ficam legalmente difundidas e o professor sente-se atrelado e impotente diante deste cenário.

Na contramão desse contexto, encontramos alunos antenados e conectados ao mundo virtual que propicia a estes jovens as mesmas experiências vivenciadas por outrem em qualquer outro lugar do planeta, além das fronteiras geográficas. Nesta nova conjectura, os alunos encontram-se num mesmo patamar e seus conhecimentos virtuais se estreitam.

Não se justifica, portanto, um ensino equivocado do fenômeno da variação linguística. O que é necessário é a adequação dessa prática. Assim, esta pesquisa fundamenta-se a partir de recursos da tecnologia da informação - celular, tablete, computadores - dos quais os alunos dispõem, tendo como objeto da pesquisa o *meme* “Bode Gaiato”, propondo uma atividade didática que se contraponha e/ou acrescente às ideias sugeridas no livro didático.

Para tanto, trabalhamos o *meme* “Bode Gaiato” - texto virtual *viralizado*² entre os alunos – visto que estes se identificam com a linguagem e imagens das personagens e pelo aspecto humorístico. Vale ressaltar que os textos do Bode Gaiato primam por uma linguagem nordestina carregada de traços de oralidade dos falantes desta região e exploram situações do cotidiano destes indivíduos.

É necessário enfatizar que a escolha pela temática ganha relevo pelo fato de o gênero digital ser bastante utilizado pelos educandos, bem como por reconhecermos que há uma carência de trabalho com a temática da Variação Linguística, em alguns livros didáticos de língua portuguesa, que abordam este conteúdo, ainda, de forma equivocada ou insuficiente.

A escolha para a intervenção da pesquisa deu-se por uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública da rede municipal de Campina Grande - PB, pelo fato de o tema da Variação Linguística ser apresentado aos alunos, como parte do conteúdo curricular apenas no sexto ano, caracterizando um ensino estanque quando os alunos ainda não desenvolveram uma compreensão linguística satisfatória para a complexidade do estudo. A escolha pela turma de oitavo ano é reiterada pelo fato de que o professor-pesquisador é professor titular da turma.

A importância desta pesquisa justifica-se por se acreditar que deve ser melhor trabalhado, nas aulas de língua portuguesa, o conteúdo da Variação Linguística, a partir de algo que seja, costumeiramente, utilizado pelos educandos que, em caso

² Termo usual da internet que designa a ação de fazer com que algo se espalhe rapidamente, semelhante ao efeito viral.

específico, é o gênero digital *meme* Bode Gaiato. Partimos, pois do pressuposto de que seja necessária uma transposição didática mais eficaz que permita a construção de sentido e desmistificação do que se cristalizou como falar errado.

Ademais, registramos que nossa pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho interpretativo/descritivo e que se desenvolve em duas esferas: a análise das coleções de livro didático de português do ensino fundamental II, adotadas na escola, ***Para viver juntos: português***, de Cibele Lopreti Costa e autores (utilizada no triênio 2014, 2015, 2016) e ***Português linguagens***, de William Cereja (selecionada para o triênio 2017, 2018, 2019) e a ação interventiva na turma de oitavo.

Para a aplicação da proposta de intervenção, adaptamos a sequência didática de Lopes-Rossi (2012), fundamentada nos descritores da Matriz de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil (BRASIL, 2008) e do Pisa (PISA, 2001; 2011) cujo foco é a leitura. Partimos, portanto, da mesma premissa leitura e produção de sentido. Os encontros são denominados etapas e seguem alguns critérios definidos como procedimentos; estes procedimentos são construídos a partir dos objetivos e proposições que se desejam atingir em cada etapa.

Confiamos, pois, que com esta prática “o leitor poderá estabelecer uma postura mais dialógica e crítica” Lopes-Rossi (2012).

Estamos certos de que trabalhar com textos significativos para os alunos é uma forma de desmistificar o erro no uso da língua, reavaliar o preconceito linguístico e colocar em xeque esta ideia de existência de uma linguagem de prestígio. Acreditamos, pois, que se há, de fato, um uso linguístico de superioridade, temos que pensar, então, na existência da exclusão social que emerge entre os falantes que não fazem uso dessa linguagem de “destaque”. Entendemos, portanto, que é papel da escola dotar o aluno de informações suficientes para que ele possa não apenas compreender, mas também utilizar esta linguagem em diversas situações em que determinadas variáveis sejam necessárias. Assim, o estudo da Variação Linguística justifica-se para a valorização do falar de uma determinada comunidade e o respeito ao falar de outros grupos.

Diante destas constatações, orientamos nosso trabalho a partir das seguintes questões de pesquisa:

- Como se dá a abordagem da Variação Linguística em duas coleções de LD “Para Viver Juntos” e “Português Linguagens” – coleções Ensino Fundamental II?

- De que forma a materialidade linguística dos textos do “Bode Gaiato” favorece um trabalho reflexivo acerca da Variação Linguística?

Procurando responder tais indagações, elencamos para nossa pesquisa os objetivos a seguir:

- **Geral:** Resignificar o ensino da Variação Linguística no LD a partir de uma abordagem didática com os *memes* “Bode Gaiato”.
- **Específicos:**
 - ✓ Analisar o tratamento dado à Variação Linguística nas coleções Para Viver Juntos e Português Linguagens, 8º ano/ Ensino Fundamental;
 - ✓ Refletir a Variação ocorrida no *meme* “Bode Gaiato” para o empoderamento sociolinguístico e cultural dos alunos;
 - ✓ Promover a produção de sentidos decorrente de aspectos linguísticos e culturais nos textos do *meme* “Bode Gaiato”, junto aos alunos do 8º ano.

Logo, com base nos objetivos que mencionamos, é importante destacar algumas hipóteses, quais sejam:

- 1 Acredita-se que pelo fato de o gênero digital escolhido ser acessível aos educandos, propiciará que sejam construídos sentidos que a eles se refiram, permitindo, assim, que estes transcendam as fronteiras do texto e sejam capazes de fazerem leitura discursiva, recuperando implícitos e efeitos de sentido;
- 2 Através desta identificação com o que é tratado nos textos do *Bode Gaiato*, os alunos do oitavo ano possam refletir sobre sua condição e situação no seu contexto social, não sendo representado como sujeito de linguagem, costumes e cultura inferior, mas que se reconheçam como cidadãos de uma mesma nação que apresentam elementos diferenciados e não errados.

Nos capítulos, a seguir, procuramos conduzir nossa pesquisa respaldando os aspectos teóricos e metodológicos de nossa proposta de intervenção. O segundo capítulo versa sobre as questões teóricas da Variação Linguística à luz da Sociolinguística Variacionista, suscitando a reflexão do ensino/estudo do conteúdo variação linguística nas nossas salas de aula a partir do LD e evidenciando o preconceito linguístico emergente de uma prática que reforça a cultura da gramática do “certo” e do “errado”. O terceiro capítulo apresenta uma nova alternativa para o ensino/estudo da variação linguística em sala de aula. Após uma breve discussão

acerca de gêneros discursivos/textuais evidenciamos os gêneros digitais, em específico, o *meme* “Bode Gaiato” a fim de embasar nossa proposta de intervenção. Por fim, nos capítulos quarto e quinto, apresentamos nossa proposta de intervenção e a análise dos resultados.

2 ASPECTOS TEÓRICOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, pautaremos nossas discussões acerca do tema Variação Linguística nos estudos dos teóricos Bagno (2001, 2002, 2003, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2016), Alkmin (2001), Antunes (2003), Lucchesi (2006), Neves (2000) entre outros. Apresentaremos, no decorrer do capítulo, subsídios para nossa proposta de ressignificar o ensino da Variação Linguística nas salas de aula.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS VARIÁVEIS

À luz da Sociolinguística Variacionista, concebemos a linguagem como um processo de interação social, isto é, a linguagem se realiza num contexto verbal e social dos falantes. Fica claro, portanto, que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável”. (ALKMIN, 2001, p. 21).

A linguagem está associada a valores sociais revelando características próprias de uma época, grupo social ou de uma sociedade, e, assim, o falante é apresentado socialmente pela sua linguagem. Portanto, “é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens [...] Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra”. (ALKMIN, 2001, p. 26).

Direcionando nosso trabalho para o estudo Variação, tomamos como referência a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação que ganhou legitimidade quando, em 1963, Labov publica seu trabalho referencial nesta área, sublinhando o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística. De acordo com a teoria laboviana:

A comunidade de fala não se define pela homogeneidade do comportamento linguístico dos seus membros, mas pelo sistema de valores com que julga esse comportamento e pelas tendências estruturais de mudança linguística impulsionadas na rede de relações sociais. (LUCCHESI, 2006, p. 86).

A partir de então, “o conceito de variação linguística é a espinha dorsal da Sociolinguística.” (BAGNO, 2007, p. 39). Desta forma, passamos a aplicar a concepção da língua em uso e as relações sociais entre a linguagem e interactantes

– numa perspectiva heterogênea da língua na qual o falar de todos deve ser respeitado e não rechaçado.

2.1.1 Situando a perspectiva teórica da Variação Linguística

A língua é uma atividade interativa, dialógica e é por meio dela que dois ou mais interlocutores, vivenciando um mesmo contexto social e um mesmo momento histórico, estabelecem a comunicação entre si. Diante dessa assertiva, entendemos, portanto, que os falantes/interactantes dominam a linguagem. Mesmo que cada um fale a seu modo, aproximando-se ou distanciando-se da forma socialmente prestigiada, a comunicação se realiza. As linguagens não são uniformes, homogêneas, pois são resultados das práticas sociais de seus falantes – consideramos, pois, a **heterogeneidade social**.

A sociedade é composta por diversos grupos, cada um deles com seu modo característico de falar a língua (sua **variedade** linguística), com sua dinâmica social própria, com sua cultura particular. (BAGNO, 2007, p. 1690, grifo do autor).

Devemos, pois, compreender as especificidades de determinado grupo de indivíduos/falantes. A compreensão dessas especificidades motiva o respeito e a concepção de pluralidade da língua. A sociedade comunicativa é a soma da individualidade de seus interactantes.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), a variação linguística depende de fatores socioestruturais e de fatores sociofuncionais. Os fatores estruturais representam *atributos* de um falante e fazem parte da sua própria individualidade, como idade, sexo, *status* socioeconômico e nível de escolarização. Já os fatores funcionais resultam da dinâmica das interações sociais, como a linguagem utilizada em contextos específicos, por exemplo, reuniões de trabalho diferem de reuniões familiares. Mais adiante, Bortoni-Ricardo (2004) ainda salienta que além desses fatores devemos acrescentar os fatores da própria língua: fatores linguístico-estruturais (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e até discursivos).

Em consonância com o estudo dos fatores, apresentados por Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007) descreve sete fatores extralinguísticos que auxiliam na identificação dos fenômenos da Variação Linguística. Quais sejam:

ORIGEM GEOGRÁFICA: a língua varia de um lugar para o outro; STATUS SOCIOECONÔMICO: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto; GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; IDADE: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais; SEXO: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece; MERCADO DE TRABALHO: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística; REDES SOCIAIS: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com que convive em sua rede social; comportamento linguístico. (BAGNO, 2007, p. 43-44).

Considerando as especificidades de cada grupo de falantes percebemos a interface com os fatores extralinguísticos identificados por Bagno (2007). A atuação desses fatores em determinado meio de falantes caracteriza a respectiva comunidade.

Quanto aos estudos linguísticos, no Brasil, Bagno (2007) revela que pesquisas apontam que o fator social de maior incidência, e que afeta diretamente a Variação Linguística, é o grau de escolarização que está diretamente ligada ao nível socioeconômico – quanto melhor a condição socioeconômica do falante maior é a escolarização e, por conseguinte, a ascensão social.

Esta condição leva-nos a pensar em outro aspecto – o monitoramento. Ou seja, o falante com um nível de letramento mais elevado domina melhor a língua, tendo como dispositivo o monitoramento, pois procura aplicar na esfera oral o que utiliza na esfera escrita.

Em face dos fatores aqui apresentados, consideramos, ainda, a mudança da língua, seja no aspecto sincrônico, seja no aspecto diacrônico.

O aspecto diacrônico trata do caráter dos fenômenos linguísticos sociais e culturais observados quanto à sua evolução no tempo. Para este aspecto, Alkmin (2001, p. 33) assinala que “as mudanças temporais são parte da história das línguas”. Quanto ao aspecto sincrônico – o caráter dos fenômenos linguísticos em um determinado estágio, independentemente de sua evolução no tempo. Ou seja, conforme Alkmin (op. cit., p. 34): “as variações observadas nas línguas são relacionadas a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente”.

Acerca de Variação, levando-se em conta “fatos linguísticos e fatos sociais”, Possenti (2012b), acentua o seguinte:

[...] as línguas ligam-se estreitamente a seus usuários, isto é, a outros fatos sociais. Não são sistemas que pairam acima dos que falam, e não se isentam dos valores atribuídos pelos que falam [...] as línguas variam. Não se sabe de nenhuma língua que seja uniformemente falada por velhos e jovens, homens e mulheres, pessoas mais e menos influentes, em qualquer circunstância [...] as línguas mudam. (POSSENTI, 2012b, p. 50-51).

A assertiva de Possenti (2012) corrobora como nosso pensamento de interrelação e indissociação entre língua e sociedade, visto que a dinamicidade da língua é resultado da atividade linguística de seus falantes.

Após discorrermos sobre a dinamicidade da língua e as variações linguísticas decorrentes dessa dinamicidade, passemos agora a analisar mais detalhadamente a Variação Linguística, atentando para os seus tipos.

2.1.2 Variações e Variedades Linguísticas: conceitos e contextos

A língua é heterogênea. A partir dessa definição, estudamos a concepção de variação linguística na perspectiva de um fenômeno decorrente de fatores socioestruturais, isto é, a língua em uso – a intrínseca relação entre sociedade e linguagem.

Nessa premissa, é pertinente a observação de que a Variação está presente em todos os níveis da linguagem, ou seja, como expõe Bagno (2007, p. 39-40), na: “Variação fonético-fonológica; Variação morfológica; Variação semântica; Variação lexical; Variação estilístico-pragmática”. Dessa forma, nos estudos sobre Variação, a Sociolinguística classifica este tema considerando aspectos definidos:

Variação diatópica ou variação geográfica – considera os diferentes lugares, isto é, os aspectos físicos. Trata de comparar os vários modos de falar dos habitantes das respectivas regiões. Como um exemplo macro, podemos observar as características linguísticas entre o português de Portugal e português do Brasil – no plano fonético, a pronúncia de palavras e o sotaque e quanto ao léxico, palavras que uma mesma palavra com significados distintos. Observamos estas diferenças, também, no Brasil – este país de dimensões continentais que abriga sujeitos de culturas e nações variadas – as regiões Nordeste e Sul apresentam um grande

distanciamento fonético-fonológico na pronúncia de algumas palavras e ainda, quanto ao significado de outras. De forma mais singular, percebemos alterações linguísticas, inclusive, entre falantes de um mesmo estado, conforme exemplo, no qual, Alkmin (2001, p. 350) cita que no Estado da Bahia, a origem urbana ou rural pode ser evidenciada pelo uso da expressão “de primeiro” [di primero], em lugar de “antigamente”, “anteriormente”.

Varição diastrática ou variação social – considera as diferenças linguísticas nos falantes das várias classes sociais, seja pela identidade dos falantes seja pela reorganização sociocultural da comunidade de fala (ALKMIN, op. cit.). Referindo-se a este aspecto, Alkmin (op. cit., p. 37) considera algumas esferas:

a) Classe social – diferenças entre grupos de classe social diferentes; pronúncia de *pranta* ao invés de *planta*; b) Idade – jovens utilizam um modo de falar que difere de gerações mais velhas; c) Sexo – homens e mulheres falam diferente; d) Situação ou contexto social – o falante muda sua fala de acordo com a situação vivida. Num jogo de futebol, num grupo de torcedores, o falante adequa seu modo de falar de acordo com o grupo. Se está numa audiência, diante de uma autoridade, a postura é outra. Visto que “o falante que não atender às convenções pode receber algum tipo de ‘punição’, representada, por exemplo, por um franzir de sobrancelhas.

A variação social baseia-se nas relações interpessoais dos interactantes definidas por aspectos socioculturais e contextos sociais. Tais condições promovem divergências linguísticas.

Varição diamésica – ocorre na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Logo, a comparação entre língua falada e língua escrita deve ser feita “levando em consideração os graus de maior ou menor monitoramento da atividade verbal e a distribuição dos gêneros discursivos ao longo dessa gradação”. (BAGNO, 2013, p. 69). A relação entre língua falada e língua escrita remete-nos à tradição escolar que centra o ensino na escrita construindo a ideia equivocada de que se fala da mesma maneira que se escreve (ILARI; BASSO, 2009). No entanto, ao escrever um texto podemos apagá-lo, corrigi-lo, reajustá-lo quantas vezes consideramos necessárias. Já com o texto falado o mesmo não acontece. Para tanto, este tipo de variação é marcante nos gêneros textuais, pois dependendo do gênero (falado ou escrito) a linguagem é caracterizada por estruturas, vocábulos próprios daquele gênero. Como por exemplo, um relato oral e um relato escrito. É possível identificarmos a variação diamésica na modalidade falada, considerando as marcas da oralidade.

Varição diafásica – relativo ao seu monitoramento decorrente de uma situação de comunicação para outra, compara a atividade linguística do falante em diferentes contextos de interlocução. Consideramos o contexto situacional em que se realiza a comunicação e a função deste contexto comunicativo. Tais fatores determinam a linguagem dos interlocutores, variando da esfera formal à informal. Não usamos os mesmos elementos linguísticos para, por exemplo, uma conversa descontraída com os amigos e numa reunião de trabalho com os mesmos amigos. Logo, a linguagem empregada dependerá da situação de uso da língua o que implica na abordagem do monitoramento (menos ou mais consciente), um controle maior ou menor tanto do seu comportamento social quanto comunicacional.

Varição diacrônica – comparação entre as diferentes épocas da história de uma língua, por acreditarmos na mudança da língua ao longo do tempo. A variação diacrônica é verificada ao longo do tempo de maneira lenta e gradual. Verificamos esse fenômeno quando analisamos alguns elementos linguísticos. O trema que já não é mais uma realidade na escrita das palavras de língua portuguesa; algumas gírias caem em desuso de geração para geração; a ortografia de algumas palavras é alterada do decorrer do tempo. Eventos como estes evidenciam a variação diacrônica presente em mudanças históricas ocorridas no interior da língua.

Além desta classificação, consideramos, também, a Varição estilística. A particularidade desta variação é que esta volta-se para “o modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos”. (BAGNO, 2007, p. 44-45). Observemos o exemplo dado por Alkmin (2001, p. 38) ao trata de Varição Estilística: “O contexto da ordenação jurídica, por sua vez, sugere o estudo das variedades linguísticas particulares utilizadas pelos tabeliões, advogados, juízes e promotores nos julgamentos”.

Até então, estudamos os tipos de Varição e os fatores que contribuem para a ocorrência da Varição na língua. Todavia, outro elemento merece um estudo mais apurado - As variedades linguísticas. Um tipo de Varição Linguística constitui um número de Variedades Linguísticas.

Fica evidente, pois, que o modo de falar de um grupo social pertencente a uma comunidade socioestruturada, como nordestinos (aspecto geográfico), adolescente (aspecto etário), acadêmicos (aspecto social) é denominada de Variedade Linguística. Assim “é preciso acentuar que no interior das línguas não há

variante – termo que pode dar a ideia de que uma forma deriva, bem ou mal, de outra, que é superior, melhor -, mas apenas *variedades*, isto é, formas coexistentes”. (POSSENTI, 2012b, p. 52).

É notório, portanto, que um leque de variedades se apresenta nas práticas sociais dos falantes, conforme são designadas por Bagno (2007, p.48), vejamos:

Dialeto – designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província. Socioleto – designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais. Cronoleto – designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes. Idioleto – designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças.

Cada variedade linguística tem suas especificidades e pertence a certos fatores sociais. Uma variedade linguística corresponde a um modo de falar de determinado grupo social. Esse “modo de falar” está relacionado a fatores sociais como idade, sexo, lugar de origem, classe social, grau de instrução. A reunião de fatores, com características semelhantes, constroem uma variedade linguística com especificidades próprias.

Encerrando este primeiro momento sobre Variação Linguística, fica o entendimento de que a Língua é altruísta, acolhedora e parte de todos os falantes, não cabendo, pois, segregar falantes, comunidades, falares.

Partimos desta premissa, portanto, para refletirmos o ensino da Variação Linguística em nossas salas de aula tendo como base as dimensões da Sociolinguística Variacionista que considera os aspectos sócio-histórico-culturais no efetivo uso da língua.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Utilizamos a língua nas mais diversas situações de comunicação. Especificamente, somos usuários da língua portuguesa e, sendo assim, o uso que dela fazemos no processo interativo permite enfatizar a existência de múltiplas representações desta língua sejam de ordem fonético-fonológica, morfossintática e pragmático-discursiva.

Para refletirmos acerca de tudo discutido até agora, observemos as palavras de Antunes (2003, p.174) a respeito de linguística:

As novas concepções da linguística podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia a dia. Essas concepções podem nos fazer perceber muito mais coisas que “o certo” e “o errado”, muito mais a fazer que dar nomes às coisas e aos fatos da língua. Indo além dos rótulos que a linguagem contém, para deixar-nos embriagar pela sua cor, pelo seu perfume e pelo seu sabor.

Na contramão desse pensamento, os livros de Língua Portuguesa, baseados no ensino metalinguístico da língua, priorizando a gramática normativa, definem os fenômenos e eventos de fala/escrita ali estudados como “certos” ou “errados” (ANTUNES, 2003). Mas num país de dimensões continentais e povoado por indivíduos marcados por inúmeros traços sócio-histórico-culturais é, no mínimo, simplória e questionável tal situação, uma vez que essa observação não analisa/reflete a língua no âmago de sua representação.

Concebemos a língua observando seu aspecto social e seu contexto de uso, na perspectiva da Sociolinguística Variacionista destacando os aspectos sócio-histórico-culturais que são resultados das ações dos indivíduos no meio em que estão inseridos. Não havendo, pois, homogeneidade da língua, reconhecemos, assim, a diversidade linguística do nosso Português.

Vejamos o posicionamento de Bagno (2003, p. 18) acerca do conceito de unidade da língua:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística do nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente [...] para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão.

Cabe ao professor, portanto, ser o sujeito atuante neste processo de (des) construção do ensino de língua, isto é, num processo simultâneo do ensino da Variação Linguística com foco epilinguístico, visto que:

As únicas pessoas em condições de encarar esse trabalho são os professores. Qualquer projeto que não considere ingrediente prioritário os

professores – desde que estes, por sua vez, façam o mesmo com os alunos – certamente fracassará. (POSSENTI, 2012a, p. 38).

O professor tem participação efetiva no processo de reflexão dos usos da língua. Cujo trabalho deve estar centrado na preparação de indivíduos conscientes de suas variedades linguísticas que busca a valorização da linguagem para a construção de uma identidade linguística.

Nos seus estudos sobre letramento, Kleiman (2005) apresenta a figura do agente de letramento, ou seja, o professor que está engajado e mobilizado nessa nova perspectiva de ensino – voltada para a prática sociocultural do uso da língua. E neste contexto:

O agente de letramento consegue, por meio de sua liderança, articular novas ações, mobilizando o aluno para fazer aquilo que não é imediatamente aplicável ou funcional, mas que é socialmente relevante, aquilo que vale apenas ser aprendido para que o aluno seja plenamente inserido na sociedade letrada. (KLEIMAN, 2005, p. 52-53).

Fica evidente, portanto, que o ensino da Variação Linguística nas salas de aula está intrinsicamente ligado ao professor de língua materna (embora não seja prerrogativa exclusiva deste profissional) já que seu objeto de trabalho é a língua. Para tanto, é necessária uma nova compreensão de língua e linguagem, bem como uma nova concepção de Gramática – conforme veremos mais adiante.

2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

É fato que o Livro Didático exerce um papel determinante na prática do professor de qualquer disciplina em sala de aula. É tratado além de sua finalidade, defendida nos PCN (1997, p. 67) como:

Um material de forte influência na prática de ensino brasileira [...] é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento.

O que se observa é que o livro didático, além de sua finalidade, acaba sendo o principal, se não, o único material norteador para a maioria das aulas, devido às suas próprias características – distribuição dos conteúdos em unidades que facilitam a divisão por bimestres, apresentação de objetivos que fundamentam esses

conteúdos, a gama de informações e atividades propostas e, ainda, ser o único instrumento comum entre professor e aluno o que otimiza o desenvolvimento das atividades.

Na disciplina de Língua Portuguesa esta prática não é diferente. Os professores prendem-se mais ainda a este recurso, visto que encontramos neles um vasto material (ainda que “questionável”) sobre os conteúdos a serem ministrados.

Todavia, é o professor quem atribui o grau de importância a este manual de apoio. Mesmo sendo de uso versátil – utilizado tanto na sala de aula com a orientação do professor como individualmente em casa – para os alunos, a autonomia e o entendimento do professor são determinantes para um uso equilibrado do LD. Para tanto, “é preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos”. (PCN, 1997, p. 67).

Historicamente, o livro didático era apenas “manual do professor” e não havia preocupação com o estudo de novas concepções, já que era um instrumento do professor acerca de regras e normas gramaticais da Língua Portuguesa. Estes “manuais didáticos” surgiram com a finalidade de direcionar a prática do professor em salas de aula cuja clientela era majoritariamente formada por filhos da classe dominante que já sabiam o português padrão. Configurando, portanto, o ensino tradicional centrado na gramática normativa e não havendo a preocupação de atualização desse material tampouco dos estudos gramaticais ali abordados. No entanto, com a mudança do público alvo nas escolas – ingressavam no ambiente escolar os filhos de trabalhadores – formava-se um novo cenário educacional e era imperativa a reformulação da proposta do livro didático.

Nas últimas quatro décadas, o país passou por grandes transformações sociais – sobretudo o surgimento de novas classes sociais. Estas transformações chegaram à escola pública de forma avassaladora. Um país, prioritariamente urbano (pois muitos cidadãos do interior migraram para os grandes centros urbanos) emergia e a classe trabalhadora exigia escola para seus filhos. Surgiu, então, a “democratização” do ensino. “A democratização da escola, ainda que falsa, trouxe em seu bojo outra clientela e com ela diferenças dialetais bastante acentuadas”. (GERALDI, 2012, p. 43).

As escolas, portanto, abraçavam jovens estudantes de classes sociais diversas, de falares diferentes, e com isso um maior número de professores deste

mesmo universo. Neste cenário, as demandas socioculturais na escola são infinitas, e o material produzido até então não contemplava estes novos sujeitos.

Quando em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais passaram a refletir junto aos professores a Diversidade, a Pluralidade Cultural, o tema Variação Linguística ganha força. Surgem, então, termos como letramento, tipo textual, gênero discursivo, entre outros, e variação linguística como objeto e objetivo de ensino da língua, dada à “profunda transformação do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar, seja aprender”. (BAGNO, 2007, p. 30).

Atualmente, temos um cenário em que a Variação Linguística é uma realidade e com isso gerando novas expectativas para uma nova abordagem do tema nos Livros Didáticos. Felizmente, com as novas propostas de leis parametrizadoras da educação, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), surgem uma nova concepção de livro didático e a necessidade de adequá-lo a este novo “jeito” de ensinar. Dessa maneira, constituiu-se o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Este programa avalia os livros didáticos elaborados pela iniciativa privada e que os submete ao programa; se aprovados, os Livros Didáticos de Língua Portuguesa (doravante LDP) passam a fazer parte do Guia de livros didáticos para determinado triênio. Assim, os professores de escolas públicas analisam este material e escolhem com que livro trabalhar para o triênio seguinte.

Nesta dinâmica, em se tratando de Variação Linguística – cerne de nosso estudo - consideramos que houve um avanço didático-pedagógico e dos LDP já que estes precisam se moldar a critérios avaliativos, como descritos no próprio PCN (2017, p. 14, grifo do autor):

Espera-se que as coleções construam propostas didático-pedagógicas que propiciem o desenvolvimento das capacidades e formas discursivas relacionadas aos **usos da linguagem oral**, próprios das situações formais e/ou públicas, assim como possam vivenciar outras situações de uso da linguagem oral e refletir a respeito. É imperativo, portanto, que a escola abra suas portas para refletir, valorizar e efetivamente trabalhar a variação e a heterogeneidade linguísticas, situando nessa perspectiva o tratamento didático dado às normas urbanas de prestígio.

É pertinente salientarmos o trato dos agentes públicos com essa nova abordagem do LD que considera os contextos político-sociais do alunado, a reflexão e a produção de sentido a partir dos usos da língua.

Observamos que é notória a preocupação de que o LDP garanta ao estudante:

O desenvolvimento da compreensão da variação linguística e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de forma a evitar o preconceito e valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística. (BRASIL, 2017, p. 17).

Notamos, pois, a observância do governo federal quanto à ampliação, aprimoramento e aplicação de conceitos linguísticos numa perspectiva sociolinguística, aproximando-se das ideias de linguagem como meio de interação social.

Se por um lado, observamos a preocupação dos programas que regulamentam a educação em garantir o estudo da Variação Linguística numa abordagem Sociolinguística, isto é, focada no uso da língua, por outro lado, não é o que verificamos nos livros didáticos adotados nas escolas públicas quando o assunto é Variação Linguística, pois

O que se vê nos livros didáticos em geral é a invenção de um novo conteúdo de ensino: a variação linguística, que, assim como a concordância verbal ou o trovadorismo galego-português, recebe um capítulo inteiramente dedicado a si. (GONZÁLEZ, 2015, p. 229).

O conteúdo de Variação Linguística é abordado em apenas um capítulo do 6º ano, não sendo retomado em outro momento subsequente. Observamos, ainda que as variedades estudadas são singularmente de aspectos geográficos e variedades regionais, ignorando, na maioria dos casos, as de cunho social. Por estas razões, consideramos que a abordagem dada ao tema Variação Linguística no livro didático deixa lacunas nas esferas linguística e sociocultural. Em seus estudos sobre a Variação Linguística, Faraco (2015, p. 20) ratifica este pensamento quando afirma que:

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizada, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais. Os livros didáticos deixam de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica.

Além do tratamento superficial ao tema variação linguística nos LD, outro aspecto é relevante para um estudo equivocado das variedades linguísticas em sala

de aula, as atividades que em sua maioria são de reescrita com correção (Dionísio, 2008). Acerca desta prática seria

mais eficaz se ao invés da simples reescritura na norma padrão, fosse apresentada ao aluno uma situação em que ele pudesse confrontar as formas do padrão com as formas do não padrão e chegar a formular as regras que norteiam as variedades da língua (DIONÍSIO, 2008, p. 83).

O que encontramos, geralmente para exemplificar a ocorrência da Variação Linguística, nos livros didáticos são tirinhas de Chico Bento, um samba de Adoniram Barbosa e poemas de Patativa do Assaré.

A respeito dessas representações no livro didático, Bagno (2007, p.120) afirma que:

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto”, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

Tal circunstância levanta outro questionamento em relação ao estudo da Variação Linguística em sala de aula. Se são apresentados exemplos nos LD de falantes do universo rural, por que apenas eles variam? E reforçando esta ideia, os falantes rurais, que são apresentados nos LD, são estigmatizados e cruelmente associados à pobreza e ao analfabetismo. Um reflexo, portanto, equivocado do senso comum que está estampado na maioria dos LD.

2.4 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: “CERTO” E “ERRADO” NA SALA DE AULA

Até aqui, estudamos o tema Variação Linguística numa abordagem teórica, em seguida, a perspectiva da variação retratada no Livro Didático e neste momento, deparamo-nos com a Variação Linguística na nossa prática docente. É inconcebível tratarmos da variação linguística sem antes fazermos uma reflexão sobre esta realidade tão presente em nossas salas de aula: verificamos nas relações interpessoais entre alunos; professores ou outros profissionais da educação e aluno atitudes subliminares e em momentos explícitos de preconceito linguístico. Isto se dá de forma consciente quando desdenham de outros pelo “modo de falar” ou reproduzindo uma prática considerada normal pelo senso comum.

O preconceito linguístico aqui abordado ganha *status* de estudo científico, visto que é analisado, investigado e combatido por estudiosos da língua – seguindo uma linha empírica. No entanto, no nosso cotidiano docente, este preconceito se revela de maneira corriqueira, seja entre os alunos seja por colegas de profissão em relação aos falares de alguns educandos.

Para ilustrar tal realidade, tomemos o exemplo citado por Bogo (2011, p. 1) em seu texto “Nois mudemo” o qual aborda a realidade de um aluno de escola pública, que usa uma linguagem característica da variedade linguística rural do interior do Pará. Naquela escola é rechaçado pelos colegas de turma e de outras salas. A professora, preocupada em “ensinar” a língua portuguesa – a norma-padrão, também o repreende na aula quando indagado pela sua ausência nos dias anteriores, Lúcio responde: “Nós mudemo, fessora”. Esta expressão, passa, infelizmente, a ser a identidade de Lúcio na sala, que não suportando a chacota, desiste de estudar... A falta de estudo é determinante na sua trajetória de cidadão digno. Os anos passam e Lúcio continua carregando o estigma de Nois Mudemo.

Segundo Scherre (2016, p.2), “preconceito Linguístico é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala”.

Não haveria melhor maneira para conceituar tal fenômeno, pois atrelado a estas atitudes reprováveis, temos um outro fator relevante: via de regra, o que observamos é que as variedades linguísticas mais susceptíveis a essa agressão são de falantes menos favorecidos na esfera social e ainda de grupos do interior ou da zona rural. Ou seja, encontramos, atrelado ao preconceito linguístico, um problema (também) de preconceito social, conforme postula Bagno (2003, p.16):

[...] *o preconceito linguístico não existe*. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado *preconceito social*. [...] discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade”, e a acusação da “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical.

É fato que nos grandes centros urbanos, convivem falantes de diversas variedades regionais. Este cenário é propício para a ocorrência do preconceito linguístico pois:

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARO, 2004, p. 33-34).

Nessa perspectiva, desenvolve-se a ideia do “certo” e do “errado”, segregando os falantes de uma variedade que não se enquadram à norma-padrão definida pelo grupo de maior prestígio linguístico/social.

No entanto, a ideia de “certo” e “errado” é relativa pois:

Certo é tudo o que está conforme as regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo. Considerando isso, a falta de concordância de número pode ser errada para o grupo que domina uma variedade linguística que tem esta regra ou este mecanismo. Mas para um grupo que não apresenta mecanismos de concordância e sua variedade, o errado é exatamente uma construção que exhibe todas as marcas formais explícitas de concordância. (SCHERRE, 2005, p. 18).

Restringir o falar de um grupo à ideia de “certo” ou “errado” não define o valor sociohistórico e cultural da comunidade deste grupo. O ato de rotular é uma linha tênue entre a reflexão e a utilização da linguagem. É necessária a compreensão dos fenômenos que ocorrem nas variedades linguísticas.

Quanto à construção do preconceito linguístico, Bagno (2003, p. 07) em sua obra *Preconceito Linguístico* enumera oito “mitos” que contribuem para a disseminação desse fenômeno, quais sejam:

Mito nº 1. “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Mito nº 2. “Brasileiro não sabe português/ Só em Portugal se fala bem o português”. Mito nº 3. “Português é muito difícil”. Mito nº 4. “As pessoas sem instrução falam tudo errado”. Mito nº 5. “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é no Maranhão”. Mito nº 6. “O certo é falar assim porque se escreve assim”. Mito nº 7. “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”. Mito nº 8. “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

Percebemos, portanto, que o preconceito linguístico é resultado de convenções sociais e culturais de uma comunidade onde o falante se encontra. Não há erro, o que se tem é o diferente. Não é uma questão de norma prescritiva, mas de uma variedade linguística. Reforçamos que:

As variedades não são erros, mas diferenças. Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade, em vez de outra, mas no uso de uma variedade em vez de outra numa situação em que regras sociais não abonam aquela forma de fala. (POSSENTI, 2012b, p. 52).

Dessa forma, é salutar revermos nosso conceito de “erro” quando tratamos de linguagem; pensar em inadequações nos permite estudar a linguagem num contexto social, distanciando do modelo prescritivo e normativo ainda tão enraizado nas salas de aula.

Na contramão destes pensamentos, o preconceito linguístico é reforçado na mídia, em obras literárias, no meio acadêmico e, por conseguinte, torna-se do senso comum.

Em meio a esse imbróglio, estamos nós, professores, seguindo os livros didáticos, conscientes da incipiência do conteúdo, mas diante de uma sociedade que equivocadamente questiona o ensino da língua portuguesa nas salas de aula. É comum escutarmos os discursos de que “professor não ensina português – meu filho não estuda verbo, substantivo, crase”. A respeito dessa problemática, Neves (2000, p.52) postula que:

A escola tem a obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, tem de garantir que seu alunos entendam que têm de adequar registros e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensão e de frouxidão, em conformidade com as situações de produção.

Cabe ao professor, pois, observar a ideia de “inadequações da linguagem” conforme Possenti (2012), a fim de trabalhar o ensino da língua portuguesa além dos conceitos gramaticais e atingindo as esferas sociais da língua.

Corroborando com este pensamento Bortoni-Ricardo (2004, p.38) referencia que:

[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.

Fica claro, portanto, que está nas mãos dos professores uma mudança de atitude. Cabe ao professor oportunizar aos alunos esta reflexão sobre o uso da

língua e sua diversidade linguística, a fim de minimizar as diferenças de ordem linguística nas escolas.

Asseguramos, portanto, que em se tratando de falares não há “certo” e “errado”, “melhor” e “pior”, “bem” e “mal”. Pensemos o ensino da variação linguística pelo viés das inadequações da linguagem, desconstruindo o preconceito linguístico e implementando o valor das variedades linguísticas.

Todavia, percebemos que o preconceito linguístico encontra terreno fértil na sala de aula quando, neste ambiente, o estudo da língua portuguesa é direcionado por um ensino equivocado restrito aos conceitos da metalinguagem. Urge discutirmos que gramática ensinar na sala de aula.

2.4.1 Uma Gramática do “Certo” e do “Errado”

Que gramática ensinar na sala de aula? Entendemos *Gramática* neste contexto como “conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua” (ANTUNES, 2003, p. 85). Portanto, este questionamento está diretamente ligado à ideia de que, no processo ensino-aprendizagem, o aluno deve aprender regras para falar e escrever corretamente – uma visão difundida entre profissionais de educação, incluindo “intelectuais” e reproduzida pelo senso comum (a sociedade de maneira geral).

No entanto, esta temática é colocada em xeque, quando refletimos sobre interação e comunicação linguísticas. O dinamismo linguístico nos leva a refletir sobre o uso efetivo da língua. Assim, a gramática deve estar a serviço deste mesmo fim – isto é, o ensino dos conteúdos gramaticais é um evento social, não podendo ser tratado de maneira isolada, descontextualizado, ficando no plano descritivo e prescritivo de regras, normas. O foco gramatical é no uso da língua, com as peculiaridades, “exigências” ou “restrições” pelo seu funcionamento.

Corroborando com esse pensamento, Antunes (2003, p. 88) afirma que:

A questão maior não é *ensinar ou não ensinar gramática*. Por sinal, essa não é uma questão, uma vez que não se pode falar nem escrever sem gramática. A questão maior é discernir sobre *o objeto do ensino*: as regras (mais precisamente: as regularidades) de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos.

Assim, na tentativa de (res) significar o ensino de gramática na sala de aula, numa perspectiva reflexiva, dinâmica e significativa para os alunos a fim de que eles comecem a compreender o funcionamento da língua e passem a pensar nos usos em seus mais variados eventos de comunicação, é que passamos a discutir sobre as concepções de gramática.

Conforme ressalta Oliveira (2010, p. 234):

A chave para a mudança na forma de os professores ensinarem gramática não reside na adoção de um termo, *análise linguística*, e no abandono de outro, *ensino de gramática*. Reside na conscientização do professor a respeito das concepções de língua e de gramática que eles adotam, as quais exercem influência determinante na sua prática pedagógica. Sem essa conscientização, os termos não passam de termos.

Não devemos nos prender a conceitos superficialmente estruturados de língua e gramática. Compreender as concepções de língua e gramática e dinâmica desses eventos levará a uma consciência plena para o ensino eficaz e eficiente da língua.

Gramática é uma palavra polissêmica e seus significados confundem-se: a grosso modo, podemos entender por gramática a disciplina curricular que trata do estudo dos conteúdos gramaticais. É, ainda, a obra/livro/compêndio que trata da apresentação e descrição desses conteúdos com parâmetros de certo e errado, sem possibilidades para a produção de sentido ou emissão de juízo de valor. Tais entendimentos não são objetos de nossa reflexão, porém são relevantes dada a importância de se ponderar e entender as várias vertentes designadas para o termo gramática.

Possenti (2012b, p. 47) apresenta o termo gramática – “conjunto de regras linguísticas” em três conceitos distintos:

1. No sentido mais comum, o termo *gramática* designa um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem “falar e escrever corretamente”. 2. Gramática [...] conjunto de leis que regem a estruturação real de enunciados produzidos por falantes, regras que são utilizadas. 3. A palavra gramática designa o conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e do qual lança mão ao falar. É preciso que fique claro que sempre que alguém fala o faz segundo regras de uma certa gramática [...] o conjunto de regras linguísticas que um falante conhece constitui a sua gramática, o seu repertório linguístico.

Analisando estas acepções concluímos que o item 2, em consonância com o item 3, seria a melhor indicação para o ensino de gramática em sala de aula. Se

optarmos pelo modelo 1, estamos fadados ao fracasso. Visto que está distante da realidade dos nossos alunos, sendo, pois, um ensino limitado.

Após leituras teóricas de autores como Travaglia (2009), Possenti (2012), Antunes (2003), entre outros, definimos gramática em três acepções:

- Gramática normativa – compreende as regras de língua padrão – todos os falantes devem seguir estas regras. (certo/errado)
- Gramática descritiva – compreende as regras seguidas pelos falantes de uma variedade descrita.
- Gramática internalizada – compreende as regras que o falante domina a partir do conhecimento implícito, não consciente que ele tem da língua.

Traçando um paralelo entre os conceitos de gramática, vistos acima, fica clara a necessidade de nos afastarmos do ensino insípido, incolor e inodoro da gramática tradicional (fazendo uma analogia aos sentidos do corpo humano). Regras e normas que não levam o aluno a pensar, a agregar valores desconstroem a função social da língua. Reduzem a linguagem a um evento mecânico.

A gramática tradicional tenta descrever o funcionamento da língua de maneira estanque, procurando abranger o maior número possível de elementos dela. No entanto, a língua não é estática; então, as “teorias” propostas pela gramática tradicional não acompanham essas mudanças porque quase sempre não são atualizadas.

Para Travaglia (2009, p. 109), o ensino de gramática deve estar focado em quatro formas: “a) Uma gramática de uso; b) Uma gramática reflexiva; c) Uma gramática teórica; d) Uma gramática normativa”.

A gramática de uso está ligada ao que conhecemos como gramática internalizada. Cabe ao professor um conhecimento maior sobre a língua a fim de que sejam desenvolvidas atividades em que os alunos desenvolvam *automatismos de uso das unidades, regras e princípios da língua*. A gramática reflexiva baseia-se no conhecimento intuitivo que o falante tem dos mecanismos da língua. A gramática teórica fundamenta-se na construção de conceitos teóricos das estruturas linguísticas, não tem caráter prescritivo. Já a gramática normativa caracteriza-se pela apresentação de um conjunto de *normas de bom uso da língua, para falar e escrever bem*.

Diante das concepções de gramáticas aqui tratadas fica evidente um ensino de gramática que ultrapasse o paradigma do “certo” ou “errado”, do “é assim”, e atinja as esferas do “adequado” e “inadequado”, exigindo de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e falantes da língua materna – a compreensão de fenômenos linguísticos numa perspectiva plural, ou seja, não “é assim”, mas “pode ser assim ou assim”, dependendo do contexto em que a comunicação se desenvolve.

Desta feita, Travaglia (2009, p. 108) propõe que o ensino de gramática seja:

Basicamente voltado para uma gramática de uso e para uma gramática reflexiva, com o auxílio de um pouco de gramática teórica e normativa, mas tendo sempre em mente a questão da interação numa situação específica de comunicação e ainda o que faz da sequência linguística um texto que é exatamente a possibilidade de estabelecer um efeito de sentido, uma unidade de sentido para o texto como um todo.

Então, ensinar gramática é estudar as estruturas linguísticas reconhecendo a dinamicidade da língua e o caráter interacional da linguagem, num espaço onde os falantes sejam sujeitos deste processo e não, apenas, coadjuvantes.

Acerca das perspectivas de Gramática apresentadas até então, à luz de teóricos como Travaglia (2009), Possenti (2012), Antunes (2003), acreditamos que nosso estudo contempla a concepção de Gramática de uso de caráter reflexivo focado na interação comunicacional. Refletir o uso da linguagem para a construção de sentido a partir dos elementos linguísticos do texto.

Destarte, para o ensino dessa gramática e um estudo eficiente e eficaz da língua, os gêneros do discurso apresentam-se como instrumento viável e adequado. Visto que é na tessitura do texto que reconhecemos elementos constitutivos para a compreensão do dinamismo do uso da língua. Neste ínterim, é pertinente uma análise das perspectivas de gêneros.

3 A LÍNGUA EM USO: OS GÊNEROS EM EVIDÊNCIA

Neste capítulo, pretendemos rever as concepções teóricas de língua e linguagem, discurso e gêneros do discurso, partindo da perspectiva bakhtiniana – de língua com interação verbal, e enveredando pela teoria Sociolinguística Variacionista – a língua em uso a fim de fundamentar nosso trabalho no que diz respeito à construção e produção de sentido no texto.

3.1. OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS PRÁTICAS SOCIAIS

Inicialmente, consideramos pertinente apresentarmos a concepção de gênero para os filósofos Platão e Aristóteles, já que eles foram os primeiros “estudiosos” a definir um conceito de gênero e a fazer uso deste conceito/nomenclatura. Ressaltamos que a concepção de gênero, para Platão e Aristóteles, está diretamente ligada à literatura e à retórica. Estes filósofos gregos limitaram-se a conceber gênero apenas em dois aspectos: na sua especificidade e nas diferenças entre si, separando-os, assim, no que conhecemos em lírico, épico e dramático, conforme aborda Coelho (1986, p. 39):

Segundo a teoria aristotélica (exposta na *Poética*), havia três gêneros de manifestação literária: o *Lírico*, o *Épico* e o *Dramático*, correspondendo cada um deles à *expressão* de determinada experiência humana.

Observamos, portanto, que não havia preocupação em analisar as relações de interação e dialogismo por meio da linguagem. Aspectos trabalhados, posteriormente por Bakhtin, que desenvolveu seus estudos à luz da linguagem como prática social – fundamentação para o embasamento da nossa pesquisa.

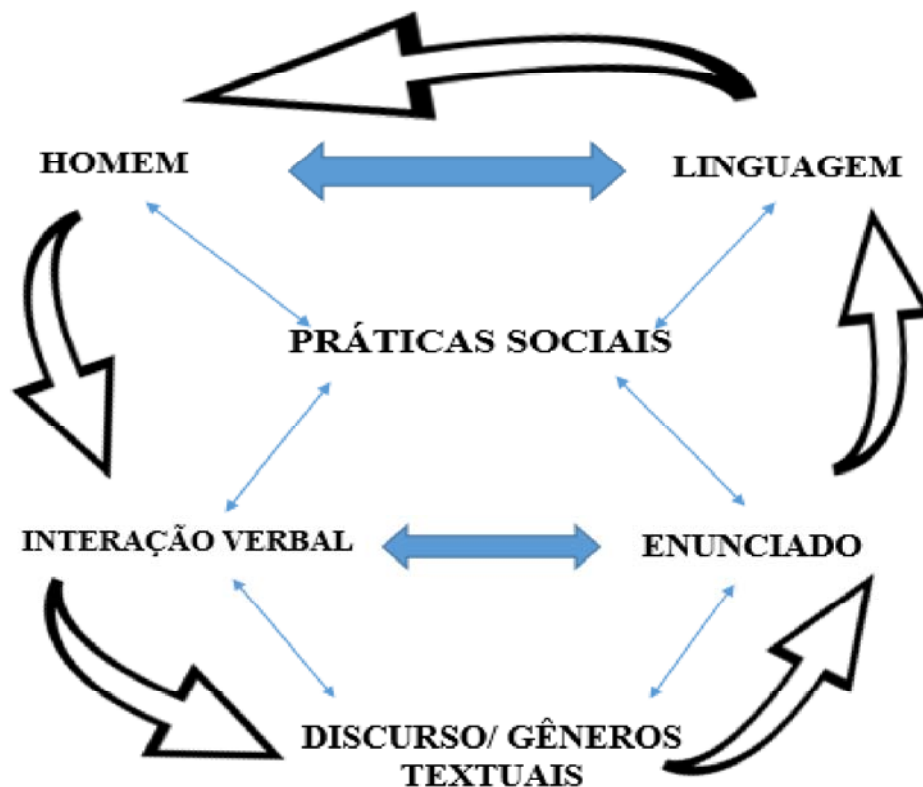
Bakhtin (1997) não ignorou o que afirmaram Platão e Aristóteles, mas propõe um estudo de gêneros pautado no “enunciado” e na interação verbal. Conforme postula:

Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários*. Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza *verbal* (linguística). (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Com esta abordagem sobre gêneros, Bakhtin amplia a ideia de gêneros do discurso fundamentados na perspectiva de enunciado e interação verbal.

De acordo com a teoria bakhtiniana e baseados em termos significativos recorrentes nesta teoria, entendemos o conceito de gênero seguindo o organograma abaixo:

FIGURA 1 - Organograma representativo do conceito de gênero.



Fonte: Autoria própria.

O **homem** domina a **linguagem** para suas atividades comunicativas, constituindo-se numa **prática social** – uma via de mão dupla – onde a **interação verbal** (o dialogismo), em conformidade com o **enunciado** (com o que se quer proferir – respeitando o contexto, a finalidade, a forma) constroem o **discurso**; a interdependência e a dinâmica destes elementos resultam o **gênero do discurso**.

Quanto ao surgimento de um grande número de gêneros e suas implicações, Bakhtin (1997, p. 280) reitera que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa

atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Os gêneros do discurso atendem a uma demanda, necessidades, exigências específicas da interação verbal, resultante, portanto, das práticas sociais de seus interlocutores.

Não obstante, entendemos por discurso toda produção de sentido realizada pelo homem através da linguagem. Assim, o discurso é resultado das condições histórico-sociais do falante. Para cada situação que se faz uso da linguagem, um discurso é produzido. Logo, considerando as esferas da atividade em que o falante/escritor está inserido apresenta-se um gênero do discurso. Considerando a dinamicidade da língua, isto é, estar sempre em movimento, transformação e adequação à demanda/necessidade do indivíduo de se comunicar nas mais diversas situações que surgem, fica claro o surgimento de um gênero discursivo sempre que necessário para atender a esta demanda/necessidade. Gêneros discursivos são, portanto, o uso da linguagem, respeitando formas-padrão do ato comunicativo.

Neste ato de comunicação social, o discurso é proferido segundo um elemento novo e determinante para a compreensão do evento, o enunciado.

Dessa forma, é imprescindível entendermos que enunciado é:

Um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p. 317).

O enunciado, conforme estabelece a teoria bakhtiniana, é singular, ele não é repensado, repetido, recriado, ele é citado e resulta de todos os discursos já proferidos antes. Reúne todas as circunstâncias que definem o gênero do discurso que será trabalhado. A finalidade do enunciado é restrita e exclusivamente social, pois é responsável pela interação e comunicação entre o EU e o VOCÊ, ou seja, entre o sujeito e o outro – para quem o discurso é produzido. Daí enfatizar que a linguagem é duplamente dialógica, pois tem a ver com outros discursos anteriormente produzidos em determinadas condições de produção, bem como por estar sempre, seja na modalidade oral ou escrita, direcionada a outrem.

Obedecendo a dinâmica da língua, os gêneros do discurso, segundo Bakhtin, são classificados em primários e secundários. Entendemos por gêneros primários aqueles ligados à oralidade ou que fazem parte do cotidiano do homem, como conversas informais, e escrita de bilhetes – situações onde não se exige eventos mais elaborados; já os gêneros secundários requerem uma maior atenção do sujeito para a construção dos mesmos, como produção de um artigo, de uma palestra, entre outros.

Relativizando as manifestações da linguagem, seja na esfera oral ou na esfera escrita, e ressaltando o aspecto heterogêneo da língua, Bakhtin (1997, p. 282) ressalta que:

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Reiteramos, pois, que um gênero não é um todo estanque, “pronto e acabado”; os gêneros surgem, moldam-se, adequam-se de acordo com as necessidades/demandas e exigências das ações do homem – movimentos sociais de caráter histórico, cultural e ideológico. O que devemos ter em mente é que:

Os gêneros novos, entretanto, ao surgirem ancoram-se em outros já existentes, eles não nascem do nada, como criações totalmente inovadoras; mas, como toda atividade de linguagem, sua gênese revela uma história, um enraizamento em outro(s) gênero(s) [...] Dessa forma, no gênero sempre existe um duplo movimento: repetição e mudança, isto é, uma tensão entre aspectos que permanecem e, portanto, nos possibilitam a reconhecer o gênero e aspectos que forçam a incorporar elementos novos, variáveis que provocam a mudança. (BRANDÃO, 2006, p. 20).

Embora um gênero tenha surgido a fim de suprir ou adequar-se a uma necessidade vigente, este tem elementos característicos de outros gêneros já em circulação. Isto é, mesmo ocorrendo em meio à contemporaneidade este gênero não é inédito, como por exemplo, o e-mail que apresenta os mesmos elementos de uma carta pessoal, um bilhete.

Diante do que discorreremos sobre gêneros é imprescindível analisarmos a composição destes. Retomamos Bakhtin (1997), pois este afirma que todo gênero é composto de forma, conteúdo e estilo. E estas características garantem a distinção da infinita variedade dos gêneros. Assim:

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Compreendemos que o conteúdo temático está ligado ao que se quer dizer e, à intenção do falante/ouvinte (num documento oficial, por exemplo, a linguagem empregada difere da linguagem utilizada num bilhete); a construção composicional corresponde à estrutura do gênero – muitos gêneros são reconhecidos facilmente por sua estrutura, como uma receita de bolo, por exemplo, a disposição do texto, sugere orientações a serem seguidas; o estilo é a maneira utilizada pelo sujeito para proferir seu discurso. Estes elementos fundem-se harmonicamente no enunciado – evento comunicativo que se dá nas esferas (orais e escritas) da atividade.

Até aqui tratamos o conceito de gênero como gênero discursivo numa abordagem bakhtiniana. No entanto, o estudo dos gêneros fundamentados na teoria de Bakhtin (1995; 1997) ganha contribuições de estudiosos como Marcuschi (2008) e Koch e Elias (2006), dentre outros.

Para Marcuschi (2008, p.155):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...] são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas [...] admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos).

Salientamos que a partir das palavras de Marcuschi (2008), registraremos gênero discursivo/textual, ou seja, utilizaremos um termo pelo outro, pois, embora seja fato que a perspectiva teórica de gêneros de Bakhtin (1995; 1997) e de Marcuschi (2008) abordem aspectos conceituais diferentes, para nossa pesquisa essas diferenças não são relevantes.

Ao definirmos o conceito de gênero discursivo/textual, costumamos enveredar pelo aspecto social, interacional entre os sujeitos; e atribuímos ao discurso

proferido, a competência de promover uma mudança no outro/sujeito. Contudo, é relevante a reflexão de *gêneros textuais como sistema de controle social*, visto que aquele que domina uma maior variedade de gêneros e, que usa estes gêneros com propriedade, coloca-se numa posição superior em relação ao outro (MARCUSCHI, 2008).

Dessa forma, um sujeito que em suas práticas sociais produz gêneros, de cunho teórico-científico, documental, literário, jurídico, por exemplo, garante uma certa ascensão e inclusão social, respaldados pelos gêneros produzidos em detrimento de outros sujeitos que desconhecem estas atividades comunicativas. No ambiente escolar acontece algo semelhante: nós, professores de Língua Portuguesa temos *status* de “sábios” diante dos colegas das demais disciplinas, pois para a comunidade escolar: alunos, pais e até colegas de profissão somos uma sumidade acerca dos estudos da língua materna.

Sobre o controle social dos gêneros, Marcuschi (2008, p. 161) postula que “os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia”. Fica evidente, pois, o aspecto controlador/influenciador dos gêneros discursivos/textuais. Saber construir, aplicar os gêneros é garantia de superioridade em relação ao outro/sujeito.

Numa mesma abordagem de práticas discursivas Koch e Elias (2006, p.106) afirmam que:

[...] os gêneros textuais - práticas sociocomunicativas – são constituídos de um determinado modo, com uma certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re) conhecê-los e produzi-los, sempre que necessário.

Enfatizamos o aspecto social dos gêneros. A atividade comunicativa se realiza na relação dos interactantes respeitando aspectos dessa interação.

Ainda sobre a composição de um gênero, Koch e Elias (2006, p.107) afirmam que:

Trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação verbal [...] É marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolavelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição.

O gênero não um conjunto aleatório de estruturas e elementos linguísticos nem é restrito aos termos metalinguísticos. Os gêneros são pautados nas esferas sociais de usos da língua e estão a serviço dos interesses dos interlocutores.

Construímos, assim, nossa concepção de gênero considerando a estrutura segundo Bakhtin (1997) e o suporte, segundo Marcuschi (2008). Acrescentamos a estes a veiculação – se circula em ambientes públicos ou privados e a função social. Outros aspectos serão observados no tópico seguinte para embasar nossa concepção de gênero digital.

3.2 GÊNEROS DIGITAIS: A AMPLIAÇÃO DA LINGUAGEM EM OUTROS AMBIENTES

Concebemos a linguagem enquanto prática social, ou seja, evento realizado pelos sujeitos em suas relações sociais. Deixemos, portanto, evidente a equação Linguagem = Prática Social. Ratificando esta concepção de linguagem, observamos o que postula Franchi (1992, p.9):

Certamente a linguagem é utilizada como instrumento de comunicação, por ela, comunicamos aos outros, nossas experiências e estabelecemos com os outros laços “contratuais” porque interagimos e nos compreendemos, influenciamos os outros com nossas opiniões relativas ao modo peculiar de se ver e sentir o mundo, com decisões consequentes sobre o modo de atuar nele.

Tal ideia aponta para o uso da língua, isto é, o evento em movimento. O homem expressa-se pela linguagem. Ao exercitá-la, aquele que fala/ouve ou escreve/lê passa a construir discursos e estes discursos são ações comunicativas entre os falantes de uma língua que se estabelecem como práticas produtoras de sentido, pois:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *Interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1995, p.123).

Ao pensarmos na língua como interação verbal fica evidente o caráter social da língua. Logo, aqueles que atuam como interlocutores no processo comunicativo são indivíduos constituídos de fatores que definem, caracterizam seu discurso.

Nesse sentido, fatores relacionados à historicidade, ao espaço geográfico, valores culturais, sociais, crenças, etc; tecem uma rede de informação e conhecimento que fundamentam sua respectiva ideologia. Assim, este evento é permeado, numa condição *sine qua non*, de ideologias, haja vista que não existe discurso neutro ou dissociado de intenção comunicativa nas mais diversas situações.

Para a produção de sentido em seu discurso, o indivíduo faz uso de mecanismos extralinguísticos como conhecimento do assunto, consciência do meio em que está inserido, finalidade, entre outros fatores. Assim, essa prática pode se dar de forma clara, objetiva ou ficar no plano dos subentendidos, dos implícitos, da rede discursiva que permite construir um novo sentido a partir da noção dialógica com que se relaciona.

Após esta sumária discussão em face do que se reconhece como discurso, urge, desmistificar algumas informações erroneamente disseminadas em relação a sua representação e caracterização no arcabouço teórico-metodológico dos estudos da linguagem. Para o senso comum, a ideia de discurso está diretamente ligada à oralidade, mais especificamente à fala – quando um indivíduo faz uso dela para expressar suas opiniões – seja por exemplo o discurso de um político, o discurso de um religioso, o discurso de um orador de turma, o discurso de um palestrante sobre motivação, entre outros. Acrescente-se a isto a ideia muito propagada de que discurso tem a ver com efeitos retóricos, com a ação do bem falar, do bem expressar-se.

No entanto, se enveredarmos por um caminho mais abstrato, chegaremos à conclusão de que o discurso envolve muito mais do que o efeito retórico, transcende a ideia de estar, necessariamente, ligado à oralidade, mas, e sobretudo, tem a ver com a produção e efeitos de sentido, intenções, ideologias. Portanto, não fiquemos apenas na análise em referência ao plano superficial, concreto, formal, uma vez que é preciso analisar a língua no âmbito de questões abstratas e pragmáticas, visto que, como nos lembra Bakhtin (1997, p. 280): “todas as atividades humanas, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com o uso da língua”.

Outrossim, para a representação discursiva, a linguagem não deve ser vista apenas pelo aspecto gramatical, mas deve ser entendida e explorada considerando-se os aspectos ideológicos. Destarte, elementos sociais e culturais que fundamentam uma ideologia estão presentes e refletidos na produção do discurso por um sujeito histórica e geograficamente situado.

Ademais, com o advento da tecnologia ampliam-se os eventos de linguagem, é notória uma mudança e criação instantânea das muitas novas formas de comunicação ligadas a outros eventos sociais: as conversas físicas trocadas por bate-papos virtuais; cartas substituídas por e-mails; mensagens no celular ao invés de recados e bilhetes escritos. Surgiram os gêneros digitais e com eles novos meios de comunicação e alteração de outros. Todavia, vale ressaltar que embora novas alternativas de comunicação tenham surgido ou se modernizado, a comunicação mantém-se centrada na relação dialógica EU/VOCÊ.

A contemporaneidade trouxe-nos um conceito de atividade humana intensa. E, assim a comunicação também é parte desta intensa mudança. Falar em comunicação leva-nos à reflexão dos gêneros, pois a partir das demandas sociais surgem novos gêneros em função de condições sócio-discursivas. Pois, assim como surgem a partir das necessidades sociais também podem desaparecer.

Ampliaram-se os ambientes de veiculação dos gêneros discursivos/textuais e neste novo cenário a linguagem também é (re) significada. Deixamos de conceber a linguagem como interação humana apenas no aspecto físico natural, e ganhando contornos do plano virtual com ênfase para a semiótica e o multimodal. Reiteramos que “texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição.” (Rojo, 2015, p.108). Neste cenário, Machado (2003) observa que:

Tal é o campo potencial para a explorar as esferas de usos da linguagem, ou os gêneros, que marcam a explosão dos sistemas comunicativos. Linguagem não é mais propriedade da língua natural nem se limita à palavra. Mais do que nunca, é sistema de signos e, portanto, mediação [...] A comunicação mediada por meios, sejam rádios, satélites, bits, continua produzindo mensagens, logo continua produzindo gêneros e discursos. (MACHADO, 2003, p. 120).

A linguagem amplia-se em outros ambientes. Os interlocutores utilizam-se de outros mecanismos e ferramentas para a atividade comunicativa. As práticas sociais realizam-se em gêneros digitais.

Corroborando com esse pensamento, Marcuschi e Xavier (2010, p. 209) afirmam que:

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital.

Fica claro, portanto, o estudo dos gêneros no ambiente virtual, com características singulares e inovadoras, que envolvam o global, a dinamização e a volatilidade do evento – um fenômeno tecnológico.

Para caracterizarmos os gêneros digitais, contemplamos um aspecto relevante dos gêneros tratado por Marcuschi (2008) – o suporte, isto é, em que ou qual o meio utilizado para a apresentação e veiculação de um gênero. Assim, tomemos as palavras de Marcuschi (2008, p.174) sobre o suporte:

Há que se considerar esse aspecto como um caso de co-emergência, já que o gênero ocorre (surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente. *Um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.*

Registramos que os gêneros aqui tratados circulam em suporte virtual. A respeito de suportes, Xavier (2005, p. 8) pontua que:

Essa variação de suportes vai ampliar a experiência de leitura destes aprendizes que são privilegiados por viverem esse momento de transição do papel (analógico) para a tela (digital), no qual experimentam a simultaneidade de semioses e vivenciam a clipagem das linguagens.

Aqueles que interagem no ambiente virtual experimentam uma linguagem multi e plurissignificativa.

Para Marcuschi (2008) os gêneros veiculados neste ambiente virtual, no advento digital, são concebidos como gêneros emergentes. O teórico reconhece a dinamicidade, efervescência e relevância desses “novos” gêneros neste cenário de

pós-modernidade em que a internet continua evoluindo de forma assustadora, versátil num processo de transmutação. Afinal:

Estamos caminhando para uma nova fase de convergência e integração das mídias: tudo começa a integrar-se com tudo, a falar com tudo e com todos. Tudo pode ser divulgado em alguma mídia. Todos podem ser produtores e consumidores de informação. A digitalização traz a multiplicação de possibilidades de escolha, de interação. A mobilidade e a virtualização nos libertam dos espaços e dos tempos rígidos, previsíveis, determinados. (MORAN, 2013, p. 14).

É imperativa essa compreensão de uma realidade digital emergente – a interação sai da esfera física e ganha corpo no espaço virtual.

Na interface com os gêneros já existentes, Marcuschi (2010, p.36) apresenta um quadro “com os gêneros emergentes e suas contrapartes preexistentes, [...] um paralelo formal e funcional entre gêneros novos e antigos”. (VIDE QUADRO 1).

QUADRO 1- Gêneros textuais emergentes na mídia virtual e suas contrapartes em gêneros preexistentes

| Nº | Gêneros emergentes | Gêneros já existentes |
|----|---|--------------------------------------|
| 1 | <i>E-mail</i> | Carta pessoal/bilhete/correio |
| 2 | Chat em aberto | Conversações (em grupos abertos) |
| 3 | Chat reservado | Conversações duais (casuais) |
| 4 | Chat ICQ (agendado) | Encontros pessoais (agendados?) |
| 5 | Chat em salas privadas | Conversações (fechadas?) |
| 6 | Entrevista com convidado | Entrevista com pessoa convidada |
| 7 | <i>E-mail</i> educacional (aula por <i>e-mail</i>) | Aulas por correspondência |
| 8 | Aula-chat (aulas virtuais) | Aulas presenciais |
| 9 | Videoconferência interativa | Reunião de grupo/conferência/debate |
| 10 | Lista de discussão | Circulares/séries de circulares (?) |
| 11 | Endereço eletrônico | Endereço postal |
| 12 | Blog | Diário pessoal, anotações, agendadas |

Fonte: Marcuschi (2010, p. 37).

Mesmo circulando em suportes distintos os gêneros apresentam especificidades comuns, confirmando a concepção de que um gênero surge a partir de outro já em circulação. O ambiente virtual adéqua, altera gêneros preexistentes agregando a estas particularidades do meio digital, surgindo, por conseguinte os

gêneros digitais. E estes estão em constante aprimoramento tendo em vista a dinamicidade da língua e sua atuação social.

Dada a volatilidade do mundo virtual, considerando a contemporaneidade da linguagem, encontramos outros gêneros que se afinam às características de gêneros emergentes conceituados por Marcuschi (2010). Dentre estes estão gêneros multimodais e multissemióticos como hipercontos, charges virtuais, mensagens/emocions, gif, tweet e os memes. Segundo Dionísio (2011), as novas tecnologias favorecem a criação de novas imagens que só são possíveis pela junção de textos multimodais e multissemióticos.

Diante do que foi apresentado, defendemos, então, a concepção de gênero digital pelo “aspecto sociocomunicativo e as atividades desenvolvidas que caracterizam o gênero”. (MARCUSCHI, 2010, p. 40).

É pertinente, portanto, uma reflexão sobre os novos rumos da linguagem – uma via de mão dupla – o resultado das novas tecnologias na linguagem e qual a função da linguagem nessas tecnologias.

Nesta conjuntura, é relevante compreendermos que:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Produzimos, portanto textos para serem lidos pelos nossos sentidos. (DIONÍSIO; VASCONCELOS, 2013, p.19).

Vivemos, então, a era da interação, somos sujeitos do processo midiático e imediato. Assim, Rojo (2012) chama nossa atenção para a lógica interativo-colaborativa das novas ferramentas, visto que:

Nessa mídia, nossas ações puderam, cada vez mais, permitir a interação também com outros humanos (em trocas eletrônicas de mensagens, síncronas e assíncronas; na postagem de nossas ideias e textos, com ou sem comentários de outros; no diálogo entre textos em rede [hipertextos]; nas redes sociais; em programas colaborativos nas nuvens). (ROJO, 2012, p. 24).

Evidencia-se, então, o contexto plural dos gêneros digitais – seja pelo ambiente virtual seja pelo aspecto multissemiótico. Temos, por fim, um novo espaço para a produção de conhecimento agregando leitura e construção de sentido.

Ademais, concebemos os gêneros abordados neste estudo como gêneros digitais visto que atendem aos critérios postulados entre os teóricos para este tipo de gênero: quanto à composição – forma, conteúdo e estilo (BAKHTIN, 1997) e quanto ao suporte – virtual (MARCUSCHI, 2008). No universo dos gêneros digitais elegemos como *corpus* da nossa pesquisa gênero digital *meme* Bode Gaiato.

3.3 O MEME “BODE GAIATO”: (RE) CONSTRUINDO A LINGUAGEM NO AMBIENTE VIRTUAL

O termo “meme” surge em 1976 com o autor Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta*, cujo tema abordado é a evolução cultural. A nomenclatura é apresentada numa analogia à teoria darwiniana da evolução das espécies centrada no “gene”. Para Dawkins, o “meme” é a representação de uma evolução cultural que transforma e reorganiza as sociedades, pois funciona como um gene numa memória individual podendo ser copiada, ampliada e disseminada.

Já nos dias de hoje, no universo da internet, os *memes* circulam em espaço específico com grande velocidade, com um grande poder de comunicação e construção de sentidos, considerando seus aspectos multimodais e semióticos. Neste pensamento Carvalho e Kramer (2013, p. 86) postulam que os memes “são modismos usados durante um período de tempo, muito populares nas comunicações por redes”. O modismo está ligado ao fato de que os *memes* reproduzem um certo contexto sociocultural. O *meme* é circunstancial, isto é, surge e desenvolve-se a partir de determinado fato/acontecimento em evidência na sociedade.

No espaço digital, os *memes* disseminam instantaneamente contextos comportamentais e culturais entre indivíduos que se familiarizam em aspectos sociais, culturais e históricos abordados pelos mesmos. A respeito deste fenômeno Martino (2015, p. 178) postula que:

Os memes são transmitidos, primordialmente, entre indivíduos. No entanto, por conta da velocidade e alcance de sua disseminação, se tornam fenômenos culturais e sociais que ultrapassam a ligação entre pessoas. Essa relação (...) tornam os memes particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea.

Vemos que essa interação no compartilhamento dos *memes* é de cunho ideológico visto que a ideia ou intenção ali expostas fazem sentido para os interactantes da ação pois “os memes são compartilhados nas redes sociais digitais pelo mesmo motivo que pessoas contam piadas ou histórias” (MARTINO, 2015, 179).

Evidencia-se, ainda, a relação dialógica da linguagem nos gêneros digitais *memes*, seja pelo aspecto interacional entre o EU e o VOCÊ, seja na perspectiva do discurso proferido anteriormente.

Vale ressaltar que, como um evento de compartilhamento de relações interpessoais, os memes “moldam pensamentos, formas de comportamento e ações de grupos sociais” (SHIFMAN, 2014, p. 18). Dessa maneira, é valoroso o estudo do *meme* numa abordagem sociolinguística, buscando relacionar o poder de difusão deste gênero digital como elemento de disseminação de aspectos da linguagem, em especial a Variação linguística.

Dentre as mais diversificadas estruturas textuais que são definidas como gênero digital encontra-se a *fanpage* Bode Gaiato – veiculada inicialmente como uma comunidade virtual no *facebook* e disseminada de forma mais instantânea por um aplicativo no celular e pelo *WhatsApp*. Neste ambiente, toma a forma de outro gênero virtual emergente – o *meme*. Estes dois suportes são responsáveis pela massificação deste texto virtual entre os *cibernautas* – interactantes do ambiente virtual, e, particularmente, os jovens em idade escolar.

Asseguramos que o *meme* é um gênero digital tendo em vista ser um gênero que circula há poucos anos no ambiente virtual. As informações a respeito deste gênero são relativamente insuficientes.

Contudo, num estudo, por analogia, tomando como parâmetros os elementos que sustentam a concepção de outros gêneros que têm como suporte o espaço virtual, consideramos o *meme* um gênero digital. Vale salientar que os *memes* circulam na internet em formatos variados: vídeos, textos, imagens, *links* e *viralizam* em blogs e redes sociais.

Corroborando com este aspecto, Martino (2015, p. 177-178) afirma que “imagens, sons, gestos, palavras, melodias, jeitos de se vestir e até mesmo elementos complexos como crenças ou rituais se disseminam pela sociedade na forma de meme”. Ressaltamos, ainda que os *memes*, do nosso objeto de estudo, são *memes* do “Bode Gaiato” e ocorrem, invariavelmente, por meio de imagem e

texto, isto é, numa linguagem híbrida, verbal e não-verbal. Considerando os três elementos composicionais da estrutura de gêneros definidos por Bakhtin (1997) – e sabendo que estes são características que individualizam cada gênero, observamos no *meme* “Bode Gaiato”, a seguinte caracterização:

- Estrutura composicional – a organização do texto se dá, invariavelmente, por imagens e texto escrito, portanto numa linguagem híbrida;
- Conteúdo temático – de contexto temporal, os temas abordados e a produção de sentido construído são de cunho sociocultural;
- Estilo – prima pela construção de um texto de compreensão imediata marcado pelo humor satírico ou crítico.

O *meme* “Bode Gaiato” surgiu de uma brincadeira descompromissada do jovem universitário Breno Melo que em sua página do *facebook* resolveu explorar os recursos tecnológicos disponíveis no ambiente virtual e criou imagens de bodes com textos cômicos que tratavam do cotidiano e linguagens nordestinos como forma de se contrapor aos memes veiculados no ciberespaço (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2013).

As imagens *viralizaram* tanto, nas redes sociais, que surpreendeu o próprio autor. Portanto, o *meme* “Bode Gaiato” é uma criação de Breno e o sucesso de seu trabalho foi tamanho que em 2014 ele foi agraciado com o prêmio “PJB 2014 – Prêmio Jovem Brasileiro do Ano” (categoria internet) e “Top PE 2014”, destaque do ano (na mesma categoria). E já em 2016, com a popularidade em alta do *meme* “Bode Gaiato”, Breno foi convidado a participar do revezamento da tocha olímpica – Rio 2016 – em sua cidade natal – Recife/PE.

Bode Gaiato – o nome ‘Bode Gaiato’ remonta às próprias imagens dos memes (cabeça de bode e corpo de humanos) e gaiato – uma palavra típica da cultura nordestina, como explica Houaiss (2010, p. 380): “1. (menino) travesso e vadio. 2. (indivíduo) alegre e brincalhão”.

Ideia reforçada nas palavras do próprio autor do *meme* quando conta em entrevista ao Portal G1 a história da criação do “Bode Gaiato”:

Estava de férias em casa, sem fazer nada, no tédio. Aí quis criar algo com um personagem nordestino, para ser diferente na temática e nas piadas de outros memes [expressões, piadas, frases e termos difundidos na internet]. Pensei logo

num bode, até porque tudo fica mais engraçado quando é retratado por um animal, e adicionei um adjetivo bem regional, o gaiato, que é uma pessoa engraçada, brincalhona (PORTAL G1, 2013).

Observemos, a seguir, alguns aspectos do gênero digital *meme* “Bode Gaiato”:

- Enredo/Histórias – abordam temas do dia-a-dia do nordestino, referindo-se sempre às questões socioculturais do povo nordestino como a crença religiosa e a superstição, relações sociais entre pais e filhos, o ambiente árido do Nordeste e ainda as representações de fatos comuns à sociedade, tais como cidadania, saúde, educação.
- Linguagem – os textos primam por traços de oralidade, acentuando mais ainda a variedade linguística do nordestino. São construídos com alguns fenômenos da variação como a economia linguística, ausência de concordância e apagamento do sufixo – INHO. É pertinente considerarmos que muitos textos construídos no *meme* “Bode Gaiato” só são compreendidos por falantes da região nordeste. É possível que em outras regiões do Brasil, a linguagem utilizada não seja compreendida pelo leitor. E daí, decorre o preconceito linguístico enquanto para os nordestinos, um evento inverso – a identificação linguística.
- Produção de sentido – exatamente desse falar singular, dessa linguagem própria que emerge a produção de sentido nos textos. Pois os leitores reconhecem-se nos ambientes apresentados, nos contextos e situações criadas nos *memes*. No que também resulta a comicidade, a graça dos *memes*. Como, por exemplo, no *meme* expresso na FIG.2.

Como podemos observar na FIG. 2, Junin conversa com a mãe Dona Zefinha. Num primeiro momento lhe é negado o pedido com a afirmação da mãe “Você num é todo mundo” e, no segundo momento, com o mesmo argumento Junin rebate a mãe quando questionado por que não a ajuda nas tarefas domésticas. Temos então, a relação social mãe e filho; duas situações típicas da nossa cultura e que o argumento utilizado por ambos é característico nestes contextos – ressaltando aspectos culturais.

Observamos, ainda, marcas da variedade nordestina como “oxe” e “mainha” – retomando aspectos linguísticos. Quanto à produção de sentido podemos explorar o discurso “não ser todo mundo” proferido por ambos, questionando a intenção destes.

Público alvo – embora o ambiente de veiculação seja o virtual, portanto disponível para todos os sujeitos interactantes nas redes sociais, o público alvo do *meme* “Bode

Gaiato” são, inicialmente, os nordestinos dada à familiaridade e à identificação com o meme.

FIGURA 2 - Aborda as relações sociais entre mãe e filho, num contexto peculiar da cultura nordestina



Fonte: Google Imagens.

Até aqui, tratamos dos aspectos teóricos de nossa pesquisa, baseamo-nos nos aportes de Alkmin (2001), Bagno (2001; 2002; 2003; 2007; 2013), Travaglia (2009) e Bortoni-Ricardo (2004, 2016), dentre outros, acerca da Variação Linguística, na perspectiva Sociolinguística Variacionista que tem como foco os usos da língua numa abordagem sociocomunicativa. Para ratificar nossa intenção de redimensionar o ensino da variação linguística, trouxemos o estudo deste tema no livro didático – consideramos que ainda encontra-se insuficiente, embora haja avanços; buscamos suscitar a discussão sobre o preconceito linguístico (fenômeno relacionado ao evento da variação linguística) e para amenizar questões relativas ao preconceito linguístico levantamos o seguinte questionamento “Que gramática ensinar na sala de aula?”. Defendemos o ensino de uma gramática que tenha parâmetros epilinguísticos e respeite os aspectos sociais da linguagem.

Nesta perspectiva, consideramos os estudos teóricos de Bakhtin, para a ideia de gêneros do discurso e enveredamos por Marcuschi para entendermos os gêneros textuais. Por fim, chegamos aos gêneros digitais e culminamos com reflexões sobre os *memes* por considerá-los gêneros digitais e acreditarmos que o *meme* Bode

Gaiato, *corpus* do nosso trabalho, reúne elementos sociolinguísticos de grande valia para o estudo da variação linguística.

Registramos, portanto, a nossa intenção de, a partir do trabalho com o *meme* “Bode Gaiato”, destacar uma referência positiva nos nossos alunos participantes da pesquisa no que diz respeito à sua identidade linguística e cultural, favorecendo o empoderamento, isto é, sentindo-se sujeitos do meio em que vivem. Não sendo, pois, tratados de maneira estigmatizada seja pelas peculiaridades e especificidades de uso da língua, seja pelo seu pensamento e atitude sócio-histórico-culturais.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo descrevemos a trajetória para a realização da nossa pesquisa, abordando criteriosamente todos os elementos constitutivos para o êxito do nosso trabalho. Assim, apresentamos a classificação da pesquisa, o ambiente onde esta foi desenvolvida e os sujeitos do evento. Em seguida, os aspectos metodológicos, finalizando com a proposta de intervenção.

4.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Como elemento norteador de nossa pesquisa, a metodologia é de natureza qualitativa, cujo objetivo principal é, a partir dos problemas reais identificados no ensino da Variação Linguística, desenvolver estratégias para a reflexão e enfrentamento destes problemas, buscando minimizar as lacunas das esferas linguística e socioculturais. “Uma modalidade nova de conhecimento coletivo do mundo e das condições de vida das pessoas, grupos e classes populares” (BRANDÃO, 1981, p. 9). A pesquisa-ação busca a melhoria, transformação e independência dos envolvidos – os sujeitos-parceiros, centrado, portanto, na produção de conhecimento e nas práticas educativas direcionadas à realidade em foco.

A pesquisa envereda por dois caminhos: a) Análise de duas coleções Livros Didáticos de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental II; e b) Intervenção em uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental.

As coleções analisadas foram ***Para viver juntos: português***, de Cibele Lopreti Costa e autores e adotada na escola onde a pesquisa foi desenvolvida, no triênio 2014, 2015, 2016 e ***Português linguagens***, de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, adotada para o triênio subsequente 2017, 2018, 2019. O estudo das obras justifica-se para estabelecermos um comparativo-descritivo quanto ao tratamento da Variação Linguística nos referidos livros. E, por conseguinte, mensurar a relevância da nossa proposta de intervenção já que esta tem como parâmetro o ensino/estudo da variação linguística na perspectiva sócio-históricocultural, agregando, portanto, outros elementos e transcendendo a abordagem dada à variação linguística no LD.

4.2 A PESQUISA

O trabalho de intervenção está fundamentado no estudo da Variação Linguística, com foco no uso da língua, a fim de refletir a linguagem como interação e meio de identidade cultural e buscar desconstruir o “preconceito linguístico” – equivocadamente difundido nas práticas escolares, num parâmetro de “certo” e “errado”.

4.2.1 Contexto/Ambiente da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida numa turma de oitavo ano, de uma escola de médio porte pertencente à rede pública do município de Campina Grande – PB que atende as séries iniciais e finais do ensino fundamental nos turnos vespertino e matutino, respectivamente e, ainda o programa EJA – Educação de Jovens e Adultos no turno da noite, contemplando o fundamental e o fundamental II. O Ensino Fundamental II conta com seis turmas – 6º Ano A e B; 7º Ano A; 8º Ano A e B; 9º Ano A.

A escola está localizada numa área residencial de Campina Grande, num bairro de classe média, no entanto, os alunos, em sua maioria, são oriundos de bairros periféricos. Quanto aos aspectos socioeconômicos e culturais de escola, registramos que a faixa etária dominante dos alunos é entre 11 e 15 anos, predominantemente de meninos. Suas famílias são constituídas entre 4 e 6 pessoas, a maior parte participa do Bolsa Família (Programa do Governo Federal). No tocante à economia doméstica, a maioria dos pais trabalha na informalidade, as mães são do lar, sendo que a renda da família fica em torno de um salário mínimo. A maioria dos pais tem ensino fundamental incompleto. Estes dados, extraídos do PPP- Projeto Político Pedagógico da escola, versão 2016, são relevantes porque trazem informações relevantes aos aspectos socioeconômicos da clientela com a qual realizamos nossa intervenção. Tais informações reforçam nossa proposta de buscar o empoderamento sociocultural dos alunos envolvidos na pesquisa através da reflexão e uso da língua destes.

4.2.2 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa-ação foi realizada com alunos de uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, visto que o conteúdo Variação Linguística é conteúdo curricular do sexto ano - quando os alunos ainda não têm um amadurecimento linguístico, isto é, seu conhecimento linguístico depende “da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras” (TRAVAGLIA, 2009, p. 28).

A escolha pelo oitavo ano se dá pelo fato de a pesquisadora ser professora titular de Língua Portuguesa, nesta turma, e acompanhar o amadurecimento linguístico destes adolescentes, pois o que observamos em sala é que estes discentes utilizam a argumentação através da oralidade, para questionar, refutar e se assumirem como sujeitos discursivos. Na perspectiva de amadurecimento dos alunos, os PCN (1997, p. 48-49) afirmam que é permitido ao professor abordar os conhecimentos linguísticos de forma diferenciada para “o desenvolvimento da capacidade do adolescente de análise e investigação, bem como de sua possibilidade de tratar dados com abstração crescente”.

São 25 alunos matriculados, sendo que apenas 24 frequentam regularmente a escola. São 14 meninos e 10 meninas, com faixa etária entre 11 e 15 anos. Embora a escola esteja situada num bairro de classe média, estes alunos residem, em sua maioria, em bairros adjacentes onde a realidade socioeconômica é de menos favorecidos. Algumas famílias são assalariadas e uma boa parte trabalha na informalidade.

O conhecimento que estes alunos têm sobre a língua (em relação à gramática) está restrito ao ambiente escolar, não contribuindo, pois, para a reflexão sobre seus falares.

Observamos em algumas situações, no próprio ambiente escolar, uma postura inadequada e até perversa de alguns profissionais da educação quanto ao tratamento dado aos alunos no que diz respeito ao uso da língua (de uma variedade não-padrão), rechaçando, recriminando os alunos quando estes proferem expressões características do seu contexto sociocultural.

Os alunos não compreendem a dimensão destas atitudes e entendem como “correção” visto que acreditam que falam “errado”.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

4.3.1 Observação

Numa pesquisa de intervenção, o pesquisador está em contato direto com o evento de estudo, assim, a observação se dá na prática de sala de aula e, nesta dinâmica, o pesquisador registra de forma cuidadosa e detalhada os eventos que contribuem significativamente para a produção de conhecimentos e formação cidadã dos sujeitos-participantes.

4.3.2 Questionário social

Elaborado pela professora-pesquisadora, em parceria com sua orientadora, o questionário social é composto de cinco questões, prioritariamente abertas e teve por finalidade construir o perfil social e linguístico dos envolvidos na pesquisa bem como traçar um panorama do tema no que diz respeito às questões sociolinguísticas e culturais. Assim, o questionário foi aplicado na turma logo após uma breve explanação sobre a proposta de todo o trabalho. Sobre o questionário, orientamos que os alunos ficassem à vontade para escrever o que pensavam acerca de cada questionamento.

4.3.3 Folha de atividade

A cada encontro, os alunos responderam questionamentos a respeito do gênero apresentado. As questões contemplam dois critérios, previamente selecionados para a prática em sala – o primeiro de ordem linguística, e o segundo de cunho sociocultural.

Estas folhas eram recolhidas no final da aula e serviram para análise, acompanhamento do estudo de documentos para a comprovação da pesquisa.

Vale ressaltar que este projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade Estadual da Paraíba, sob o número 2.143.107, garantindo, portanto, o sigilo e o anonimato dos sujeitos envolvidos.

Todos os agentes envolvidos no processo (alunos, pais/responsáveis, direção e colaboradores) foram informados sobre o desenvolvimento da pesquisa sua aplicabilidade e finalidade. Os documentos relacionados ao consentimento dos mesmos estão nos ANEXOS A e B.

4.4 COLETA DE DADOS

Foi realizada mediante os instrumentos apresentados (questionário sociocultural e os questionamentos das atividades). Todas as atividades aplicadas nos encontros foram analisadas para acompanhar o desenvolvimento dos alunos e propor intervenção quando necessário e, ainda, para a análise dos dados.

4.5 OBJETO DE ESTUDO

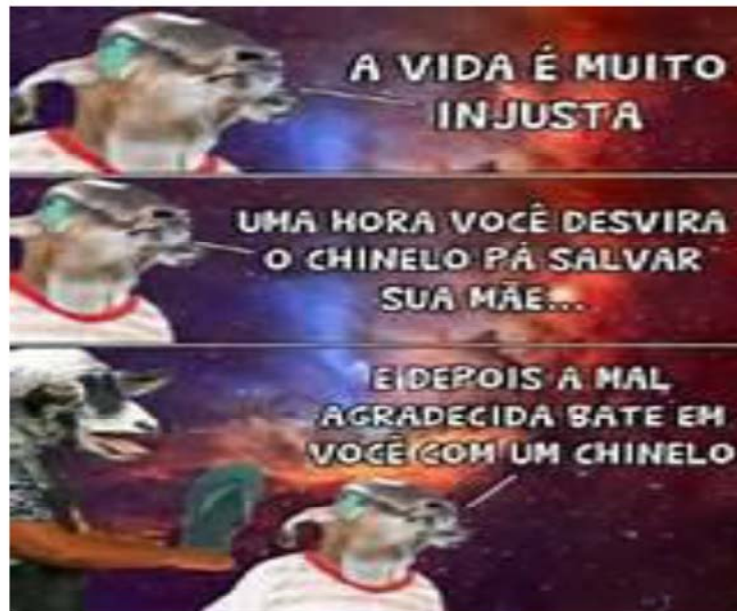
Estudamos o gênero digital *meme* “Bode Gaiato” com foco na Variação Linguística. O *meme* “Bode Gaiato” faz parte do cotidiano dos alunos: é bastante presente nas relações virtuais dos educandos e *viralizado* nas redes sociais (principalmente via *facebook* ou *whatsapp*), seja pelo humor seja pela afinidade do conteúdo, pois trata de assuntos corriqueiros do nosso contexto. Conforme observamos no *meme* da FIG. 3.

A superstição é a marca deste *meme*, uma situação bem comum na nossa região, a relação entre a chinela e o bem-estar da mãe, que possivelmente não será compreendida em outras regiões do país. Linguisticamente, o “pá” ao invés de para. Quanto à construção de sentido, atentemos para o cuidado de Junin para coma a mãe e logo em seguida, o medo de apanhar. Qual a relação com as primeiras palavras de Junin?

Outro fator determinante para a escolha do gênero são os textos - caracterizados pela presença de traços de oralidade – um evento riquíssimo para o estudo da Variação Linguística.

Diante desta abordagem acerca das especificidades do *meme* Bode Gaiato, acreditamos que este reúne todos os elementos que favorecem o desenvolvimento de nossa pesquisa-ação em sala de aula.

FIGURA 3 - Retrata a cultura de superstição, aspecto sociocultural do Nordeste



Fonte: Google Imagens.

Assim, baseando-se em dois aspectos, linguagem e cultura, adotamos alguns critérios para a seleção do material a ser explorado em sala de aula.

1. Aspecto da Linguagem – Variação Linguística da fala do nordestino:

- Ausência de concordância nominal e verbal;
- Apagamento do diminutivo – inho;
- Economia linguística.

2. Aspecto Cultural - Cotidiano do nordestino:

- Religiosidade/crença;
- Relações intrafamiliares – papel social do pai, da mãe e do filho.

Os temas tratadas nos *memes* "Bode Gaiato" são predominantemente voltados para:

- Educação/Escola
- Saúde
- Cidadania/Eleição

4.6 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

4.6.1 Aplicação de um questionário social

Como foi mencionado anteriormente, aplicamos, primeiramente, um questionário social com os alunos com a finalidade de conhecer o nível de consciência no que diz respeito à linguagem do nordestino e a relevância desta variedade linguística no estudo da Língua Portuguesa, ver modelo abaixo (VIDE TAMBÉM APÊNDICE A):

QUADRO 2 – Questionário Social I

| |
|--|
| <p>1. Você valoriza a fala do nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>2. Cite um fato que você vivenciou que comprove sua resposta:</p> <p>3. Para você, nós falamos certo ou errado?</p> <p>Dê exemplos de palavras que representam o nosso falar. Quais destas palavras você percebe que o senso comum julga erradas? Por quê?</p> <p>Palavras consideradas erradas:</p> <p>4. Você se identifica com o jeito de falar do nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>Se a resposta é Sim, em que aspectos acontece essa identificação?</p> <p>5. Você é nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>Apresente-se. Observe estes pontos para construir sua apresentação: quem são seus pais; onde mora; seu comportamento/atitude no meio em que vive; o que pensa da cultura nordestina.</p> |
|--|

Fonte: Autoria própria.

4.6.2 Elaboração da sequência didática baseada nos registros teóricos de Lopes-Rossi (2012)

Para o desenvolvimento de atividades com foco na leitura, Lopes-Rossi (2012) apresenta sua sequência didática tomando como base os descritores da Matriz de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil (BRASIL, 2008) e do Pisa (PISA, 2001; 2011), cujo foco é a leitura na perspectiva sociocognitiva. Dessa

forma, em cada etapa, são aplicadas atividades que variam de acordo com os procedimentos propostos para aquele momento.

Os procedimentos são adotados de forma progressiva e são assim descritos:

- ✓ Primeiro procedimento: leitura rápida (global ou pré-leitura). Espera-se uma compreensão mínima do gênero ou aquisição de conhecimento novo sobre o gênero;
- ✓ Segundo procedimento: Estabelecimento de objetivos para leitura do gênero. Espera-se uma compreensão básica do tema e do seu desenvolvimento.
- ✓ Terceiro procedimento: Estabelecimento de objetivos para uma leitura detalhada. Espera-se uma compreensão minimamente crítica do gênero e percepção dos elementos linguístico-textuais característicos deste gênero.
- ✓ Quarto procedimento: Apreciação crítica do gênero a partir das suas características. Espera-se uma compreensão crítica do gênero.

Nessa perspectiva, adaptamos o modelo de sequência didática de Lopes-Rossi (2012) para a aplicação em nossa pesquisa de intervenção, visto que o cerne do nosso trabalho é a leitura e a produção de sentido a partir do *meme* “Bode Gaiato”. Assim, cada encontro será denominado de etapa e para cada etapa são definidos procedimentos – objetivos e questionamentos - que visam a leitura e a produção de sentido no *meme*. Para tanto, um nível inferencial mais amplo “dependerá de novos objetivos de leitura propostos pelo professor, enfocando peculiaridades do gênero e especificidades do termo tratado no texto”. (LOPES-ROSSI, 2012, p. 160).

Passamos, a seguir, ao desenvolvimento da sequência didática. Cada atividade interventiva segue o mesmo roteiro: apresentação do *meme* Bode Gaiato com discussão preliminar dos textos para a produção de sentido. Após a aplicação dos questionamentos, retomamos o tema Variação Linguística a fim de refletirmos sobre o uso da língua e identidade sociocultural.

4.6.3 Aplicação da sequência didática

A pesquisa-ação foi desenvolvida em sete aulas (que Lopes-Rossi denomina de etapa) de 50 minutos.

Inicialmente, expusemos aos alunos o objetivo do estudo com base no questionário. Mostramos-lhes o nível de compreensão do tema Variação Linguística e o grau de conhecimento acerca da ideia “preconceito linguístico” que eles apresentavam, bem como a sua identidade ou não com o “falar” nordestino – baseado no questionário social realizado com os mesmos anteriormente.

Os momentos seguintes foram chamados de etapas e destinavam-se à prática de intervenção. Essas etapas objetivaram, de forma progressiva, levar os alunos a compreender a prática social da linguagem, enfatizando que o uso da língua se dá pelo contexto em que está inserido e não pelo parâmetro de “certo” e “errado”.

Em cada etapa, o *meme* apresentado (previamente selecionado seguindo os critérios mencionados anteriormente na seção 4.5) obedeceu ao que se propunha trabalhar naquele momento, quanto à Variação Linguística e a produção de sentido. Em consonância com a elaboração da nossa proposta de intervenção, vejamos o que assinala Lopes-Rossi (2012):

A sequência didática de leitura deve iniciar-se com a ativação do conhecimento prévio do leitor sobre as características sociocomunicativas do gênero e sobre o tema do texto, a partir de uma de leitura rápida dos elementos mais destacados. Para a leitura do texto completo, propõem-se objetivos de leitura inerentes ao gênero discursivo e decorrentes da curiosidade provocada pela leitura rápida inicial. (LOPES-ROSSI, 2012, p. 159-160).

Esperamos, pois, a empatia dos alunos quanto ao gênero em evidência; para tanto, estruturamos uniformemente toda a ação interventiva. Todas as etapas seguiram a mesma dinâmica, aqui descrita:

- Apresentação do *meme*, em data show.
- Leitura oral do *meme*, pela professora-pesquisadora.
- Aplicação dos questionamentos.
- Retomada da discussão.
- Conversa coletiva, a fim de diagnosticar a compreensão dos alunos acerca do texto.
- Construção de uma lista com elementos linguísticos que representem o nordestino e estudo destes elementos em contextos de outros falantes.

- Reflexão desses elementos, buscando estabelecer uma relação próxima com os alunos em situações cotidianas vivenciadas por eles.
- Efeito de humor e efeito de sentido, baseando-se nos objetivos de cada etapa.

Vale ressaltar que esta dinâmica contempla os procedimentos da sequência didática de Lopes-Rossi (2012).

Quanto aos objetivos propostos na aplicação de cada etapa da sequência didática, levamos em consideração que “objetivos de leitura e habilidades do leitor, manifestadas por meio de estratégias de leitura, também contribuem para a construção dos sentidos.” (LOPES-ROSSI, 2012, p. 157). Ou seja, os elementos extralinguísticos dos alunos são determinantes para o desenvolvimento de uma prática sociocomunicativa.

1ª etapa – Atividade proposta:

- Objetivo – proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
 - refletir as relações sociais entre mãe e filho, aproximando-se do contexto no qual os alunos estão inseridos.

FIGURA 4 - Relações sociais entre mãe e filho



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:

a) O *meme* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?

b) Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você? Conte-nos.

c) Você se identifica com Junio? De que forma?

d) Imagine que este diálogo ocorra em outra região. Teria o mesmo sentido? Justifique.

e) Reconstrua o diálogo em outro contexto. Pense nos recursos e elementos linguísticos utilizados para marcar os falares de outras regiões.

2ª etapa – Atividade Proposta

- Objetivo – proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no

texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.

- abordar aspectos da cultura nordestina, em evidência a religiosidade, explorando elementos linguísticos presentes no texto que reforçam essa cultura.

FIGURA 5 - Representação da religiosidade do Nordeste



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:

a) O *meme* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?

b) No primeiro quadro, as palavras da mãe de Junin denotam um aspecto da cultura do povo de determinada região.

- ✓ Que aspecto é esse?
 - ✓ Considerando os elementos linguísticos presentes no *meme*, reflita:
 - “a cena representa bem a cultura de que região?”
- c) Você se reconhece na cena do *meme* “Bode Gaiato”? Por quê?
- d) Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você? Conte-nos.
- e) Alguém com quem convive que se identifica com a mãe de Junin? De que forma?
- f) Em que contexto o diálogo entre Junin e sua mãe é adequado?
- g) Se a situação fosse apresentada a indivíduos de outra região teria o mesmo efeito de sentido? Por quê?

3ª etapa - Atividade Proposta

- Objetivo – proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
 - atentar para as relações sociais pai e mãe, quanto a direitos e obrigações destes no ambiente familiar.
 - promover a reflexão sobre a importância do trabalho para a formação do cidadão.

FIGURA 6 - Representação das relações sociais entre marido e mulher



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:
 - a) O *memé* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?
 - b) Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você? Conte-nos.
 - c) A fala mãe de Junin leva-nos a pensar a importância do trabalho para o cidadão. Por que o trabalho é importante?
 - d) A resposta de Bio completa o pensamento da mãe de Junin? Por quê?
 - e) Para você qual o sentido de “cumer um pão cum o suor da gente”
- 4ª etapa - Atividade Proposta
- Objetivo – proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
 - Abordar questões de saúde pública, neste caso o alcoolismo, problema presente, com certa frequência, na realidade dos alunos.

FIGURA 7- Reflexão acerca do alcoolismo



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:
 - a) O *memé* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?
 - b) Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você ou já presenciou alguma cena que remete ao diálogo da imagem? Conte-nos.
 - c) Você se identifica com Junin? De que forma?

d) Você conhece alguém cujos comportamento/atitude lembrem o pai de Junin? Explique.

e) A resposta do pai de Junin é convincente? Por quê?

f) Qual sua opinião sobre a fala do pai de Junin?

g) Que problema de saúde pública é revelado no texto? O que você pensa sobre esta realidade?

5ª etapa - Atividade Proposta

- Objetivo – proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.

- contextualizar aspectos geográficos característicos da Região Nordeste.

- recuperar as informações intertextuais

FIGURA 8 - Retomada dos aspectos sociogeográficos do Nordeste



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:

a) O *meme* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?

b) Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você? Conte-nos.

c) Junin demonstra preocupação na sua fala. Ele tem razão para agir dessa forma? Por quê?

d) Esta situação se repete em outras regiões do Brasil? Explique.

6ª etapa - Atividade Proposta

- Objetivo – Levar o aluno a pensar o “falar” nordestino além das fronteiras do nordeste com foco nas situações de uso da língua.
- Perceber a língua como elemento de construção e formação de uma sociedade.

FIGURA 9 - A oralidade do Nordeste



Fonte: Google Imagens.

- Questionamentos:

É engraçado por quê?

Descreva a cena reescrevendo o texto no nosso falar nordestino.

O que você compreendeu da chamada do *meme* “O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA”?

Em conformidade com os aspectos abordados na sequência didática de Lopes-Rossi (2012), registramos que a escolha do gênero *meme* alinha-se às etapas para que todas as propriedades do gênero sejam contempladas (LOPES-ROSSI, 2006). Quais sejam:

- 1) seleção de textos do gênero a ser estudado; 2) estudo de suas condições de produção e de circulação, do seu propósito comunicativo, das temáticas possíveis de serem abordadas, ou seja, de suas propriedades sociocomunicativas; 3) estudo das características do suporte típico do gênero e das possibilidades ou regularidades de ocorrência e

posicionamento dos elementos composicionais verbais e não verbais; 4) análise das possibilidades de organização dos elementos verbais e não verbais, especialmente da forma de desenvolvimento textual; 5) identificação das características linguísticas e de estilo, bem como de marcas enunciativas típicas do gênero. (LOPES-ROSSI, 2006, p. 6).

A partir destes elementos, buscamos relacionar a leitura às especificidades do gênero *meme* a fim de promover a interação dos educandos com o *meme* Bode Gaiato.

Na reta final de nosso trabalho, aplicamos um novo o questionário, ver abaixo, com o objetivo de confrontar os relatos dos alunos em entrevista anteriormente aplicada. Os questionamentos são os mesmos, mudando apenas o último item.

QUADRO 3 - Questionário Social II

| |
|---|
| <p>1. Você valoriza a fala do nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>2. Cite um fato que você vivenciou que comprove sua resposta:</p> <p>3. Para você, nós falamos certo ou errado?</p> <p>Dê exemplos de palavras que representam o nosso falar. Quais destas palavras você percebe que o senso comum julga erradas? Por quê?</p> <p>Palavras consideradas erradas:</p> <p>4. Você se identifica com o jeito de falar do nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>Se a resposta é Sim, em que aspectos acontece essa identificação?</p> <p>5. Você é nordestino? () SIM () NÃO</p> <p>Apresente-se. Considere aspectos da linguagem e da cultura da sua gente para construir essa identidade.</p> |
|---|

Fonte: Autoria Própria.

Face à metodologia apresentada desenvolvemos as atividades interventivas que favorecem uma “transposição didática de um conjunto de pressupostos considerados pelos estudos linguísticos atuais como indispensáveis ao estudo das práticas sociais de linguagem” (LOPES-ROSSI, 2012, p. 169).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, a problemática levantada em nosso trabalho versa sobre as seguintes questões: Como se dá a abordagem da Variação Linguística em duas coleções de LDP “Para Viver Juntos” e “Português Linguagens”, coleções Ensino Fundamental II? e De que forma a materialidade linguística dos textos do “Bode Gaiato” favorece um trabalho reflexivo acerca da Variação Linguística? Tendo em vista os questionamentos suscitados nossa análise terá dois vieses – o primeiro voltado para a análise das duas coleções de Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e, o segundo, para a análise dos resultados da nossa pesquisa de intervenção com o *meme* “Bode Gaiato”.

5.1 A ABORDAGEM ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS COLEÇÕES ANALISADAS

As coleções contempladas para análise são: ***Para viver juntos: português***, de Cibele Lopreti Costa e outros autores e ***Português linguagens***, de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A opção pela análise das respectivas coleções justifica-se pois ambas são parte do processo ensino-aprendizagem da turma de oitavo: a primeira por ter sido adotada, na escola, no triênio 2014, 2015, 2016, e a segunda para o triênio subsequente 2017, 2018, 2019.

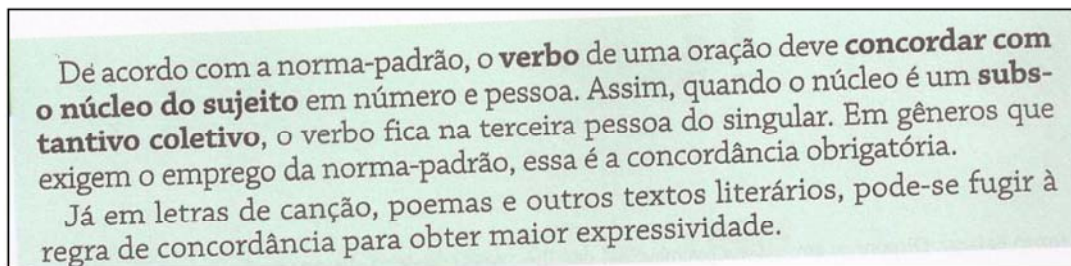
Encontramos o tema Variação Linguística nas duas coleções analisadas, de forma mais consistente, principalmente, nos volumes do 6º Ano, visto que o tema Variação Linguística é conteúdo curricular deste ano. Desta forma, optamos por analisar os livros didáticos na ordem crescente a partir do 7º Ano e deixando para o final a análise do livro do 6º Ano. Esta sequência tem por finalidade observarmos a ocorrência e recorrência do tema em estudo à proporção do nível/série do LDP. Ao final, quando analisarmos o 6º Ano, onde o tema é efetivamente contemplado, já teremos um panorama da presença da Variação Linguística em todos os anos/séries posteriores.

Faremos uma análise separada de cada coleção, ano a ano, observando a ocorrência do conteúdo Variação Linguística e de que forma este conteúdo é sistematizado e apresentado no LDP.

a) Análise da Coleção *Para viver juntos: português*

O conteúdo Variação Linguística, conforme informado anteriormente, é contemplado no quadro curricular do 6º Ano. A coleção “*Para viver juntos: português*”, adotada no triênio 2014, 2015 e 2016 segue esta orientação curricular. Analisando o material dos anos seguintes constatamos que no livro do 7º Ano há uma única possibilidade da discussão para o tema Variação Linguística, no entanto, o conteúdo abordado é intitulado “Alguns casos de concordância”, como pode ser observado na FIG.10.

FIGURA 10 – Orientação sobre alguns casos de concordância



Fonte: Costa et. al. (2012a, p. 197).

Consideramos que a orientação sobre “alguns casos de concordância”, chamada do assunto estudado, é predominantemente na perspectiva normativa, evidenciando a norma-padrão que “é associada à classe de poder e de prestígio, e não aos contextos de uso” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 52). Todavia, observamos uma sinalização para variação quando se informa a possibilidade de alterar a concordância com fins de maior expressividade (VIDE FIG. 10). É importante frisar que no final do livro em apêndice do Manual do Professor de Costa et. al. (2012a, p. 67), a referência que se tem sobre o boxe acima é “cabe aos professores estar atentos para não fazer do estudo de sintaxe algo puramente prescritivo, sem reflexão por parte dos alunos”. Sugere-se, portanto, que o professor faça um adendo quanto a Variedades Linguísticas. Ressaltamos o aspecto positivo no livro mostrando-se inteirado do tema Variação Linguística.

Quanto ao 8º Ano não encontramos referências, indícios, citações do tema Variação Linguística no livro do aluno nem tampouco nas orientações para os professores. Ou seja, as questões relacionadas à comunicação linguística com foco

na variedade linguística são sumariamente esquecidas e desconhecidas, privando os alunos do 8º Ano destes estudos linguísticos.

No livro do 9º Ano, a Variação Linguística aparece em três momentos: com o tema – “Concordância Verbal e Variação Linguística” (VIDE FIG. 11 e 12) num exercício em que pontua a diferença entre o modo de falar de dois personagens pelas marcas da concordância verbal, buscando o estudo das variedades linguísticas de maior e menor prestígio. A variação linguística é evidenciada, mas não é discutida.

FIGURA 11 - Concordância Verbal e Variação Linguística - atividade

a) Nesse trecho, não há rubricas. Como o autor marca a diferença entre as personagens rurais e a personagem urbana?

b) A linguagem empregada por Quinota não tem as mesmas características da linguagem empregada por seus pais. Como esse fato pode ser explicado?

c) Um dos recursos para caracterizar a variedade linguística empregada por algumas personagens é o desvio de concordância verbal. Identifique, no fragmento lido, uma ocorrência desse tipo de desvio e analise-a.

2. Observe o anúncio a seguir, retirado de classificados da internet.

Vende-se casas urgente – Paraíso do Tocantins
 [...] País: Brasil
 Estado: Tocantins
 Tipo de Operação: Oferta
 Número de quartos: 2 ambientes

Disponível em: <<http://tocantins.nexolocal.com.br>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

A concordância verbal no título “Vende-se casas urgente” foi feita de acordo com as prescrições da norma-padrão? Explique sua resposta.

De acordo com a norma-padrão, o verbo *vender* deveria estar flexionado no plural, concordando com o sujeito

Fonte: Costa et al. (2012b, p. 159).

FIGURA 12 - Concordância Verbal e Variação Linguística

Com frequência, os **desvios de concordância verbal** são utilizados em textos ficcionais para caracterizar personagens que usam **variedades da língua pouco prestigiadas** socialmente. No entanto, há regras de concordância que mesmo os falantes que dominam a norma-padrão tendem a não aplicar. É o que acontece, por exemplo, quando o verbo é seguido da partícula passivadora *se*.

Fonte: Costa et al. (2012b, p. 159).

No apêndice do Manual do Professor de Costa et. al. (2012b, p. 63), a orientação quanto ao quadro acima é “proveite a oportunidade para discutir os preconceitos sociais, que perpassam os preconceitos linguísticos.” A orientação sinaliza para as variedades pouco privilegiadas que estão citadas na atividade

proposta. Embora, neste momento, o livro não contemple tal tema é passível de discussão em sala. Para tanto, caberá ao professor agregar ao livro material complementar acerca das variedades de menos prestígio.

FIGURA 13 – Regência verbal: norma e variações

EXERCÍCIO

Em registros informais ou mais coloquiais, falados ou escritos, a **regência verbal** nem sempre obedece à **norma-padrão** da língua. Por exemplo, verbos transitivos indiretos podem ser empregados como transitivos diretos.

4. Em quais das frases a seguir o verbo *gostar* foi usado com a regência correspondente à norma-padrão?

- A menina que eu gosto acabou de entrar na classe.
- Não pratique os esportes que você não gosta.
- Pratique os esportes de que você realmente gosta. **x**

5. Pense no assunto tratado e no objetivo da reportagem.

a) A quem essa reportagem se destina? A reportagem é destinada a pessoas jovens ou adultas assuntos relacionados à vida profissional e à qualidade de vida.

b) Por que será que em uma das falas o verbo *gostar* foi utilizado como transitivo direto? Em situações de comunicação, é comum haver uma tentativa de aproximação com o leitor. Uma psicóloga, a ser publicada em uma reportagem, pode-se supor que tenha havido a intenção de se aproximar do leitor.

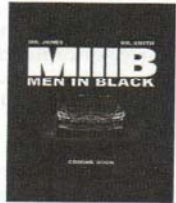
6. Leia o texto retirado de um site dedicado ao cinema.

Assista o trailer de Homens de preto 3

MIB – Homens de preto 3 (*Men in black 3*) teve seu primeiro trailer divulgado. No vídeo, J (Will Smith) volta ao passado para tentar salvar K (Tommy Lee Jones).

[...]

Renato Marafon. Disponível em: <<http://www.cinepop.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2011.



a) Qual é o sentido do verbo *assistir* no título? Ver.

b) Segundo a norma-padrão, qual é a regência de *assistir* quando usado com esse sentido? Transitivo indireto (assistir a um fato, a um espetáculo, etc.).

c) Nas situações comunicativas informais, com que regência se costuma empregar o verbo *assistir* em qualquer um de seus sentidos?

d) Com que regência ele aparece no texto? Como transitivo direto.


e) A opção por essa regência produz que efeito no texto?

f) Se esse site exigisse que a norma-padrão fosse sempre seguida, como o autor do texto acima deveria reescrever o início do título "Assista o trailer"?

7. O trecho a seguir faz parte de uma cantiga de roda conhecida em muitos pontos do Brasil. Justifique o uso de uma regência que está em desacordo com as regras da norma-padrão.

Fui no Itororó

Eu fui no Itororó
beber água e não achei.
Achei bela morena,
que no Itororó deixei.
[...]



Domínio público.

EXERCÍCIO

Em determinadas situações, optar por uma regência própria da **linguagem informal** pode ser uma **estratégia** para aproximar um texto de seu público-alvo.

Fonte: Costa et al (2012b, p. 193).

Páginas adiante, com o tema "Regência verbal: norma e variações" (FIG. 13), encontramos exercícios voltados, em sua maioria, à valorização da norma-padrão, mesmo procurando refletir sobre a linguagem informal.

Apesar do título: regência verbal – norma e variações, percebemos que os exercícios e lembretes não provocam no aluno a reflexão sobre a sua Variedade Linguística nem tampouco sua identidade linguística. Verificamos também nas orientações do professor de Costa et. al. (2012b, p. 70) que, infelizmente, não há comentário algum sobre variação.

Na página 203 (FIG. 14), com o título “a regência nominal na fala”, verificamos uma “sugestão” de abordagem do tema variação, porém sem comprometimento ou interesse em aprofundar o assunto. É lamentável essa superficialidade, visto que são alunos do 9º Ano, logo, com uma maturidade linguística suficiente para uma maior reflexão sobre o tema Variação Linguística.

FIGURA 14 - A regência nominal na fala

Na **fala informal**, nem sempre se segue a regência nominal da norma-padrão.
 Uma das razões para isso é que, quando a situação é informal, existe uma descontração em relação às regras gramaticais. O que se procura é a **expressividade**, e não o rigor linguístico.
 Já nas situações de comunicação oral mais formais (entrevistas de emprego, discursos, etc.), normalmente se procura aplicar a regência da norma-padrão.

Fonte: Costa et al. (2012 b, p. 203).

Contudo, no apêndice do professor de Costa et. al. (2012b, p. 72) lemos “espera-se que os alunos compreendam que (...) não é possível falar em certo e errado, mas sim em adequação ou inadequação à situação comunicativa.”

Reconhecemos que o conteúdo variação linguística é requisito curricular do sexto ano. No entanto, o que vimos até agora, do 7º aos 9º anos, foi um material superficial e, principalmente, descomprometido com as reflexões do uso efetivo da língua. Delegando ao professor a abordagem do tema a partir de informações primárias. Não se vê o foco na Variação Linguística, o que se percebe é a valorização da norma-padrão. Ratificando este posicionamento, encontramos nos PCN (2017, p. 60) sobre a coleção estudada:

Quanto à variação linguística, as atividades deste eixo complementam as de leitura, contemplando diferentes tipos de variedades, mas ainda com ênfase na variação situacional de registro (formal e informal) e na variação lexical

regional. Usos consagrados no português brasileiro contemporâneo não são considerados, na exposição de conteúdos gramaticais.

Não sejamos, pois, totalmente pessimistas, analisemos agora o livro do 6º Ano – no qual encontramos a Variação Linguística no conteúdo curricular.

O material é dividido em nove capítulos, cada capítulo é introduzido por um gênero textual e apresenta dois textos com características dos respectivos gêneros. Cada texto constitui um bloco de estudo subdividido nos seguintes tópicos: Estudo do texto; Produção de texto; Reflexão linguística; Língua viva.

Averiguando a introdução para o estudo da Variação Linguística, encontramos logo no primeiro capítulo, cujo gênero estudado é o Romance de aventura, o enfoque nas concepções de Língua e Linguagem, no tópico “Reflexão linguística”, localizado na página 22. Não fazendo relação alguma com o gênero estudado e a partir de uma tirinha de Mafalda (FIG. 15), o livro contextualiza a Linguagem afirmando que “as pessoas interagem por meio da linguagem”. E que nesta interação constroem sentidos a partir de experiências, expectativas e conhecimentos prévios de cada um. E assim, podemos transformar o comportamento, as atitudes e as opiniões do outro com o qual interagimos. Concluindo a exposição, apresenta a definição de Linguagem “é uma atividade de interação. Por meio dela os indivíduos se comunicam, constroem sentidos e agem uns sobre os outros.” (COSTA et al., 2012c, p. 22).

FIGURA 15 – Tirinha de Mafalda

REFLEXÃO LINGUÍSTICA

Língua e linguagem

1. Leia a tira.

Quino. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 50.

a) Qual a relação entre o crescimento rápido das plantas com o calor e a necessidade de Mafalda utilizar um apito?

b) Ao soprar seu apito, Mafalda produziu o efeito esperado? Explique.

c) Se Mafalda não tivesse um apito, de que outras maneiras ela poderia ter produzido o mesmo efeito?

1a. Com o das plantas e cobrindo de Mafalda os olhos e o caminho.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 22).

Sobre a escolha do gênero tirinhas para a atividade “Reflexão Linguística”, o manual do professor de Costa et. al. (2012c, p. 25) afirma que estes gêneros “reforçam como as diferentes linguagens se fazem presentes em variados processos comunicativos” e que seria “um momento de ativação do conhecimento que os alunos têm a respeito do que é linguagem.” Este comentário procura justificar a perceptível mudança do gênero no interior do capítulo.

Em seguida, apresenta a linguagem verbal e não verbal. Nas páginas subsequentes, o livro aborda a Língua que pode apresentar-se de dois modos: escrita ou falada e que cada língua tem um conjunto de palavras e regras de combinação de palavras e que as regras variam conforme a situação em que utilizamos a língua escrita e falada. Conceitua “Língua é um sistema gramatical pertencente a determinado grupo (de falantes). É por meio dela que os indivíduos desse grupo concebem o mundo que os cerca e com ele interagem.” (COSTA et al., 2012 c, p.24). Segundo o apêndice do professor da obra de Costa et. al. (2012c, p. 26) “esse estudo possibilita trabalhar com a variante que o aluno traz para a sala de aula.” Esta orientação comunga com a teoria de Bagno (2006, p. 7), isto é, “conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa”. No entanto, não percebemos na atividade (VIDE FIG. 16) de que forma a variante linguística do aluno é abordada e, por conseguinte, valorizada no livro.

O exercício sobre linguagem verbal e não verbal contempla o aspecto do código, apenas para reconhecimento do tipo de linguagem predominante em cada texto (FIG. 16).

No restante do capítulo, embora sejam abordados outros aspectos da comunicação linguística como interlocutor, enunciado, gêneros textuais e produção de sentido, em momento algum o aluno é provocado a pensar sobre sua linguagem e o uso de sua língua, a fim de que o professor pudesse suscitar junto aos alunos, a reflexão sobre a linguagem deles. Os elementos referentes à variação linguística também estão esquecidos no manual do professor ao referir-se à atividade (FIG. 16).

O conteúdo Variação Linguística faz parte do capítulo 2, cujo gênero estudado é Conto Popular. Sobre o assunto variação linguística, o Manual do Professor de Costa et. al. (2012c, p. 39) sugere a leitura de Bagno e Marcuschi.

FIGURA 16 - Exercício abordando linguagem verbal e não verbal

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA | Na prática ▶ Responda sempre no cad

1. Observe a tira e responda às questões em seu caderno.

A Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa.

a) Apesar de não haver palavras, o leitor entende a informação apresentada. Que linguagem foi usada para construir essa tira? *Linguagem não verbal.*

b) Explique o que cada personagem imaginava ao cultivar a planta.

- Magali
- Cebolinha
- Cascão

c) Copie no caderno a(s) alternativa(s) que explica(m) a causa do humor da tira.

- O fato de cada personagem ter um desejo diferente.
- A oposição entre a ação e a vontade do Cascão e as das duas primeiras personagens.
- A vontade da Magali de plantar algo para comer.
- O desejo de diversão do Cebolinha. *Devem ser copiadas a segunda e a terceira alternativa.*

1b. Magali plantou uma ma
mer suas frutas. / Ceb
uma árvore para pendur
brincar. / Cascão plantou
não ter de regá-lo, já q
quase não p
(da qual ele

2. Na próxima tira, há uma linguagem bastante presente em nosso cotidiano.

A Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa.

a) Qual é essa linguagem? *A linguagem das placas de trânsito.*

b) O que as placas indicam?

c) Reveja o segundo e o terceiro quadros. As placas salvaram o Cebolinha do perigo?
Não. Embora o coelho seja desviado no segundo quadro, no último a indicação da placa faz que o coelho atinja a personagem.

2b. As placas indicam o caminho que o coelho
Professor: convém esclarecer aos alunos que a tira faz
ra com as placas de trânsito; a que está em evidência
no segundo quadrinho, na verdade, significa "Siga em
"Para cima" -, e a que aparece no último quadrinho na

3. No caderno, indique quais elementos da fotografia ao lado se relacionam com a linguagem verbal e quais se relacionam com a não verbal.

Linguagem verbal: a inscrição que aparece na camiseta. / Linguagem não verbal: a cor branca da camiseta e das flores.

Manifestante em passeata pela paz, Rio de Janeiro.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 25).

Inicialmente, na primeira parte do capítulo encontramos definições (VIDE FIG. 17,18 e 19), relacionadas ao estudo da Variação Linguística buscando contextualizar

as variedades linguísticas. É válida a intenção de “informar” aos alunos sobre a dinamicidade da língua, características dos falantes e situação de uso.

FIGURA 17 - Conceito de Variação e Variedades linguísticas

Variação linguística é a propriedade das línguas de se modificarem em razão da situação de uso e das características do falante, como faixa etária, região, classe social, entre outras.

Variedades linguísticas são os modos de se falar e escrever uma língua, de acordo com as possibilidades de variação de seus elementos.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 60).

FIGURA 18 - Conceito de Variedade regional

Variedade regional corresponde à fala ou ao modo de dizer dos habitantes de determinada região.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 60).

FIGURA 19 - Definição de norma-padrão

A **norma-padrão** é aquela associada à variedade da classe de maior prestígio social, utilizada, geralmente, em textos oficiais, jornalísticos e acadêmicos. Seus usos são registrados nas gramáticas normativas e nos dicionários.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 60).

São importantes essas definições, quando refletimos o ensino da variação linguística nas escolas, pois acreditamos que:

Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante [...] outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa [...]. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Referindo-se aos conceitos apresentados nas FIG. 17,18 e 19, identificamos a concepção de Bortoni-Ricardo (2005) no apêndice do professor de Costa et. al. (2012c, p. 36), ao sugerir que o professor reflita com os alunos “sobre as diferenças da língua portuguesa falada nas várias regiões do Brasil, indicando palavras que, em outras regiões, são diferentes das usadas na região onde vivem” e “evitar utilizar a noção de certo e errado no uso da língua”. É salutar frisar, ainda, o destaque aos pensamentos de Travaglia e de Bagno sobre variação linguística. Tal posicionamento é louvável do ponto de vista teórico, porém percebemos uma relação tímida com as atividades didáticas propostas no livro (VIDE FIG. 15 e 16).

Posteriormente, verificamos que o exercício que aborda características da linguagem nordestina não apresenta questionamentos que levem o aluno a refletir sobre esta variedade linguística- são enunciados superficiais, como vemos abaixo na FIG. 20.

FIGURA 20 – Exercício sobre Variedade linguística (fala do nordestino)

1. Leia o trecho da letra da música “Vaca Estrela e Boi Fubá”.

Eu sou filho do Nordeste, não nego meu naturá
Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
Minha Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
Quando era de tardezinha eu começava a aboiar
Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar,
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
O sertão esturricou, fez os açude secar
Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar



Patativa do Assaré. Vaca Estrela e Boi Fubá. Em: *A Terra é naturá*. Epic/CBS, 1980.

a) Há nessa letra elementos que indicam o espaço retratado na música. Quais são eles? “Filho do Nordeste”, “seca”, “sertão”, “açude”

b) Que sentimento é expresso em relação a esse lugar? O eu lírico sente saudade do tempo que podia cuidar de gado.

c) Qual foi o motivo que alterou o modo de vida do boiadeiro? A seca.

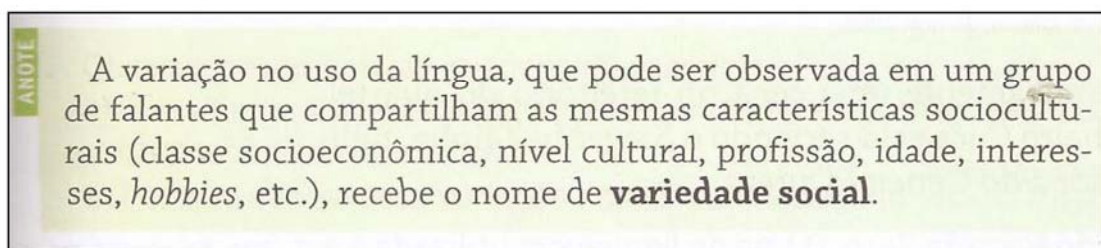
Fonte: Costa et al. (2012c, p. 61).

Mais adiante, o livro apresenta uma atividade de duas páginas, abordando a variação linguística no texto literário. O enfoque é a variedade linguística para caracterização de personagens em um texto literário. No manual do professor de Costa et. al. (2012c, p. 36), observamos que o aspecto da interação verbal e valorização da própria cultura foram mais ressaltados do que propriamente a variação linguística. Entendemos que esses elementos são importantes no estudo

da variação linguística visto que língua e sociedade são indissociáveis (ALCKMIN, 2001).

Na segunda parte do capítulo, temos Variação linguística: variedades sociais e situacionais, no apêndice para o professor de Costa et. al. (2012c, p. 39) o livro ressalta a perspectiva sociolinguística para trabalhar com a heterogeneidade da língua e cita o teórico Bagno. Na variedade social, o exemplo dado são as gírias. Ainda sobre a variedade social, o livro traz a seguinte nota, observada na FIG. 20.

FIGURA 21 – Informações sobre a Variedade social



Fonte: Costa et al. (2012c, p. 73).

Embora a definição de variação social fale *em uso da língua e características socioculturais*, o tratamento dado a esta variação é bastante aquém do que postulam Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Alkmin (2001). Os alunos precisam se reconhecer numa variação social – a linguagem nordestina, compreender sua linguagem, seu falar como características socioculturais de um grupo de falantes. E aprender que não há o errado. O que há é o adequado. Entenderem que “assim como não existem línguas inferiores, não existem variedades linguísticas inferiores.” Alkmin (2001, p. 42). Ou seja, o seu “jeito” de falar não é incorreto é apenas diferente da linguagem de outros grupos de falantes dada a heterogeneidade da língua e a diversidade de cada comunidade de falantes.

Concluindo o conteúdo nesse livro, ainda encontramos a variedade situacional na qual a atenção está voltada para o registro formal ou informal da linguagem, de acordo com o contexto comunicativo. Como exemplo, apresenta duas tirinhas do Recruta Zero (VIDE FIG. 22 e 23), para abordar características de formalidade e informalidade da língua.

FIGURA 22 - Contexto da Variedade situacional



Fonte: Costa et al. (2012c, p. 73).

FIGURA 23 – Exemplo da Variedade situacional



Fonte: Costa et al. (2012 c, p. 74).

O comando da questão referente às FIG. 22 e 23 diz “compare as duas tiras do Recruta Zero. O tipo de linguagem utilizada é a mesma? Justifique sua resposta e aponte trechos das falas que a exemplifiquem.” O manual do professor de Costa et. al. (2012c, p. 38) orienta a retomar a ideia de adequação do contexto.

No exercício que trata da variedade situacional e retoma a variedade social, a questão sobre variação linguística social tem como enfoque a idade (VIDE FIG. 24).

A abordagem sobre a variedade social na atividade, não promove o desenvolvimento nem a ideia de linguagem como parte da cultura do falante.

FIGURA 24 – Exercício sobre a Variedade social

REFLEXÃO LINGÜÍSTICA | Na prática Responda sempre no caderno.

1. Observe as imagens a seguir.

1



2



1a. 1ª frase (imagem 2); 2ª frase (imagem 1).
 1b. 1ª frase (imagem 2); 2ª frase (imagem 1).
 1c. 1ª frase (imagem 1); 2ª frase (imagem 2).
 1d. 1ª frase (imagem 1); 2ª frase (imagem 2).

1e. 1ª frase (imagem 2); 2ª frase (imagem 1).
 1f. 1ª frase (imagem 1); 2ª frase (imagem 2).
 1g. 1ª frase (imagem 2); 2ª frase (imagem 1).

Imagine que os dois grupos representados nas imagens estejam conversando sobre o mesmo assunto. Associe as frases a seguir ao grupo 1 ou ao grupo 2, avaliando quais são as mais adequadas a cada situação de comunicação representada.

- O melhor a fazer é aproveitar a vida. / O lance é curtir a vida.
- As pessoas se animaram muito com a partida. / A galera vibrou com o jogo!
- Cada dia que passa, rola um clima maior. / A cada dia o romance aumenta.
- A gente tem que saber maneirar, né? / Precisamos ter equilíbrio, não é verdade?
- A festa estava muito boa! / A balada tava animada!
- O ônibus demorou pra passar. / O ônibus demorou a chegar.
- Ele saiu do trabalho e foi passear um pouco. / Ele saiu do trampo e foi dar um rolê.

Fonte: Costa et al. (2012c, p. 75).

No final do capítulo, encontramos o resumo do conteúdo estudado, com a frase “O que você aprendeu neste capítulo”, como podemos verificar na FIG. 25.

FIGURA 25 – Resumo dos conteúdos do Capítulo

O que você aprendeu neste capítulo

Contos populares

- ▶ São produções coletivas, conservadas na memória e na tradição oral de um povo.
- ▶ Revelam a visão de mundo, os valores e o imaginário desse povo.
- ▶ São utilizados **marcadores de tempo** que não indicam com exatidão quando ocorreram os fatos.
- ▶ Uma característica nos contos populares é a presença de seres com poderes sobrenaturais, palavras mágicas, feitiços, encantos e crendices.
- ▶ As palavras ou expressões auxiliam a caracterizar os espaços da narrativa e podem representar parte da cultura do povo retratado.
- ▶ Os contos populares muitas vezes apresentam várias versões de uma mesma história, de acordo com o lugar e o tempo em que é contada.

Variação linguística

- ▶ **Variação linguística:** propriedade das línguas de se modificarem de acordo com a situação de uso e as características do falante.
- ▶ **Variedade regional:** modo de falar dos habitantes de uma determinada região.
- ▶ **Variedade social:** modo de falar de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe econômica, nível cultural, idade, profissão, etc.).
- ▶ **Variedade situacional:** modo de falar de um indivíduo de acordo com as situações comunicativas do seu cotidiano.

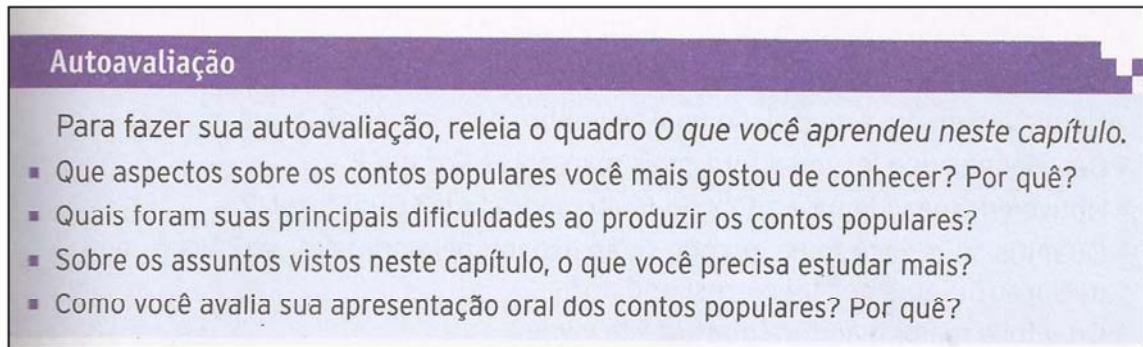
Variação linguística

- ▶ **Linguagem formal:** adequada a situações mais sérias ou de maior formalidade. Nesse tipo de linguagem, há a preocupação com o uso da norma-padrão.
- ▶ **Linguagem informal:** adequada a situações mais descontraídas. É utilizada, geralmente, entre pessoas com mais intimidade, que se sentem à vontade umas com as outras.

Fonte: Costa et al. (2012 c, p. 81).

E também, uma atividade de autoavaliação, no mínimo, incompleta, pois sugere rever o que se aprendeu. Entretanto, não contempla a Variação Linguística, apenas o gênero Conto, como podemos observar na FIG. 26.

FIGURA 26 – Questões acerca do que foi estudado no capítulo



Fonte: Costa et al. (2012 c, p. 81).

O resumo do capítulo, FIG 25, sintetiza o tratamento dado ao conteúdo Variação Linguística pela coleção *Para viver juntos: português*. Todavia, observamos mais uma distância com o tema do que aproximação. Desta forma, fazendo um trocadilho com o título do livro, ficamos bem mais separados, ao invés de juntos, quando encontramos lacunas no que diz respeito à uma reflexão do uso efetivo da língua.

Capítulo encerrado, conteúdo encerrado. No decorrer do livro não há mais nenhuma alusão ao conteúdo Variação Linguística.

A coleção *Para viver juntos: português* traz em todos os livros, do professor do ensino fundamental II, o apêndice do Manual do Professor. Além das considerações feitas acerca dos conteúdos e atividades do livro do aluno, o manual traz, ainda, a seção “Textos teóricos de apoio”. Sobre Variação Linguística, esta seção apresenta trechos das obras de Mattos e Silva (2004) e Bagno (2012). Consideramos positiva a intenção dos autores da coleção de embasar a prática do professor em teorias sociolinguísticas, contudo, identificamos lacunas e superficialidades entre esta teoria e a prática quanto ao aspecto didático das atividades propostas. Pois, ao estudar as variedades linguísticas cabe ao professor “a *identificação* da diferença e a *conscientização* da diferença” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42).

Ao falar em lacunas, sugerimos questões que permitam aos alunos a pensarem sobre sua identificação com determinada variedade linguística e valoração dessa linguagem.

b) Análise da coleção *Português linguagens*

A coleção *Português linguagens* também traz, no final do livro do professor de cada ano do ensino fundamental II, o apêndice do Manual do Professor. O manual discorre sobre Leitura, Produção de Texto, Oralidade e Gêneros Oraís. São textos escritos à luz de teóricos como Bakhtin, Schneuwly e Vygotsky que visam suscitar a discussão sobre as atividades do livro.

Para tanto, em cada seção é listada uma bibliografia para embasamento teórico. Na seção introdutória, os autores da coleção imprimem seu pensamento sobre o ensino de português sob “*a perspectiva enunciativa de língua, isto é, como meio de ação e interação social*”. No subtópico A Língua em Foco, a coleção afirma propor “*incluir no curso de língua portuguesa uma série de outras atividades que levam à aquisição de noções da maior importância, tais como: enunciado, texto e discurso, intencionalidade discursiva, o papel da situação de produção na construção do sentido dos enunciados, preconceito linguístico, variedades linguísticas, a semântica, as variações de registro (graus de formalidade e personalidade), avaliação apreciativa, etc.*”

Percebemos, assim, um discurso de redimensionamento do ensino da língua portuguesa em sala de aula. Ressaltamos, porém, que não há orientações específicas para as respectivas atividades no livro.

Deixaremos, como fizemos anteriormente, o livro do 6º Ano para o final da análise. Na obra do 7º Ano, o tema Variação Linguística aparece de forma sutil em duas situações: em estudos dos Verbos irregulares e no exercício expresso na FIG. 27.

No exercício da FIG. 27 observamos que a alternativa “b” da questão 7 promove a reflexão de uso da língua, visto que estimula o aluno a pensar em que contexto a forma linguística (tá) é adequada.

FIGURA 27 – Exercício sobre Verbos Irregulares

Leia a tira a seguir, de Lucas Lima, e responda às questões de 6 a 8.

NICOLAU - Lucas Lima

VOCÊ NÃO SUA MÃE QUANDO MINHA IDADE!

DE ONDE VOCÊ TIROU ISSO?

EU LI NO SEU BLOG!

DROGA! A INTERNET TÁ ME TIRANDO A AUTORIDADE!

VAMOS NOS EMPANTURRAR DE DOCES ANTES DO ALMOÇO!

(Nicolau – Primeiras histórias. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 19.)

6. De acordo com o contexto, quais são as formas verbais de **obedecer** e **ter**, respectivamente, que completam de modo adequado a frase do primeiro balão da tira?
7. No último quadrinho, a mãe do menino emprega a forma verbal **tá**.
 - a) Na norma-padrão escrita, qual é a forma equivalente a **tá**?
 - b) O emprego de **tá** é aceitável no contexto? Por quê?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015a, p. 32).

Mais adiante, na página 190, notamos a discussão de pronomes retos e pronomes oblíquos quanto ao emprego do “a gente” e do “nós” numa perspectiva sociolinguística. O aluno é levado a pensar a situação de uso do “a gente” e do “nós” (VIDE FIG. 28).

FIGURA 28 – Exercício sobre Pronomes retos e oblíquos

3. Em relação ao trecho “a gente se preocupa”, responda:
 - a) A quem o termo **a gente** faz referência, no contexto do anúncio?
 - b) Por qual outra palavra esse termo poderia ser substituído, sem alteração de sentido? Nesse caso, como ficaria o trecho?
 - c) Comparando a construção original do anúncio e a construção feita por você com a substituição da expressão **a gente**, qual é a menos formal?
 - d) Levante hipóteses: Por que o anunciante escolheu empregar “a gente se preocupa”?
4. Faça o exercício de prestar atenção na linguagem utilizada pelas pessoas em situações de interação. Observe situações com colegas, professores e familiares (em aulas, palestras na escola, conversas em intervalo, à mesa em casa, ao telefone, etc.). Depois responda:
 - a) Qual forma, segundo você observou, é mais comum nas conversas cotidianas: **nós** ou **a gente**?
 - b) Em alguma situação, você notou predominância do pronome **nós**? Se sim, qual foi ela?
 - c) O uso de **nós** e de **a gente** tem relação com a escolaridade ou a idade da pessoa? E com a situação em que a fala ocorre?

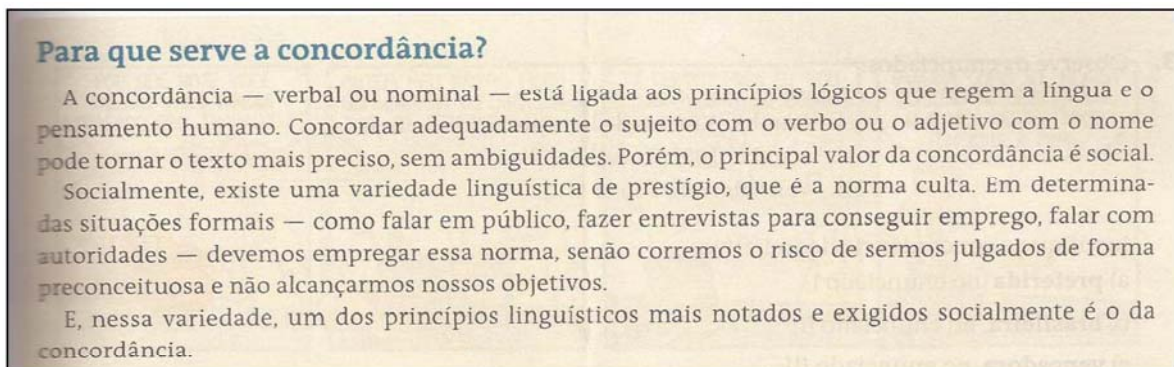
Fonte Cereja e Magalhães (2015a, p. 190).

Encontramos algumas atividades sobre reflexões de uso da língua e emprego ligado à variabilidade da língua (formalidade e informalidade). Consideramos, portanto, aspectos positivos na elaboração das questões.

Quanto ao material do 8º Ano não é feito estudo algum sobre o tema Variação Linguística. É inexistente. A única alusão se faz ao emprego da norma-padrão ao utilizar o gênero oral seminário (CEREJA; MAGALHÃES, 2015b, p. 255).

Ao analisarmos o livro do 9º Ano encontramos no tópico “A concordância na construção do texto” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015c, p. 170- 171) uma atividade voltada à reflexão da Variação Linguística e o seguinte comentário expresso na FIG. 29.

FIGURA 29 – Concordância verbal e concordância nominal



Fonte Cereja e Magalhães (2015 c, p. 171).

Embora o livro reconheça que a maioria dos brasileiros não faz uso da língua padrão, ele não deixa claro se a variedade não padrão de língua também é adequada e passível de usos em diversas situações. Julgamos, pois, negativa a observação, visto que é notória apenas a valorização da norma padrão.

Em algumas páginas à frente, mais especificamente, na página 187, sobre o estudo da concordância do verbo com o sujeito, o livro traz um quadro que menciona o preconceito linguístico, como podemos verificar a FIG. 30.

Nesta mesma linha, buscando aproximar-se da ideia de linguagem interacional e uso efetivo da língua, o livro traz outro comentário a respeito de norma-padrão e preconceito linguístico. (VIDE FIG. 31).

FIGURA 30 – Concordância verbal e preconceito linguístico

A concordância verbal e o preconceito linguístico

Você já sabe que, entre os vários tipos de preconceito, há também o linguístico.

Se, por exemplo, um falante deixa de empregar a preposição em uma construção como “O filme **a** que assisti é bom”, dificilmente será alvo de um julgamento negativo por parte dos interlocutores, mesmo que se trate de uma situação que pede o emprego da variedade padrão. Contudo, construções como “O culpado **foi** eu” ou “**Houveram** muitos problemas na firma” podem causar estranhamento entre os ouvintes e gerar preconceito em relação à capacidade discursiva do locutor.

Por essa razão, quando a situação exigir adequação à variedade padrão da língua e maior formalismo do discurso, convém que estejamos atentos à concordância verbal.

Fonte Cereja e Magalhães (2015c, p. 187).

FIGURA 31 – Comentário sobre Preconceito linguístico

Contraponto

Mesmo entre os falantes que normalmente fazem uso da norma-padrão, dificilmente alguém diz “Cheguei a casa tarde ontem” ou “Vou a casa e já volto” para se referir à própria casa, como recomenda a gramática normativa. Geralmente esses falantes empregam a preposição **a** nessas frases apenas quando usam a língua escrita.

Segundo o linguista Marcos Bagno, o emprego da preposição **a** está em declínio, e esse fenômeno não se restringe à regência desses dois verbos.

Veja o comentário do linguista a propósito desse fenômeno:

Com sentido locativo estático (repouso, situação, imobilidade), dá-se preferência à preposição **em**, o que cria pares como *estar à/na janela, falar ao/no telefone, sentar-se à/na mesa, [...] bater à/na porta, fazer algo ao/no computador [...]*.

(Português ou brasileiro — Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001. p. 145.)

Atenção: Em situações formais em que o uso da norma-padrão está sendo avaliado, deve-se atender ao que recomenda a gramática normativa.

Fonte Cereja e Magalhães (2015c, p. 221).

No entanto, no decorrer do livro o tema preconceito linguístico não é abordado de forma mais consistente, ou seja, caberá ao professor explorar este assunto a fim de que o aluno tenha uma compreensão mais solidificada dos eventos da língua, em especial, a Variação Linguística. Conforme orienta o PNLD (2017, p. 48) “o professor deverá estar atento ao trabalho com os conteúdos linguísticos, de forma a atender, no conjunto, aos pressupostos textuais e discursivos esperados. Será relevante também ampliar o trabalho com a variação linguística”.

Nosso foco agora é o material destinado ao 6º Ano, volume em que “a variação linguística é explorada de maneira mais consistente e detalhada”. (PNLD, 2017, 48).

O livro *Português Linguagens* é dividido em Unidades; cada unidade é constituída de três capítulos e cada capítulo apresenta os seguintes tópicos: *Estudo do texto; Produção do texto; A língua em foco; De olho na escrita; Divirta-se*.

O conteúdo Variação Linguística é abordado na Unidade 1, no capítulo 2. Já no Capítulo 1, no tópico “A língua em foco”, inicia-se o estudo sobre linguagem, com a chamada “Linguagem: Ação e Interação”. Este tópico apresenta o conceito de Linguagem como “um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015d, p. 23).

Em seguida, explica linguagem verbal e linguagem não verbal; os interlocutores. Dando sequência ao estudo, o livro trata da língua e define como “fenômeno social que resulta da interação verbal entre interlocutores e se manifesta por meio de enunciados concretos” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015d, p. 25). E ressalta que para a compreensão de fato da língua deve-se considerar a situação de comunicação em que ela se dá. Assim, encerra o primeiro capítulo.

Embora o livro justifique por que razão somos falantes da língua portuguesa, que também é o idioma principal de outros países, ele não menciona o caráter heterogêneo da nossa língua, o que provocaria uma reflexão sobre aspectos da linguagem, conforme FIG. 32.

FIGURA 32 – A Língua Portuguesa

Falamos o português no Brasil porque essa língua foi trazida pelos portugueses por ocasião da expansão marítima, no século XV. Outros países colonizados por Portugal, como Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau, na África, também têm o português como língua oficial.

Fonte: Cereja e Magalhães (2015 d, p. 25).


No segundo capítulo, o conteúdo Variação Linguística é introduzido no tópico “A língua em foco”, com a chamada “As Variedades linguísticas”. Através de uma tira de Fernando Gonzales (VIDE FIG. 33).

FIGURA 33 – Tirinha de Gonzales

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonzales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007.)

- O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - Como provavelmente ela diria essas palavras?
- Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
- No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015d, p. 39).

Com questões reflexivas, o livro leva o aluno a pensar sobre o uso da língua e o preconceito linguístico. Corroborando com a concepção sociolinguística de que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.” (BAGNO, 2007b, p. 52). Um bom trabalho. Logo depois, conceitua “Variedades linguísticas são as variações

que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada”. (CEREJA; MAGALHÃES, 2015d, p. 40). Comentando sobre norma-padrão e variedades de prestígio, encontramos o seguinte na FIG. 34.

FIGURA 34 – Conceitos de Norma-padrão e Variedade urbanas

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.

Fonte: Cereja e Magalhães (2015 d, p. 41).

O livro ainda ressalta que “as variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015d, p. 41), o que nos leva a crer que se não nos enquadrarmos neste perfil sofreremos preconceito social, conforme comentário do livro (FIG. 35). Ou seja, o aluno é levado a acreditar que para não sofrer o preconceito social, sua linguagem deve estar alinhada à norma-padrão. Observamos, assim um hiato no estudo da variação linguística.

Encerrando o conteúdo Variação Linguística, encontramos ainda a seguinte observação:

FIGURA 35 – Variedades de prestígio

Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

Fonte: Cereja e Magalhães (2015d, p. 41).

Sabemos que é papel da escola oportunizar o aluno o acesso às variedades de prestígio. Entretanto, questão de cidadania é também dotar o aluno de informações que o levem a compreender o uso da língua como ato comunicativo e que sua linguagem não é inferior à outra. O aluno deve aprender a valorizar o seu falar, apropriar-se da sua linguagem como meio de identidade sociocultural e, assim, formar um cidadão. Afinal:

A escola não pode desconsiderar um fato incontornável: os comportamentos sociais não são ditados pelo conhecimento científico, mas por outra ordem de saberes (representações ideologias, preconceitos, mitos, superstições, crenças tradicionais, folclore etc.). (BAGNO, 2006, p. 7).

No livro analisado, quanto aos tipos de variação linguística são apresentadas diferentes causas “motivos”: diferenças de lugar ou região; escolaridade e classe social; diferenças históricas; oralidade e escrita; formalidade e informalidade: graus de monitoramento; a gíria.

Constatamos, portanto, que o tratamento dado à Variação Linguística fica bem mais próximo do que buscamos neste trabalho- uma prática voltada para a reflexão do uso da língua, contextualizando este uso, levando o aluno a perceber e experimentar a heterogeneidade e a diversidade linguística do falante de língua portuguesa.

Porém, também encontramos falhas, nos exercícios, quando não apresentam questionamentos que levem o aluno a pensar sua linguagem em uma forma de delimitar seu espaço e (re) conhecer-se falante de uma sociedade igualmente prestigiada, do ponto de vista linguístico.

A coleção Português Linguagens aproxima-se do que acreditamos que deva ser ensinado nas salas de aula ao abordar o conteúdo Variação Linguística, isto é, a reflexão de uso da língua. Mesmo assim, este material não se harmoniza por completo com o nosso trabalho visto que nosso foco é a reflexão da linguagem como instrumento de empoderamento e respeito sociocultural, visto que “na realidade das relações sociais, os fatores de variação se encontram imbricados” (ALKMIN, 2001, p. 39).

Outrossim, reforçamos nosso pensamento de trabalhar o conteúdo Variação Linguística na turma de oitavo, já que nas coleções pesquisadas este conteúdo apresenta-se de forma mais solidificada no volume do 6º Ano, apenas. No 8º ano,

este tema é totalmente desprezado. Para tanto, nosso estudo realiza-se com elementos que façam sentido para estes alunos, como o *meme* “Bode Gaiato”, na busca da *identificação e conscientização* da diferença (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42) e reconhecer-se na diferença.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Nessa seção, apresentamos um panorama acerca dos estudos realizados com a linguagem na interface com o gênero *meme* “Bode Gaiato” em sala de aula e o ponto de vista que os alunos têm deste tema quando confrontados em seu contexto sociocultural. Buscamos minimizar os problemas decorrentes de um estudo incipiente de Variação Linguística nos livros didáticos que costumeiramente limita a ideia de que o fenômeno da variação acontece apenas entre os falantes da zona rural, reduzindo equivocadamente a variação linguística a uma variedade regional. Postura questionada por autores como Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004). Nossa proposta de intervenção com o *corpus meme* “Bode Gaiato” vai além dos estudos de Variação Linguística verificados na análise dos LDP (VIDE Seção 5.1), pois coloca os educandos como protagonistas das atividades, levando-os a refletir sua linguagem como evento de variação linguística e rompendo, assim com paradigma da variação linguística restrita ao personagem Chico Bento e textos de Adoniran Barbosa e Patativa do Assaré. Como preâmbulo para introduzirmos a análise das atividades com o gênero *meme* “Bode Gaiato” apresentamos os dados coletados a partir do questionário social.

5.2.1 Descrição e análise do Questionário Social

Com o objetivo de avaliar a posição dos alunos no que concerne à linguagem do nordestino, verificando o nível de consciência destes quanto ao uso da língua, aplicamos o primeiro questionário social. O questionário composto de cinco questões, a maior parte aberta, foi aplicado em uma aula de 50 minutos.

Iniciamos uma conversa a partir do tema “falar do nordestino”, sem, entretanto, mencionar o conteúdo Variação Linguística. Informamos aos alunos que

gostaríamos que eles respondessem algumas perguntas que envolviam o jeito de falar do nordestino. Em seguida, foi distribuído a cada aluno uma cópia do questionário (VIDE QUADRO 2). E recolhido após 40 minutos. Nos minutos finais, os alunos mostraram-se curiosos sobre o que realmente seria trabalhado nas aulas seguintes, já que haviam percebido uma ligação com a linguagem nordestina. Por esta razão, alguns alunos ventilaram na sala de aula o conteúdo Variação Linguística recordando que trabalháramos no sexto ano. Mantivemos o suspense e comunicamos que voltaríamos com a proposta.

Ao analisarmos o Questionário Social, observamos que a consciência da Linguagem nordestina a fim de se reconhecerem parte de um grupo falante e, portanto, com especificidades e particularidades linguísticas deste grupo é variável. Falta unidade e maturidade do que entendemos como Variação Linguística, isto é, os diferentes modos de falar de uma comunidade (ALKMIN, 2001, p.32).

O primeiro questionamento “Você valoriza a fala do nordestino?” apenas um aluno respondeu NÃO. Mas no questionamento 3 que perguntava “Para você, o nordestino fala certo ou errado?”, dez alunos responderam ERRADO. Isto é, valorizam o falar de sua região, mas está incutido no imaginário popular, no senso comum, o falso conceito de que o nordestino fala errado, reafirmando então uma língua de menos prestígio.

Para ilustrar as observações feitas até aqui, apresentamos trechos de respostas de dois alunos. Vale lembrar que a análise do questionário social é representativa, visto que não analisamos todas as respostas de todos os alunos.

FIGURA 36 - Questionário Social do aluno 1³

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.
 Eu valorizo pois é uma fala única, quando pessoas que vem de fora de nordeste e falam com que há muitas palavras que de fora precisa explicar a significação.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Errado

Fonte: Autoria própria.

³ Cabe destacar que os alunos serão identificados por números, preservando sua identidade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 34), “as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas”. No trecho do aluno 1, identificamos tal concepção no momento em que ele, mesmo inconscientemente, apresenta o “preconceito linguístico” com respostas contraditórias: valoriza o falar da região; conhece e domina sua língua “preciso explicar o significado”; no entanto, considera que falamos errado, pensamento reforçado pelo senso comum.

FIGURA 37 - Questionário Social do aluno 2

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.
 Foi uma vez que eu falei "Pia" aí minha prima de São Paulo perguntou se que era aí eu traduzi significas "lê-la presta atenção" aí ela falou que nesse jeito de falar era feio aí eu disse Norma é costume

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? é errado mas entendem certo

Fonte: Autoria própria.

O aluno 2 abre a perspectiva para uma discussão nessa temática quando afirma que falam errado e entendem certo. Isto é, apenas no seu grupo de interactantes o falar é compreensível e aceitável. Ratificado na questão 2 quando ele relata que sua prima “falou que nosso jeito de falar era feio” e ele diz “é *custume*”. Corroborando com a perspectiva de (BAGNO, 2007, p. 57) de que “uma variedade linguística é o modo de falar a língua característico de determinado grupo social ou de determinada região geográfica”.

Quanto ao questionamento “Dê exemplos de palavras que representam o nosso falar. Quais destas palavras você percebe que o senso comum julga erradas? Por quê?”, todos escreveram palavras comuns no falar dos alunos, sendo as mais recorrentes: *oxente*, *mainha*, *vixe*, *visse*, *pia*. Em seguida, todos afirmaram que as palavras eram consideradas erradas pelo senso comum. A resposta de um aluno sobre o porquê eram consideradas erradas contribuiu para o desenvolvimento das atividades seguintes.

FIGURA 38 - Questionário Social do aluno 3

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Oxente, disse, "maí meminho", "ai" mania, etc.

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS "Maí meminho" e "maí meminho", "ai" mania, "ai" mania, "ai" mania. Consideram errada porque têm as letras, mas tem uma entonação etc.

Fonte: Autoria própria.

Observamos que foram abordados, em sua resposta, elementos linguísticos para o estudo do uso da língua quando é mencionada ausência de letras e falta de concordância.

Perguntados, no questionamento 4, "Você se identifica com o jeito de falar do nordestino?", apenas dois alunos responderam NÃO. Em seguida, indagados "Se a resposta é Sim, em que aspectos acontece essa identificação?" todos responderam em situações do cotidiano, como conversa com familiares, com vizinhos, no lazer.

No questionamento 5 "Você é nordestino?", todos responderam SIM. Solicitados por apresentarem-se e escreverem o pensam da cultura nordestina, as respostas convergem para o pensamento de que são nordestinos e gostam de sua cultura. Verifiquemos, abaixo, a fala destes dois alunos.

FIGURA 39 - Questionário Social do aluno 4

5. VOCÊ É NORDESTINO? () SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS, ONDE MORÁ, SEU COMPORTAMENTO/ATTITUDE NO MEIO EM QUE VIVE, O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

OLA eu sou um nordestino, toda a minha familia tambem e nordestino, todo mundo so em casa fala estranho mais e um estranho que qual-quer nordestino entende, porque aqui no nordeste tem o nome jeito especial de falar que ninguem tem igual, por isso que no nos entende mas esse jeito.

Fonte: Autoria própria.

O aluno 4 reconhece as particularidades do falar nordestino. O que entendemos como Variação Linguística. Isto é, ele tem internalizado o conceito de variedades linguísticas e que os falantes desta comunidade interagem de forma eficiente entre si. No entanto, fica restrito a este pensamento.

O aluno 5 apresenta uma identidade e já um empoderamento da linguagem de sua região, reconhecendo-se parte desta comunidade.

FIGURA 40 - Questionário Social do aluno 5

5. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS, ONDE MORÁ, SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE; O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

Seu nordestino, meus pais não nordestinos, maso num bairro considerado bairro nobre, gosto de brincar com todos, assistir, dormir, comer e etc.

Pa mim acho bem divertida a forma do povo nordestino falar e é uma marca.

#Amorernordestino

Fonte: Autoria própria.

A partir das respostas dos alunos, traçamos nossas atividades. Os *memes* do “Bode Gaiato” selecionados buscaram também contemplar as lacunas diagnosticadas na análise realizada nos Livros Didáticos, em duas dimensões: linguísticas e socioculturais. Superando o que foi identificado na análise dos LDP quanto ao estudo da variação que é pautado em conceitos e *identificação* da diferença dos eventos de variação, nossa proposta visa contemplar além da *identificação* da diferença a *conscientização* da diferença (BORTONI-RICARDO, 2004). Isto é, os aspectos socioculturais, negligenciados até então, são tratados com relevância para o estudo da variação. É a busca do reconhecer-se falante de determinada comunidade, refletir a linguagem desta comunidade, valorizá-la e respeitar a linguagem de outros falantes. O *corpus* do nosso trabalho segue alguns aspectos, como características composicionais do gênero, características do texto verbal e elementos não-verbais do gênero, características linguísticas e marcas enunciativas (LOPES-ROSSI, 2006).

5.2.2 Descrição e análise das atividades propostas do meme “Bode Gaiato”

Conforme descrito na metodologia, esta seção se propõe a analisar as atividades interventivas realizadas em sala de aula, num total de 6 etapas. Ilustraremos com trechos de repostas dos alunos cujos registros consideramos mais representativos de determinada recorrência.

Seguimos a adaptação da sequência didática de Lopes-Rossi (2012), com foco na leitura, e tomamos como parâmetros os procedimentos e o nível de compreensão adotados pela teórica. Ou seja, exploramos os aspectos composicionais do gênero bem como as características do texto e os elementos não-verbais a fim de atingirmos o nível mínimo de compreensão dessa estrutura, como reconhecimento do gênero e curiosidades sobre o tema.

Apresentamos aos alunos o *meme* “Bode Gaiato”, em data show, para o desenvolvimento da Atividade I (VIDE APÊNDICE B). Os objetivos eram:

- proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
- refletir as relações sociais entre mãe e filho, aproximando-se do contexto no qual os alunos estão inseridos.

Seguindo este parâmetro, fizemos a leitura do *meme* “Bode Gaiato”, expresso na FIG. 41, e uma breve discussão sobre a estrutura do gênero *meme*, com perguntas como: se conheciam aquele gênero? Onde ele circulava? Quais as características do gênero?, atentando para as personagens e o tema abordado.

FIGURA 41 – Meme da atividade I



Fonte: Google Imagens.

É fato que a apresentação do *meme* “Bode Gaiato” foi uma grata surpresa para os alunos, pois todos já conheciam o gênero. Em seguida, foi distribuído o questionário para os 22 alunos presentes.

Ao analisarmos o questionamento 1 “O *meme* “Bode Gaiato” é engraçado? Por quê?”, quinze alunos comungaram do mesmo pensamento atribuindo o efeito de humor do *meme* ao modo de falar das personagens. Outro dado relevante é que estes se mantiveram distantes do contexto retratado no texto, não se identificando com a linguagem representada. Conforme observamos na resposta do Aluno 1, expresso na FIG. 42.

FIGURA 42 - Resposta do aluno 1

Fonte: Autoria própria.

Já para sete alunos, o humor do *meme* também está ligado à relação entre mãe e filho. Observamos esta assertiva na fala do aluno 2, conforme a FIG. 43.

FIGURA 43 – Resposta do aluno 2

Fonte: Autoria própria.

Portanto, os alunos satisfizeram o primeiro procedimento que versa sobre uma compreensão mínima do gênero.

Quando perguntados se “Essa situação ou algo parecido já aconteceu com você? Conte-nos”. Apenas quatro alunos responderam NÃO. A maioria relatou fatos que comprovam esta identificação, como o que disse o aluno 3 (VIDE FIG. 44).

FIGURA 44 – Resposta do aluno 3

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

Si pra qz minha mãe fala qz minha vovó tá pra
 o mesmo de falar a vovó.

Fonte: Autoria própria.

Apenas dois alunos afirmaram não se identificar com Júnio. Ao serem sugeridos “Imagine que este diálogo ocorra em outra região. Teria o mesmo sentido? Justifique”. Todos escreveram suas respostas baseadas na perspectiva de que a linguagem empregada no *memé* é a linguagem nordestina, própria de determinada região. Apresentada na FIG. 45.

FIGURA 45 – Resposta do aluno 4

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

Não, porque esse é o jeito de falar no Nordeste.

Fonte: Autoria própria.

Assim, concluímos que os alunos têm a noção de que cada comunidade de falantes tem as suas características e particularidades linguísticas que diferem de outras comunidades de falantes. Ratificando, portanto, a relevância do estudo sobre variação linguística, conforme (BAGNO, 2002, p. 32).

Solicitados a reconstruir o diálogo, alguns alunos mantiveram o mesmo vocabulário. O que demonstra um acervo limitado de palavras para a adequação da linguagem em outros níveis. Contudo, boa parte reescreveu o texto atendendo ao que foi solicitado na questão, como vemos na resposta do aluno 5, na FIG. 46.

FIGURA 46 – Resposta do aluno 5

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

• Memino que ocupa a casa, vai fazer que faz sentido parecendo um polhaco,

• Não tem nada a ver, você não sabe das coisas

• vai fazer a pergunta agora vai um menino vestido com uma roupa de lerdão.

Fonte: Autoria própria.

Após responderem os questionamentos, ainda com a folha em mãos, discutimos o texto e listamos no quadro as palavras que representavam o falar nordestino e discutimos o significado das mesmas. Tal exercício fez-nos perceber que os alunos dominam a forma adequada destas palavras e conhecem o seu campo semântico. Ficou claro, pois, que o cerne do nosso trabalho é a construção de sentido.

No tocante aos aspectos da linguagem, tratamos da expressão “ESSAS CAÇA RÉA...”, para abordamos a ausência de concordância nominal, os alunos responderam muito bem nossos questionamentos percebendo a inadequação e reescrevendo a frase no padrão formal; apresentamos, ainda, as palavras “ARMARIA” e “MAI”, ambas do repertório vocabular dos alunos. Estes compreendem inequivocamente a escrita destas palavras.

Concluimos a primeira atividade certos de que os alunos precisariam refletir sua linguagem usual, procurando aproximá-los do gênero em estudo a fim de abordarmos o conteúdo variação linguística.

Em cada atividade, os objetivos alinham-se às especificidades do respectivo *meme* em concordância com a proposta para o estudo da Variação Linguística e com o pensamento de Lopes-Rossi (2012) quanto “aos objetivos de leitura inerentes ao gênero discursivo e decorrentes da curiosidade provocada pela leitura rápida inicial.”

Por sua vez, a atividade II (VIDE APÊNDICE C) consistia como objetivos:

- proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.

- abordar aspectos da cultura nordestina, em evidência a religiosidade, explorando elementos linguísticos presentes no texto que reforçam essa cultura.

Ao chegarmos para a etapa 2, retomamos a discussão considerando o segundo procedimento que uma compreensão básica do tema e do seu desenvolvimento. Então, expusemos, novamente, em data show, o *meme* “Bode Gaiato” (visualizado na FIG. 47), fizemos a leitura e abrimos espaço para os comentários.

Percebemos os risos dos alunos o que significou uma resposta positiva à nossa proposta. Entregamos o questionário.

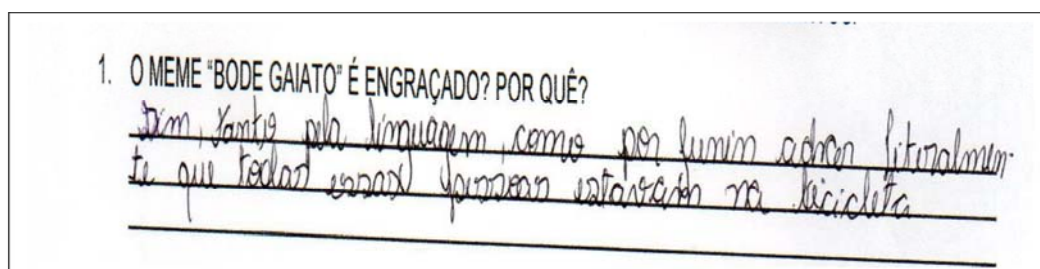
FIGURA 47 – Meme da atividade II



Fonte: Google Imagens.

Já na primeira pergunta sobre o humor no *meme*, percebemos uma ampliação na resposta: os alunos atentaram para o efeito de sentido a partir dos elementos linguísticos presentes no gênero, como comprovado na FIG. 48, na resposta do aluno 1.

FIGURA 48 – Resposta do aluno 1



Fonte: Autoria própria.

Indagados sobre os aspectos da cultura do povo de determinada região e de que região se tratava, todos responderam tratar da religiosidade ou crença na região nordeste. Demonstrando, assim, um conhecimento prévio dos aspectos sócio-históricos-culturais presentes no texto. Corroborando, portanto, com o segundo procedimento que versa sobre os objetivos definidos para a leitura do gênero.

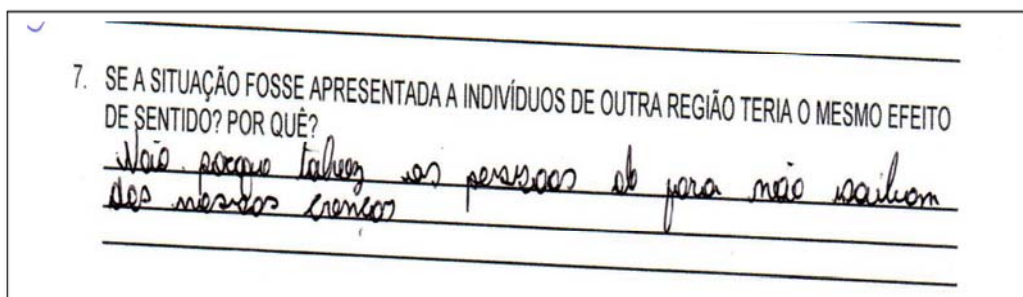
Confirmamos, pois, um exemplo de variação diatópica – que é a diferença entre os modos de falar de lugares distintos, em consonância com Bagno (2007).

Os questionamentos 3, 4 e 5 abordavam as experiências dos alunos quanto à religiosidade. Muitos demonstraram uma identificação confirmando a atitude maternal representada no *meme*. No entanto, um fato merece destaque, na retomada da discussão desses questionamentos alguns alunos foram categóricos em responder NÃO quando indagados “Você se reconhece na cena do *meme* “Bode Gaiato” ? Por quê?” e justificaram por serem evangélicos e “evangélicos não acreditam em santo”. Procuramos, porém, não entrar no mérito da crença religiosa, visto que este não era nosso objetivo. Nosso foco era o aspecto sociocultural visto que a religiosidade popular é uma forte característica do nordestino. Eis a reflexão para a escolha do material a ser trabalhado.

Quanto ao contexto de realização do diálogo, todos falaram no cotidiano, em casa, nas atividades corriqueiras.

Quando perguntados “Se a situação fosse apresentada a indivíduos de outra região teria o mesmo efeito de sentido? Por quê?” a grande maioria respondeu que NÃO, justificando no conhecimento acerca dos santos citados. Identificamos, então, um fator social extralinguístico, reconhecido na sociolinguística como de origem geográfica: fala característica das diferentes regiões brasileiras (BAGNO, 2007, p. 43). Conforme explica o aluno 2, como pode ser observado na FIG. 49.

FIGURA 49 – Resposta do aluno 2



Fonte: Autoria própria.

Em seguida, discutimos os elementos linguísticos presentes no texto, como forma de buscar uma identidade sociolinguística. Verificamos a consciência dos alunos no que diz respeito aos aspectos culturais e a satisfação em considerar tal evento como natural e parte de sua prática sociocultural. Quanto ao aspecto da linguagem, evidenciamos o apagamento do diminutivo – inho na palavra “PADIN”. Não houve dificuldade para que os educandos reconhecessem e refizessem a reescrita da palavra adequadamente.

Chegamos à conclusão de que os alunos estão /ampliado o conhecimento e compreendendo que a variação linguística é um fenômeno da heterogeneidade da nossa língua. Este resultado comprova nossa concepção de trabalhar a variação linguística a partir de um contexto que favoreça a reflexão da linguagem de uso dos alunos. O gênero *meme* “Bode Gaiato” contempla esta ideia, pois observamos na resposta dos estudantes uma total identificação com a abordagem dos temas nos *memes* e a compreensão de que este gênero é acessível a outras comunidades de falantes e portanto passível de outros entendimentos respeitando as especificidades de cada comunidade linguística. Considerando os aspectos sócio-histórico-culturais dos falantes, conforme afirma Possenti (2012a, p. 35) “As variações linguísticas são condicionadas por fatores internos da língua ou por fatores sociais, ou por ambos ao mesmo tempo”. Atingindo, ainda, o nível de compreensão esperado que seria, segundo Lopes-Rossi (2012), a compreensão básica do gênero e seu desenvolvimento.

A atividade III (VIDE APÊNDICE D) abordava as relações sociais entre marido e mulher e seus objetivos eram:

- proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
- atentar para as relações sociais pai e mãe, quanto a direitos e obrigações destes no ambiente familiar.
- promover a reflexão sobre a importância do trabalho para a formação do cidadão.

Ao apresentarmos o *meme* “Bode Gaiato” da FIG. 50, perguntamos qual a estrutura do texto e os alunos foram unânimes em responder que se tratava de um diálogo entre marido e mulher. Provocando a discussão, indagamos qual o foco do diálogo e eles registraram que o trabalho. Os alunos passaram, então, a fazer conjecturas sobre a ideia de “trabalhar” para o personagem Bio. Exploramos este

exercício pois entendemos que “a compreensão de texto é uma questão complexa como que envolve não apenas fenômenos linguísticos, mas também antropológicos, psicológicos e factuais.” (MARCUSCHI, 2008, p. 249).

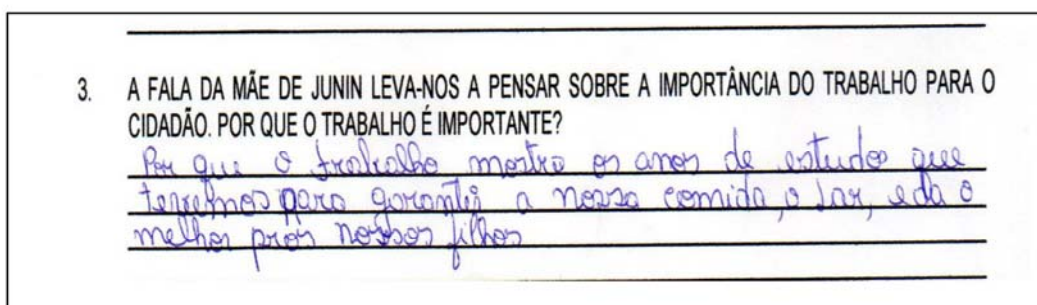
FIGURA 50 – Meme da atividade III



Fonte: Google Imagens.

Nesse ínterim, entregamos os questionamentos com o propósito de verificarmos o “nível de compreensão minimamente crítica” (Lopes-Rossi, 2012) do gênero *meme* “Bode Gaiato”. Assim observamos: o item 3 trazia a seguinte indagação: “A fala da mãe de Junin leva-nos a pensar a importância do trabalho para o cidadão. Por que o trabalho é importante?”. As respostas evidenciaram para a importância do trabalho numa visão apenas consumista, isto é, adquirir “bens”. Como observamos na resposta do aluno 1. (VIDE FIG. 51).

FIGURA 51 – Resposta do aluno 1



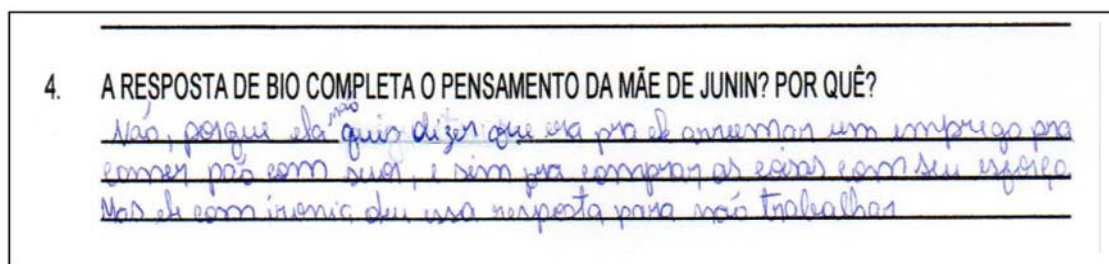
Fonte: Autoria própria.

Em sua resposta, embora esteja claro o reconhecimento do estudo para um trabalho que oportuniza uma renda maior, sua consciência está na garantia e conquista de bens materiais.

Essa perspectiva mereceu uma maior atenção na retomada dos questionamentos. Desta forma, exploramos o tema trabalho a fim de direcionarmos a reflexão do trabalho para a formação do cidadão, registrado como um dos objetivos desta atividade.

Quanto à construção de sentido, o item 4 perguntava “A resposta de Bio completa o pensamento da mãe de Junin? Por quê?”, todos os alunos responderam NÃO e justificaram que era pelo “caráter” do personagem Bio, exemplificado na resposta do aluno 2. (VIDE FIG. 52).

FIGURA 52 – Resposta do aluno 2

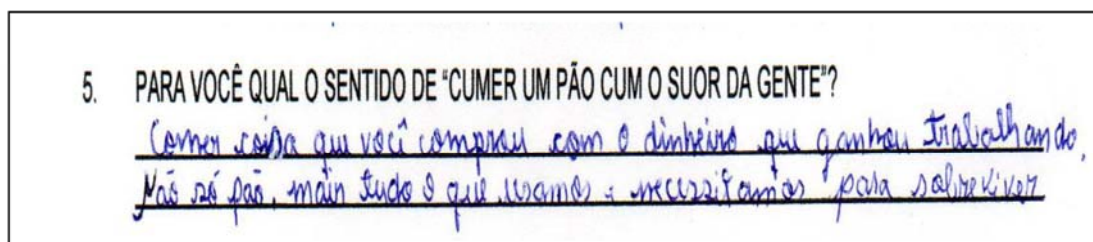


Fonte: Autoria própria.

Percebemos, portanto, um amadurecimento e uma ampliação do conhecimento dos alunos na produção de sentido, identificando recursos linguísticos como a ironia neste processo.

Para ratificar a consciência da importância do trabalho, os alunos foram convidados a pensar sobre “o sentido de “cumer um pão cum o suor da gente”, na questão 5. De forma mais resumida e outras mais elaboradas, todos comungam de um mesmo pensamento, conforme exposto na FIG. 53, na fala do aluno 3.

FIGURA 53 – Resposta do aluno 3



Fonte: Autoria própria.

Verificamos, então, que de forma geral, os alunos reconhecem e valorizam o trabalho como fator determinante para sua formação cidadã.

É imperativo reforçar o processo inferencial para um leitor proficiente. As questões 4 e 5 trabalham buscam trabalhar este aspecto pois “O texto não explicita todos os sentidos possíveis; o leitor faz inferências, algumas nem mesmo previstas pelo autor do texto.” (LOPES-ROSSI, 2012, p.158).

Quanto aos aspectos linguísticos, discutimos os traços de oralidades nas palavras “porque”; “num”; “cumer” e “cum”. Os alunos demonstram domínio satisfatório dos usos da língua, compreendendo que estes fenômenos, apesar de presentes no falar deles, não representam graficamente os respectivos termos. Sendo, pois, por analogia aos estudos de Bortoni-Ricardo (2004) sobre a fala do personagem Chico Bento, em seu livro *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula, contínuo de oralidade-letramento*. Procuramos com estas intervenções redimensionar o estudo da linguagem pois,

uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e a dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve. Na fala, as pessoas dizem coisas como “né”, “ocêis”, “disséro”, “téquinico”, pensando que dizem “não é”, “vocês”, “disseram”, “técnico”, [...]. (ILARI; BASSO, 2006, p. 181).

Divergindo da tradição escolar acerca do ensino da variação linguística, as atividades estão organizadas de forma a garantir a progressão da aprendizagem dos alunos e a formação de suas habilidades leitoras. Os questionamentos são elaborados para este fim e não apenas para verificarmos a compreensão do texto (Lopes-Rossi, 2012). Razão pela qual, a escolha dos *memes* e a definição dos objetivos estão verticalmente ligados aos níveis de compreensão esperados em cada atividade.

A atividade IV (VIDE APÊNDICE E) fundamentava-se numa reflexão sobre o alcoolismo, uma realidade frequente do dia a dia de nossos alunos, e registrava como objetivos:

- proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.

- Abordar questões de saúde pública, neste caso o alcoolismo, problema presente, com certa frequência, na realidade dos alunos.

Inicialmente, expusemos os *meme* “Bode Gaiato” da FIG. 54, em data show, e promovemos o debate sobre o tema em evidência. Nossa intenção era articular o terceiro procedimento da sequência de Lopes-Rossi (2012) – leitura detalhada do gênero ao nível de compreensão esperada: percepção dos elementos linguístico-textuais característicos do gênero *meme* “Bode Gaiato”.

FIGURA 54 – *Meme* da atividade IV



Fonte: Google Imagens.

Dessa forma, indagamos sobre o humor do texto, e se já haviam experimentado uma situação parecida com a de “Junin”. E se, de alguma forma, se identificavam com “Junin” ou conheciam alguém que representava o comportamento do pai de “Junin”. Cerca de 90% dos alunos respondeu afirmativamente aos questionamentos o que demonstrou um certo conhecimento do tema alcoolismo.

A construção de sentido do texto centrava-se na polissemia da palavra “pinga” e quanto a esta compreensão numa dimensão de complementar o pensamento dos alunos, o item 5 questionava “A resposta do pai de Junin é convincente? Por quê?” e o item 6 provocava “Qual sua opinião sobre a fala do pai de Junin?”. Como o entendimento focava na palavra “pinga”, os alunos responderam NÃO, quanto ao quesito 5 e ao 6, entenderam que a “malícia” do pai de Junin resultado da ambiguidade da palavra pinga. Conforme respostas do aluno 1, observada na FIG. 55.

Observamos a compreensão do aluno acerca dos usos da língua e principalmente o caráter social da linguagem. A abordagem de que o personagem é

nordestino e por isso usa um significado da palavra “pinga” que justifica seu comportamento deixa claro o progresso quanto ao estudo da variação linguística. Neste caso, uma variação dialetal, pois, segundo Travaglia (2009, p. 42) “os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua”. Isto é, o sentido da palavra “pinga” decorre da intenção do pai de Junin, o interactante no decorrer do discurso.

FIGURA 55 – Resposta do aluno 1

| | |
|----|--|
| 5. | A RESPOSTA DO PAI DE JUNIN É CONVINCENTE? POR QUÊ? <i>Não, por que ele entendeu p que o médico quis dizer não que a resposta dele foi para que o filho se enganasse.</i> |
| 6. | QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A FALA DO PAI DE JUNIN? <i>Ele é nordestino e conhece a palavra pinga que aqui significa cachaça, e ele resolveu fazer piada disso.</i> |

Fonte: Autoria própria.

Nesta atividade, o estudo da variação linguística se deu exatamente nesta concepção de variedade dialetal – o significado de uma palavra e o contexto é resultado da intenção do falante.

No âmbito da formação sociocultural dos alunos, o questionamento 7 solicitava “Que problema de saúde pública é revelado no texto? O que você pensa sobre esta realidade?”. Dos 23 alunos presentes, apenas 2 responderam que era problema de visão, e cerca de 80% atribuíram a problemas com o álcool, de acordo com registros do aluno 2. (VIDE FIG. 56).

FIGURA 56 – Resposta do aluno 2

| | |
|----|--|
| 7. | QUE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA É REVELADO NO TEXTO? O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ESTA REALIDADE? <i>Problema de com consumo de bebidas alcoólicas, risco maior de isso prezere problemas no corpo humano além de prezere risco acidentes por eles.</i> |
|----|--|

Fonte: Autoria própria.

Verificamos, assim, que além da identificação do problema, há uma preocupação por parte do aluno com os efeitos do alcoolismo. Um pensamento voltado para o bem estar do grupo no qual está inserido.

Na análise das atividades V e VI (VIDE APÊNDICES F e G), a seguir, verificamos nos alunos um entendimento sociocultural da região em moram bem como uma compreensão dos aspectos sociogeográficos de sua região. Estes dados demonstram o processo para a formação crítica e participativa dos alunos, afirmados por Lopes-Rossi. É pertinente ressaltar que estes aspectos levam à reflexão da linguagem destes alunos que são partes de um grupo de falantes de uma região.

A atividade V apresentava como foco a retomada dos aspectos sociogeográficos da região Nordeste. Os objetivos eram:

- proporcionar a discussão e reflexão do “falar” nordestino no texto do *Bode Gaiato*, construindo os efeitos de sentido que emergem no texto.
- contextualizar aspectos geográficos característicos da Região Nordeste.
- recuperar as informações intertextuais.

Esta atividade teve um diferencial, uma vez que abordamos o tema intertextualidade de maneira sutil. Para apresentarmos o *meme* escolhido (vide FIG. 58) para a atividade precisamos socializar com os alunos a música *O Segundo Sol*, do compositor Nando Reis (vide APÊNDICE H). Entregamos a letra da música para os alunos, fizemos uma leitura coletiva do texto e conversamos sobre o que seria, para eles, “o segundo sol”. Muitos alunos já conheciam a música o que contribui positivamente para a discussão. Alguns pensaram em extraterrestres, outros em fenômenos naturais e uns poucos em mudança social.

Em seguida, ouvimos e cantamos a música. Um momento de descontração. Logo depois, apresentamos em data show o *meme* “Bode Gaiato” da FIG. 57, fizemos a leitura do texto e dialogamos sobre os elementos verbais e não-verbais do texto. Quanto a produção de sentido, os alunos consideraram engraçado a fala de Junin visto que era um período que estava muito quente em Campina Grande e vivíamos o racionamento de água. Distribuímos, então, os questionamentos.

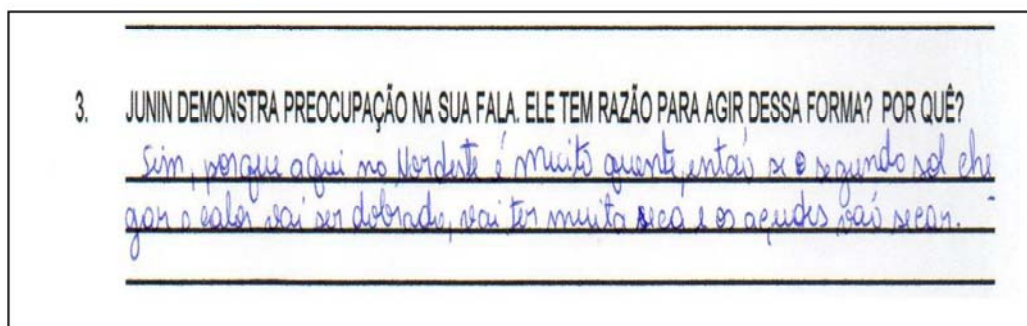
FIGURA 57 – Meme da atividade V



Fonte: Google Imagens.

O quesito 3 perguntava “Junin demonstra preocupação na sua fala. Ele tem razão para agir dessa forma? Por quê?”, os alunos responderam SIM e justificaram pelas razões de temperatura da região. Conforme diz o aluno 1 na FIG. 58.

FIGURA 58 – Resposta do aluno 1



Fonte: Autoria própria.

O aluno 1 demonstrou um conhecimento da situação vigente na época: a escassez de água na região. Contexto característico da região Nordeste.

Neste momento, trabalhávamos na perspectiva do quarto procedimento da sequência de Lopes-Rossi (2012), isto é, uma compreensão crítica a partir das características do gênero. Dessa forma, considerando o processo de inferência dos leitores, a questão 4 indagava “Que palavra do texto está intimamente ligada aos aspectos sociogeográficos característicos da região nordeste? Por quê?”. Os alunos

foram unânimes em responder SOL, como verificamos na resposta do aluno 2 (vide FIG. 59).

FIGURA 59 – Resposta do aluno 2

4. QUE PALAVRA DO TEXTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AOS ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DA REGIÃO NORDESTE? POR QUÊ?

Sol, porque o sol representa para nós nordestinos, calor, uma plantação ruim.
Se não chover afeta diretamente essas coisas.

Fonte: Autoria própria.

A resposta do aluno ratifica o pensamento de Junin, demonstrando uma total identificação com o tema abordado no *memé*. É notória, pois a importância de elementos extralinguísticos para a compreensão do texto. A fim de verificarmos o conhecimento sociogeográfico dos alunos, a questão 6 perguntava “Esta situação se repete em outras regiões do Brasil? Explique.”. Observamos a noção de aspectos geográficos, exemplificado na FIG. 60.

FIGURA 60 – Resposta do aluno 3

5. ESTA SITUAÇÃO SE REPETE EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL? EXPLIQUE.

Não, porque a seca ocorre no Nordeste, pois em outras regiões não existem os tipos de vegetação.

Fonte: Autoria própria.

Percebemos a consciência geográfica do aluno bem como a ideia de recursos para minimizar o problema do racionamento, utilizando reservatórios.

O *memé* coloca um problema pontual do Nordeste. Esta escolha busca confrontar os falantes desta região em relação às outras regiões do país, mostrando que assim como as diferenças geográficas, também há as diferenças linguísticas

denominadas variações. Outro aspecto nestas atividades é suscitar nos alunos uma reflexão quanto ao conteúdo tratado nos respectivos *memes* “Bode Gaiato” sobre o ponto de vista de falantes de outra região do país, ou seja, como determinado *meme* “Bode Gaiato” seria entendido pelos falantes de outras comunidades.

Isto se justifica por entendermos que o gênero *meme* “Bode Gaiato” é um rico material para se trabalhar a variação linguística sob a ótica de outras comunidades de falantes. Considerando um gênero de circulação instantânea que extrapola as fronteiras territoriais e sua aceitação entre os usuários digitais, o *meme* “Bode Gaiato” torna-se uma proposta didática consistente para o estudo da variação linguística, comumente restrita ao personagem Chico Bento e a textos de compositores como Adoniran Barbosa, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré.

Finalizando nossa análise, com base na sequência didática com foco na leitura, contemplamos o quarto procedimento definido por Lopes-Rossi (2012) que seria a apreciação crítica do *meme* “Bode Gaiato” a partir de suas características, bem como ao nível de compreensão esperado: compreensão crítica do gênero. Para tanto, selecionamos um *meme* “Bode Gaiato” que vai além do pensamento dos falantes da região nordeste e busca elementos linguísticos da língua inglesa.

A atividade 6 (vide APÊNDICE G) dimensionava a oralidade do nordestino e traçava como objetivos:

- Levar o aluno a pensar o “falar” nordestino além das fronteiras do nordeste com foco nas situações de uso da língua.
- Perceber a língua como elemento de construção e formação de uma sociedade.

Nesta premissa, apresentamos, em data show, o *meme* “Bode Gaiato” da FIG. 61 e abrimos a discussão acerca dos elementos linguísticos do gênero.

Demoramos um pouco na leitura do texto porque a marca era a oralidade das palavras. Logo depois da compreensão e sentido construído a partir dos elementos linguísticos, os alunos passaram a discutir as estrutura e organização do texto. Continuamos a atividade com a distribuição dos questionamentos.

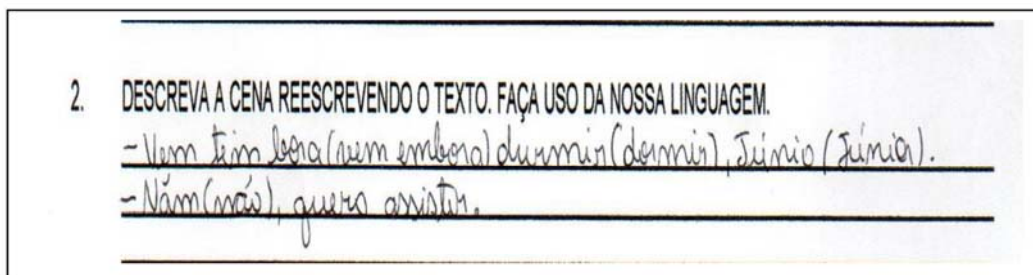
FIGURA 61 – Meme da atividade VI



Fonte: Google Imagens.

O item 2 solicitava “Descreva a cena reescrevendo o texto. Faça uso da nossa linguagem.” A maioria dos alunos reescreveu o texto conforme a linguagem do nordestino como percebemos na escrita do aluno 1. (VIDE FIG. 62).

FIGURA 62 – Resposta do aluno 1



Fonte: Autoria própria.

Verificamos a compreensão do aluno 1 acerca do texto e sua preocupação em descrever o diálogo também na norma-padrão, embora o comando da questão teria sido para fazer uso da nossa linguagem. O item 5 questionava “O que você compreendeu da chamada do *meme* “O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA”? Observamos que os alunos perceberam o jogo de palavras utilizado na chamada, como exemplificam os alunos 2 e 3, nas FIG. 63 e 64, respectivamente.

FIGURA 63 – Resposta do aluno 2

5. O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?

Que as palavras inglesas pode ser aproveitadas no nosso cotidiano, dependendo do sentido.

Fonte: Autoria própria.

FIGURA 64 – Resposta do aluno 3

5. O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?

É só que a língua inglesa é bem parecida com a que a gente fala.

Fonte: Autoria própria.

Os alunos entenderam que apesar da língua inglesa parecer tão distante da linguagem do nordestino, há elementos linguísticos que se confundem com o modo de falar de sua comunidade. Tal ideia é uma tentativa de aproximar os alunos a outros contextos sociolinguísticos e não segregá-los a uma língua de menos prestígio, afinal:

Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BAGNO, 2007, p. 27).

Por fim, esperamos que nossos alunos cheguem à conclusão de que toda variedade linguística deve ser valorizada na medida em que a interação verbal de um grupo de falantes se realiza por meio desta. Concluindo nossa proposta de intervenção, aplicamos um segundo questionário social (VIDE APÊNDICE I)

elaborado com as mesmas questões do primeiro entregue no início de nossa atividade, com o objetivo de verificarmos os avanços dos alunos após a aplicação da nossa sequência didática no que concerne ao estudo da variação linguística considerando as dimensões linguísticas e socioculturais. Passemos então a confrontar as respostas dos alunos.

Perguntados “VOCÊ VALORIZA A FALA DO NORDESTINO?” Todos os alunos responderam SIM. O item 3 questionava “PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO?”, todos responderam CERTO e a justificativa girava em torno de “porque é nosso jeito de falar”. No entanto, uma resposta merece destaque visto que cumpre exatamente o propósito da nossa pesquisa. A seguir, veja, na FIG. 65, a resposta do aluno 1.

FIGURA 65 – Resposta do aluno 1

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Nem certo nem errado.
 JUSTIFIQUE: Não tem esse modo de falar, isso não pode ser chamado de certo ou errado pois há um de cada região seu modo de falar.

Fonte: Autoria própria.

A compreensão do aluno 1 acerca do modo de falar de sua comunidade é o que almejamos ao estudar variação linguística: a consciência do uso da linguagem, o entendimento de que não há parâmetros de certo e errado e que deve haver o respeito ao “modo de falar”, reforçando a adequabilidade da linguagem. Dirimindo nas salas de aula a ideia de uma linguagem de prestígio, pois “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar” (BAGNO, 2003, p. 124)

Mais adiante indagamos “VOCÊ SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO?”, todos responderam SIM e na questão 8, todos afirmaram ser nordestino. Quanto à solicitação “APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE” verificamos a ampliação do conhecimento da língua dos alunos quanto ao empoderamento da sua identidade linguística e aspectos socioculturais,

confirmados nas respostas dos alunos 2, 3 e 4, nas FIG. 66, 67 e 68, respectivamente.

FIGURA 66 – Resposta do aluno 2

8. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Além de eu ter nascido em Pernambuco, eu também falo desse jeito "errado", mas é costume, eu não falo por querer, mas ~~porque~~ ~~sim~~ ~~sem~~ ~~saber~~.

Então me considero nordestino sim, e tenho orgulho de ser. Envado para os outros, porque para mim é letrado, e eu sei quem da usar adequadamente essa linguagem.

Fonte: Autoria própria.

FIGURA 67 – Resposta do aluno 3

8. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Sou nordestina, talvez por falar "errado" as coisas eu por morar em Campina Grande. Sou apaixonada pelo meu sotaque e não o trocava por nem um outro, os vizos eu acho engraçado e dei risada com algumas palavras com duplo sentido.

Tenho orgulho de ser nordestina porque sou Joãoa feliz assim, a mulher estraga, sou almeçada por Deus. Eu amo ser pessoas nordestinas na televisão ou em outros lugares, representando "nô? Marmemino" ♥

Fonte: Autoria própria.

FIGURA 68 – Resposta do aluno 4

8. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Sou nordestino, gosto de torcer e acredito em Podim, cito meu modo de falar e da gente do Nordeste. A minha língua é uma qualidade linguística e não tem nada a ver com o que falo errado.

É esse jeito, tanto eu falo como não e as pessoas dos outros lugares do Brasil e até da televisão entende as falas.

#Orgulho de ser nordestino.

Fonte: Autoria própria.

Concluimos, pois, que nossos alunos atingiram o nível esperado quanto à aplicação da sequência didática e, principalmente, reconheceram-se enquanto

indivíduos falantes de uma determinada comunidade valorizando sua linguagem. Conscientes de que são sujeitos falantes de um contexto sociocultural, aprendendo também a respeitar as demais variedades linguísticas. Corroborando, por fim, com o que de fato pretendemos sobre o tema variação linguística em sala de aula, isto é:

Me parece muito mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 32).

Nosso papel, pois, de educador está em ampliar e oportunizar o estudo da linguagem em parâmetros sociais de interação e construção linguística dos alunos. Ao finalizarmos a análise de nossa sequência didática constatamos que o trabalho com gênero *meme* “Bode Gaiato” atendeu nossas expectativas, pois extrapola o que conhecemos até então, nos livros didáticos ao abordar a variação linguística. Afirmamos, portanto, que nossos objetivos foram alcançados: é notória a transposição didática ressignificando o ensino da variação linguística no LD. Percebemos, ainda, na resposta dos alunos (registradas acima) a reflexão da variação linguística e a identificação com sua linguagem de uso como elemento de empoderamento sociolinguístico e cultural.

Por fim, reiteramos o valor de trabalhar com o gênero *meme* “Bode Gaiato”. Confirmando a escolha do nosso *corpus*, houve uma total sintonia dos alunos com o gênero seja pelo suporte de circulação seja pelos temas abordados, harmonizando-se com a construção de sentido e os objetivos propostos para cada atividade.

Diante dos dados analisados constatamos que a realização da pesquisa resultou numa experiência exitosa e consistente para o estudo da variação linguística em salas de aula do Ensino Fundamental II.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa não somente apresentar as conclusões a que chegamos após a análise dos dados coletados, mas principalmente ratificar que os bons resultados encontrados respaldam nossa proposta didática como alternativa possível e exequível para o ensino da variação linguística em sala de aula. Esta proposta contribui com uma prática valorativa dos pormenores da variação linguística que “vão muito além dos aspectos meramente linguísticos e envolvem, sobretudo, aspectos sociais, culturais, políticos e de identidade.” (BAGNO, 2007, p. 125)

Nosso estudo teve como principal aporte teórico a concepção Sociolinguística de Alkmin (2001), Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004) e a perspectiva de sequência didática de Lopes-Rossi (2012) a fim de embasar e fundamentar o desenvolvimento da pesquisa. Nossa intenção foi apresentar uma intervenção didática com a finalidade de ressignificar o ensino da Variação Linguística no Livro Didático. Pretendendo sair da tendência dos LD's de estudar a Variação Linguística com exemplos do personagem Chico Bento e de textos de Adoniran Barbosa e Patativa do Assaré em Bagno (2007, p. 120), apresentamos o gênero digital *meme* “Bode Gaiato” como mecanismo possível para a construção de sentido e para a reflexão acerca da variação.

Esse direcionamento apontou-nos para duas vertentes: a primeira, analisar as coleções de língua portuguesa trabalhadas com os alunos nos últimos dois triênios e a segunda, a aplicação de proposta didática na turma de oitavo ano do ensino fundamental II. Buscando contemplar tais vertentes nossa pesquisa assumiu caráter descritivo/interpretativo.

Assim, foram estudadas e analisadas as coleções *Para viver juntos: português*, de Cibele Lopreti Costa e autores (utilizada no triênio 2014, 2015, 2016) e *Português linguagens*, de William Cereja (selecionada para o triênio 2017, 2018, 2019). É fato que o livro didático desempenha um papel importante no processo ensino-aprendizagem (PCN, 1997, p. 67) e nas escolas públicas essa influência é mais acentuada visto que o LD, em geral, é o principal recurso utilizado pelos professores em sala de aula. Nessa perspectiva, quanto ao ensino da variação linguística, tem-se registrado um tratamento incipiente ao conteúdo pouco adentrando na variação social, por exemplo (FARACO, 2015).

Enveredamos na análise das coleções citadas anteriormente com a finalidade de observarmos o tratamento da Variação Linguística em cada uma. Inicialmente, analisamos a coleção *Para viver juntos: português*. Examinamos os quatro livros do Ensino Fundamental II e percebemos que o assunto da variação linguística é trabalhado de forma mais acentuada no 6º ano visto que esse conteúdo é pertinente desta série. Nos demais anos, o tema é abordado de maneira bem superficial, pois surge apenas como complemento de outro conteúdo. O manual do professor, apêndice desta coleção, apresenta um pouco de teoria (comum em todos os anos) que auxilia a prática do professor quanto ao tema e ainda, traz orientações relativas às atividades do livro.

Quanto ao tratamento dado à variação linguística, conteúdo do sexto ano, dessa coleção, observamos que o livro estuda algumas variedades como regional, social, situacional, mas não avança. Isto é, estas variedades não são exploradas no aspecto social da língua, ficando atrelado a elementos linguísticos. Concluímos, portanto, que embora a coleção *Para viver juntos: português* procure fomentar o professor acerca de fundamentos teóricos, nas atividades do LD voltadas para o aluno são poucos os recursos que promovam a reflexão destes sobre os usos da língua para uma perspectiva linguística e sociocultural.

Na coleção *Português linguagens* foram averiguados também os quatro livros e constatamos que o conteúdo variação linguística também é componente curricular do sexto ano. Nas outras séries, o tema é abordado de maneira sutil, mas com nuances de preocupação com o estudo social da língua, conforme verificado no nono ano ao comentar o “preconceito linguístico”. O Manual do professor, apêndice do final do livro do professor, traz uma vasta bibliografia acerca dos conteúdos e do ensino de língua portuguesa. Verificamos ainda um texto dos autores da coleção que registra a preocupação destes em se trabalhar a interação verbal e o aspecto social da língua.

No livro do sexto ano, notamos que a abordagem do tema variação linguística considera a perspectiva sociolinguística. Nas atividades, identificamos elementos voltados para o estudo linguístico e social da linguagem. As variedades linguísticas são apresentadas como decorrentes de várias situações, o que permite a contextualização dos eventos de variação.

Em relação ao primeiro questionamento da nossa pesquisa “Como se dá a abordagem da Variação Linguística em duas coleções de LD “Para Viver Juntos” e

“Português Linguagens” – coleções Ensino Fundamental II?, concluímos que as coleções analisadas apesar de persistirem na ideia de língua enquanto fenômeno social, ao abordar tema variação linguística, conteúdo intrinsecamente ligado aos usos da língua, há uma lacuna no que diz respeito à reflexão e identificação dos alunos quanto a sua linguagem de uso.

A partir do que foi constatado na análise das coleções oferecemos uma intervenção didática que avança quanto ao tratamento dado à variação linguística. Reafirmamos nossa perspectiva sociolinguística e cultural defendida na concepção Sociolinguística de Alkmin, a fim de contemplar as lacunas quanto ao estudo do aspecto social da língua.

Nossa empreitada teve como *corpus* o gênero *meme* “Bode Gaiato”. Um gênero que faz parte do universo dos alunos, já que circula em ambiente virtual e suas especificidades (linguísticas e socioculturais) estão em concordância com contexto comunicativo dos educandos. Ademais, por circular em ambiente virtual, o gênero *meme* “Bode Gaiato” também é compartilhado por outras comunidades de falantes, isto favorece um estudo da variação linguística não apenas entre os alunos da região nordeste, mas de qualquer região do Brasil. Assim, o diferencial do nosso estudo foi a abordagem das atividades propostas que mereceram destaque os aspectos socioculturais dos falantes, também determinantes para a construção da identidade linguística de indivíduos de uma comunidade.

Reiteramos que a proposta de intervenção a partir do gênero *meme* “Bode Gaiato” com foco na leitura e construção de sentido para o ensino da variação linguística harmoniza-se com a perspectiva da sociolinguística que se ocupa em estudar “as diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua”. (BORTONIRICARDO, 2005, p.20).

A fim de responder a segunda pergunta de nossa pesquisa “De que forma a materialidade linguística dos textos do “Bode Gaiato” favorece um trabalho reflexivo acerca da Variação Linguística?”, analisamos a proposta didática aplicada na turma de oitavo de uma escola pública de Campina Grande. Para ampliar a compreensão dos dados coletados, foram aplicados com os alunos dois questionários sociais que permitiram confrontar as informações iniciais com o resultado final da pesquisa.

Observando a participação dos alunos, nas primeiras atividades, constatamos uma compreensão superficial dos usos da língua não pensando sobre o seu modo de falar como representação de uma comunidade. Os alunos reforçavam a ideia do senso comum de que a linguagem da nossa região é uma linguagem errada. Neste momento, então, passamos a explorar o aspecto social da língua levando os alunos a pensarem sua linguagem de forma contextualizada a partir dos *memes* “Bode Gaiato”, um gênero que faz parte do seu cotidiano com o qual eles se identificam.

Ao serem provocados a refletir a língua de forma social, na busca da produção de sentido e ressaltando os aspectos socioculturais que emergem nos eventos comunicativos, os educandos passaram a perceber sua identidade linguística, desconstruindo o paradigma de certo e errado da língua e reconhecendo-se falante de uma comunidade.

Diante do exposto, podemos considerar que o objetivo geral do nosso trabalho foi contemplado, pois o estudo da variação linguística a partir do gênero *meme* “Bode Gaiato” promoveu uma nova postura que vai além do formato encontrado nos livros didáticos, já que os objetivos de leitura devem estar ligados ao gênero em evidência e estabelecer níveis esperados de compreensão para o estudo da variação. Nossa proposta de intervenção ganha ainda mais relevo quando observamos o seguinte trecho: “A minha linguagem é uma variedade linguística e não tem nada *haver* dizerem que falo errado. O *bode gaiato* também fala como nós e as pessoas dos outros lugares do Brasil e até do exterior *entende* as piadas.” (aluno participante da pesquisa).

Em suas palavras o aluno concatenou o que esperávamos no final de nossa ação interventiva, cumprindo nosso propósito de *identificação* e *conscientização* da diferença. Constatamos que a reflexão e a promoção de construção de sentidos decorrentes de aspectos linguísticos e socioculturais presentes no gênero *meme* “Bode Gaiato” propiciaram o empoderamento sociolinguístico e cultural dos alunos.

Encerramos nossas conclusões certos de que o trabalho com o gênero *meme* “Bode Gaiato” foi uma experiência exitosa de resultados positivos para o ensino da variação linguística, constituindo uma prática didática na qual confiamos e acreditamos ser consistente, exequível e produtiva nas nossas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In: F. MUSSALIM; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO; GAGNÉ; STUBBS. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOGO, F. **Conto “Nois Mudemo”**. 2011. Disponível em: <<http://fidenciobogo.blogspot.com.br/2011/05/conto-nois-mudemo.html>>. Acesso em: dez. 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Bastidores dos estudos da variação linguística no Brasil**. 2016. Disponível em: <www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/bastidores-dos-estudos-da-variacao-linguistica-no-brasil/dez.2016>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. O tratamento do conceito de relativismo cultural nas séries iniciais da escolarização. In: PEREIRA, R.C.M. / ROCA, M. del P. (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2011.

BRANDÃO, C.R. (Org). **Pesquisa Participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

_____. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016.

CALIL, R. Variação Linguística. In: GOMES, M. L. de C. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

CAMPOS, E. P. de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades**. Goiânia: Cênone Editorial, 2014.

CARVALHO, N; KRAMER, R. A linguagem do Facebook. In: SHEPHERD, T. G; SALIÈS, T. **Linguística da Internet**. São Paulo, Contexto, 2013.

CEREJA, W. R.; MAGALHAES, T. C. **Português: linguagens**. 7º ano. São Paulo: Saraiva, 9. ed. reform. 2015 a.

_____. **Português: linguagens**. 8º ano. São Paulo: Saraiva, 9. ed. reform. 2015 b.

_____. **Português: linguagens.** 9º ano. São Paulo: Saraiva, 9. ed. reform. 2015 c.

_____. **Português: linguagens.** 6º ano. São Paulo: Saraiva, 9. ed. reform. 2015 d.

COELHO, N. N. **Literatura & Linguagem:** a obra literária e a expressão linguística. São Paulo: Quíron, 1986.

COSTA, C. L. et al. **Para Viver Juntos.** 7º ano. São Paulo: Edições SM, 3. ed., 2012 a.

_____. **Para Viver Juntos.** 9º ano. São Paulo: Edições SM, 3. ed., 2012 b.

_____. et al. **Para Viver Juntos.** 6º ano. São Paulo: Edições SM, 3. ed., 2012 c.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Conheça mais sobre o Bode Gaiato, sucesso no Facebook.** 2013. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/04/12/internas_viver,433639/conheca-mais-sobre-o-bode-gaiato-sucesso-no-facebook.shtml>. Acesso em: dez. 2016.

DIONISIO, A. P. Variedades Linguísticas: Avanços e Entraves. In: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **O livro didático de português: múltiplos olhares.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

DIONÍSIO, A. P; VASCONCELOS, L. J. Multimodalidade, capacidade de aprendizagem e leitura. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. (Orgs). **Múltiplas linguagens para o Ensino Médio.** São Paulo: Parábola editorial, 2013.

FARACO, C. A. **Pedagogia da Variação Linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.

GONZÁLEZ, C. A. Variação Linguística em livros de português para o EM. In: FARACO, C. A. **Pedagogia da Variação Linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

GOOGLE IMAGENS. **Memes do Bode Gaiato**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=memes+bode+gaiato&rlz=1C1CHWL_pt-BRBR733&espv=2&biw=1366&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqj=2&ved=0ahUKEwjo9cy2j6XSAhVKgZAKHfXrBIIQsAQIGQ>. Acesso em: dez. 2016.

HOUAISS, A de. A. V. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 4. ed. rev. E aumentada, 2010.

ILARI, R.; BASSO, R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 180-185.

KLEIMAN, Â. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Ministério da Educação. 2005.

KOCH, I. V. ELIAS, V. M. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES-ROSSI, M. A. Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 14, Número Especial: 2012, p. 153-172.

_____. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Intercâmbio**, v. XV. São Paulo: PUC-SP, 2006. p. 1-10.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Párbola, 2011. p. 69-82.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006, p. 83-112.

MACHADO, I. Gêneros Digitais e suas Fronteiras na Cultura Tecnológica. **Revista Educação & Tecnologia**, n. 6, p. 117 – 128, 2003. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1079/681>>. Acesso em: dez. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Párbola, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2 ed. **Petrópolis**, RJ: Editora Vozes, 2015

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2013.

MORIGI, V. J. **Entre o local e o global: identidade cultural Nordestina, mídia e Festa Junina**. In: SOUSA, C. M. de; SILVA, L. C. da.; COSTA, A. R. F. da. (Orgs.). **Local x global: cultura, mídia e identidade**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

NEVES, M.H. de M. **A gramática: conhecimento e ensino**. In: AZEREDO, J. C. de (Org.) **Língua Portuguesa em debate – conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 52-73.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

PORTAL G1. **Bode Gaiato criado por recifense vira mania e atinge multidão de faz na Web**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>. Acesso em: out. 2016.

POSSENTI, S. **Sobre o Ensino de Português na Escola**. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012 a.

_____. **Gramática e Política**. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012 b.

ROJO, R. **Multiletramentos na escola**: São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHERRE, M.M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**. Variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Preconceito Linguística. **Revista Galileu**. 2016. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em: dez. 2016.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Cambridge/Inglaterra: MIT Press, 2014

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

VALOURA, L. de C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. Disponível em: <<https://fenomenologiadasolidariedade.wordpress.com/2013/06/20/paulo-freire/>>. Acesso: jan. 2017.

XAVIER. Reflexões em torno da escrita dos novos gêneros digitais na internet. **Revista Investigações**, n.2, 2005. ISSN: 2175-294X.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIAL I

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO SOCIAL I

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? () SIM () NÃO

2. CITE UM FATOS QUE VOCÊ VIVÊNCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? _____

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS _____

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? () SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

5. VOCÊ É NORDESTINO? () SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS; ONDE MORA; SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE; O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

APÊNDICE B – ATIVIDADE I



Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADE I



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

APÊNDICE C – ATIVIDADE II



Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - (PROPG)
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – (MPL/LETRAS)



ATIVIDADES II



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEQUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

- NO PRIMEIRO QUADRO, AS PALAVRAS DA MÃE DE JUNIN DENOTAM UM ASPECTO DA CULTURA DO POVO DE DETERMINADA REGIÃO.
 - QUE ASPECTO É ESSE? _____
 - CONSIDERANDO OS ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS PRESENTES NO MEME, REFLITA: "A CENA REPRESENTA BEM A CULTURA DE QUE REGIÃO?" _____
- VOCÊ SE RECONHECE NA CENA DO MEME "BODE GAIATO"? POR QUÊ?

- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.
 |

- ALGUÉM COM QUEM VOCÊ CONVIVE SE IDENTIFICA COM A MÃE DE JUNIN? DE QUE FORMA?

- EM QUE CONTEXTO O DIÁLOGO ENTRE JUNIN E SUA MÃE É ADEQUADO?

- SE A SITUAÇÃO FOSSE APRESENTADA A INDIVÍDUOS DE OUTRA REGIÃO TERIA O MESMO EFEITO DE SENTIDO? POR QUÊ?

APÊNDICE D – ATIVIDADE III



Universidade Estadual da Paraíba
 Pro-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PROPGP
 Centro de Humanidades – Campus III



Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROLETRAS

ATIVIDADE III



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTES QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

1. A FALA DA MÃE DE JUNIN LEVA-NOS A PENSAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARA O CIDADÃO. POR QUE O TRABALHO É IMPORTANTE?

2. A RESPOSTA DE BIXO COMPLETA O PENSAMENTO DA MÃE DE JUNIN? POR QUÊ?

3. PARA VOCÊ QUAL O SENTIDO DE "CUMER UM PÃO CUM O SUOR DA GENTE"?

APÊNDICE E – ATIVIDADE IV



Universidade Estadual da Paraíba
 Instituto de Educação, Letras e Ciências - IELC
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADE IV



APÓS A APERECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BOCE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCE OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REVETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

- VOCE SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?

- VOCE CONHECE ALGUÉM CUJOS COMPORTAMENTO/ATITUDE LEMBREM O PAI DE JUNIN? EXPLIQUE.

- A RESPOSTA DO PAI DE JUNIN É CONVINCENTE? POR QUÊ?

- QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A FALA DO PAI DE JUNIN?

- QUE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA É REVELADO NO TEXTO? O QUE VOCE PENSA SOBRE ESTA REALIDADE?

APÊNDICE F – ATIVIDADE V



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PROPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROPLETRAS



ATIVIDADE V



APÓS A APEREÇÇÃO DA IMAGEM E DISCUSSÃO DO TEXTO, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUE?

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REVETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

3. JUNIN DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO NA SUA FALA. ELE TEM RAZÃO PARA AGIR DESSA FORMA? POR QUE?

4. QUE PALAVRA DO TEXTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AOS ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DA REGIÃO NORDESTE? POR QUE?

5. ESTA SITUAÇÃO SE REPETE EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL? EXPLIQUE.

APÊNDICE G - ATIVIDADE VI



UEPB

Universidade
Estadual da ParaíbaUniversidade Estadual da Paraíba
Instituto de Pós-graduação e Pesquisa - IPIG
Centro de Humanidades - Campus III

Coordenação do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS



ATIVIDADE VI



APÓS A APERECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BOCE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUE?

2. DESCREVA A CENA REESCREVENDO O TEXTO. FAÇA USO DA NOSSA LINGUAGEM.

3. VOCÊ RECONHECE A CENA REPRATADA ACIMA? COMENTE.

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIO? DE QUE FORMA?

5. O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?

APÊNDICE H – MÚSICA "O SEGUNDO SOL"

O Segundo Sol

Cássia Eller

Compositor: Nando Reis

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Não digo que não me surpreendi
Antes que eu visse, você disse e eu não pude acreditar
Mas você pode ter certeza
De que o seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Não digo que não me surpreendi
Antes que eu visse, você disse e eu não pude acreditar
Mas você pode ter certeza
De que o seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Explicação
Não tem explicação
Explicação, não
Não tem explicação
Explicação, não tem
Não tem explicação
Explicação
Não tem explicação
Não tem, não tem...

O Segundo Sol

Cássia Eller

Compositor: Nando Reis

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Não digo que não me surpreendi
Antes que eu visse, você disse e eu não pude acreditar
Mas você pode ter certeza
De que o seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Demorando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam ao notar
De um outro cometa

Não digo que não me surpreendi
Antes que eu visse, você disse e eu não pude acreditar
Mas você pode ter certeza
De que o seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Seu telefone irá tocar
Em sua nova casa que abriga agora a trilha
Incluída nessa minha conversão

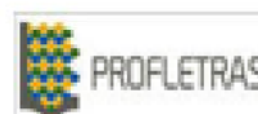
Eu só queria te contar
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que anda sem explicação

Explicação
Não tem explicação
Explicação, não
Não tem explicação
Explicação, não tem
Não tem explicação
Explicação
Não tem explicação
Não tem, não tem...

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO SOCIAL II



Universidade Estadual da Paraíba
 Pós-Graduação em Letras e Línguas - (PGLL)
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – (PROPLETRAS)



QUESTIONÁRIO SOCIAL II

1. VOCE VALORIZA A FALA DO NORDESTINO? () SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCE VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA:

3. PARA VOCE, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? _____

JUSTIFIQUE: _____

4. DE EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. _____

5. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCE PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUE?

6. E VOCE AS CONSIDERA ERRADAS? _____

7. VOCE SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO? () SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO? _____

8. VOCE É NORDESTINO? () SIM () NÃO

APRESENTE-SE, CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE ASSENTIMENTO

Termo de Assentimento (TA)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“BODE GAIATO”: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO**

Neste estudo pretendemos ressignificar o ensino da Variação Linguística no Livro Didático a partir de uma abordagem didática com os *memes* “Bode Gaiato”, pautando nossa prática numa concepção sociocomunicativa. A importância desta pesquisa justifica-se por se acreditar que deve ser melhor trabalhado nas aulas de língua portuguesa o conteúdo da Variação Linguística a partir de algo que seja, costumeiramente, utilizado pelos educandos que, em caso específico, é o gênero digital *memes* Bode Gaiato. Além de contribuir fundamentalmente na elevação dos níveis de leitura, construção de sentido e produção textual dos alunos, aspectos que são muito citados por professores ao tratar das dificuldades dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): realizaremos inicialmente uma pesquisa que fundamentará o nosso estudo em autores que estudam sobre o ensino de Língua Portuguesa, com foco no conteúdo Variação Linguística, em seguida desenvolveremos uma sequência didática junto aos participantes da pesquisa, momento em que haverá leitura, interpretação e, eventualmente, produção de textos no gênero questionário.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Eu, _____,
portador(a) do documento de identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável listado abaixo ou com o acadêmico Nágida Maria da Silva Paiva, telefone: _____ ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, telefone (83) 3315-3373. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Campina Grande, PB, ____ de _____ de 2017

Assinatura do(a) menor

Nome legível: _____
Endereço: _____
RG: _____
Fone: _____

Assinatura Dactiloscópica do Participante da Pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).



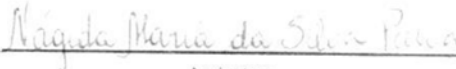
Nágida Maria da Silva Paiva
Pesquisador Responsável

ANEXO B – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS




MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP


FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

| | | | |
|--|--|--|-------------------------------------|
| 1. Projeto de Pesquisa: "BODE GAIATO": UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO | | | |
| 2. Número de Participantes da Pesquisa: 25 | | | |
| 3. Área Temática: | | | |
| 4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes | | | |
| PESQUISADOR RESPONSÁVEL | | | |
| 5. Nome: NAGIDA MARIA DA SILVA PAIVA | | | |
| 6. CPF: 490.981.283-00 | 7. Endereço (Rua, n.º): ARLINDA GOMES DE MEDEIROS MIRANTE 329 CAMPINA GRANDE PARAIBA 58407615 | | |
| 8. Nacionalidade: BRASILEIRO | 9. Telefone: 83991344757 | 10. Outro Telefone: | 11. Email: nagida.nmsp@gmail.com |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> | | | |
| Data: <u>09</u> / <u>06</u> / <u>2017</u> | |  Assinatura | |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE | | | |
| 12. Nome: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB | 13. CNPJ: 12.671.814/0001-37 | 14. Unidade Órgão: | |
| 15. Telefone: (83) 3315-3373 | 16. Outro Telefone: | | |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> | | | |
| Responsável: <u>MARIA DE FATIMA DE S. AQUINO</u> CPF: <u>625.344.674-68</u> | | | |
| Cargo/Função: <u>COORDENADORA PROLETRAS-UEPB</u> | | | |
| Data: <u>09</u> / <u>06</u> / <u>2017</u> | |  Profª Drª M. de Fatima de S. Aquino Matrícula 322738-3 Coord. Mestrado PROLETRAS/UEPB | |
| PATROCINADOR PRINCIPAL | | | |
| Não se aplica. | | | |

ANEXO C – RESPOSTA DO ALUNO 1 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL I


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFL

QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? () SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.
Eu valorizo pois é uma fala única, quando pessoas que vem de fora de nordeste e falam comigo há muitas palavras que eu preciso explicar o significado.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? *Errado*

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Orunte, taze, taze, mas mimino.

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS *mas mimino por se rir e falar mas mimino*

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? () SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

5. VOCÊ É NORDESTINO? () SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS; ONDE MORA; SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE; O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

Minha mãe nasceu no Rio Grande do Sul e meu pai nasceu em uma pequena cidade da Paraíba, já eu e minha irmã nascemos no Ceará. De meus estudos estou tanto sur legal com todos as pessoas, não gosto muito da cultura no geral.

ANEXO D – RESPOSTA DO ALUNO 2 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL I



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.

Foi uma vez que eu fui "Pia" ai minha Prisma de São Paulo perguntou se que era ai eu traduzi "significa" "lêta presta atenção" ai ela falou que nesse jeito de falar era pia ai eu disse Norma e cultura

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? é errado nos entendimentos

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

arente, pia, visse, capi que pente, Pensulise e etc
tadas porque falam letras

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS ebrai que pente, Pensulise
porque falta letras

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

Na escola, em casa com os amigos Na cidade
em vários cantos

5. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS; ONDE MORA; SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE; O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

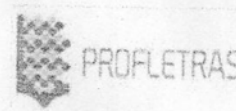
Meu Pai Paraitama Minha mãe Paraitama em
esquina grande. Meu comportamento é tímido sempre
em casa educado e bem mais polido. Melhorar

ANEXO E – RESPOSTA DO ALUNO 3 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL I



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVÊNCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.

No São João tinha várias músicas que tinha várias palmas e danças, mas entendi por que sou Nordestino e esse é o nosso jeito de falar.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Errado, mas é o nosso jeito de falar.

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Oxente, disse, "maí memimo", "ai maria, ai."

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS "Maí memimo e maí memimo, "ai maria" e ai maria. Consideram errada porque têm as letras, mas tem a mesma ideia etc.

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

Quando eu estou com meus amigos, minha família, são todos Nordestinos e entendem.

5. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS; ONDE MORÁ; SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE, O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

Meus pais são nordestinos, moro no latão, todos os meus amigos gostam de mim, e eu gosto muito de morar no Nordeste, porque é muito legal o jeito que nós falamos, que comidinhas, a nossa história etc.

ANEXO F – RESPOSTA DO ALUNO 4 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL I



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró- Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? (X) SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.

Quando eu falei errado me criticaram falando como era certo mais eu disse que para nós nordestino era certo.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Para nós esta certo mais para os outros esta errado.

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Ore, Oxente, Dixe, Armonia, Deusolixe.

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS Armonia e Deusolixe.

4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? (X) SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

A vezes quando estou em grupo com meus amigos as vezes eu uso algumas destas palavras.

5. VOCÊ É NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS, ONDE MORA, SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE, O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

Olá! eu sou um nordestino, toda a minha família também é nordestino, todo mundo lá em casa fala estanho mais é um estanho que qual-quer nordestino entende, porque aqui no nordeste temos o nome feito especial de falar que ninguém tem igual, por isso que só nos entende- mos entre si.

ANEXO G – RESPOSTA DO ALUNO 5 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL I



UEPB

Universidade
Estadual da ParaíbaUniversidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III

Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. VOCÊ VALORIZA O FALAR DA NOSSA REGIÃO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA.

Um dia minha prima de São Paulo estava me contando um fato que aconteceu com ela aí eu falei "eita bexiga" aí ela falou "bexiga? Eu não estou falando de festa não!" aí eu expliquei a ela o que significava.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Certo

DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Mãinha, deusulive, armaria, arbente, vizo, mafi, mulesta, bexiga, quente, luxin

PALAVRAS CONSIDERADAS ERRADAS Todas (kkk)4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE JEITO DE FALAR? SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO?

Em todo lugar que chego, no dia-a-dia todos falam assim.

5. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. OBSERVE ESTES PONTOS PARA CONSTRUIR SUA APRESENTAÇÃO: QUEM SÃO SEUS PAIS, ONDE MORA, SEU COMPORTAMENTO/ATITUDE NO MEIO EM QUE VIVE, O QUE PENSA DA CULTURA NORDESTINA.

Seu nordestino, meus pais são nordestinos, mais num bairro considerado "bairro nobre", gosto de brincar com todos, assistir, dormir, comer e etc.
Pra mim acho bem divertida a forma do povo nordestino falar e é uma marca.

#Amornerdestino

ANEXO H – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE I



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES I



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, pela massa de bala

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.

Não

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

Não, sendo no linha só copiatada

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

Não, porque ninguém se entende

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

*que diamantele é esse junio? essa
caca itelha lá em baixa mostrando
a cueca que nem malandro!
meu deus mãe não pode andar na moda
mai
pronto, agora tá parecendo um rapaiz*

Forma de falar

ANEXO I – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE I



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES I



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Por que ele quer se vestir nos tempos que tá hoje e a mãe dele é de outro tempo de pensar que é o diabinho de que mãe é

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.

Já sim e meu pai perguntou se minha cueca de cintura está na pra segurar meus pito por que tá lá em cima.

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

Sim por que mais obviamente queramos se vestir de acordo com a moda.

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

Não porque o jeito que mais fala é normal é de mais modesto e eles não são modestos.

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

Assim como é esse diálogo? Essas coisas lá em baixo mostrando a cueca feito malandragem aí só mais o mesmo mesmo mesmo.
Moi, moi, eu não posso nem andar na moda mais?
Pronto, agora tá parecendo um rapaizinho!

ANEXO J – RESPOSTA DO ALUNO 3 DA ATIVIDADE I



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES I



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

É cheta que des pala

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.

Sim, um dia fui visitar para a escola e a talha baixa minha mãe falou levanta essa talha menino

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

Si por que minha mãe fala que minha roupa tá feia e manda eu trocar a roupa.

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

• não por que • na presente fala errado. ~~é~~ não é

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

ANEXO K – RESPOSTA DO ALUNO 4 DA ATIVIDADE I



Universidade Estadual da Paraíba
Pró- Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES I



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, porque o jeito que eles falam é engraçado, e também as palavras de Júnio são engraçadas.

2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.

Sim, um dia eu elegei um rapaz que não conhecia, mas eu tinha gostado. Já a minha mãe sempre eu a falar que não conhecia, que não tinha legal, mas como eu tinha gostado, eu eu continuei usando.

3. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?

Sim, que a gente quer usar coisas que tá na moda, mas a minha mãe sempre sempre diz que tá feio, mas é porque no tempo delas não tinha essa coisa de moda.

4. IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDO? JUSTIFIQUE.

Não, porque esse é o jeito de falar no Nordeste.

5. RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.

- Que dirmanelo é esse Júnio? Essas calças feias lá em baixo mostrando a cueca feito malandro! Venha aqui para eu ajeitar.
- Nossa mãe, porra essa mãe não andar na moda.
- Pronto, agora está parecendo um rapaz.

ANEXO L – RESPOSTA DO ALUNO 5 DA ATIVIDADE I



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES I



APÓS A APECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
Sim; pela linguagem deles e modo de falar deles e muito diferente do nosso, isso torna mais engraçado.
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.
Sim; Um dia eu havia tirado uma roupa muito curta e minha mãe xeloms e mandou trocar.
- VOCÊ SE IDENTIFICA COM JÚNIO? DE QUE FORMA?
Não
- IMAGINE QUE ESTE DIÁLOGO OCORRA EM OUTRA REGIÃO. TERIA O MESMO SENTIDÓ? JUSTIFIQUE.
Não; Por que acho que muita gente não entenderia a fala deles!
- RECONSTRUA O DIÁLOGO EM OUTRO CONTEXTO. PENSE NOS RECURSOS E ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PARA MARCAR OS FALARES DE OUTRAS REGIÕES.
*• Mesmo que roupa ser curta, vai fazer que tá ridículo parecendo um palhaço,
• Mãe tem nada a ver, você não sabe das coisas
• vai trocar a roupa agora vai um menino vestido com uma roupa de vergonha!*

ANEXO M – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE II



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

ATIVIDADES II



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
Sim, tanto pela linguagem, como por serem adora literalmente que todas essas pessoas estavam na bicicleta
2. NO PRIMEIRO QUADRO, AS PALAVRAS DA MÃE DE JUNIN DENOTAM UM ASPECTO DA CULTURA DO POVO DE DETERMINADA REGIÃO.
 - a) QUE ASPECTO É ESSE? Costo de utilizar palavras e gírias diferentes.
 - b) CONSIDERANDO OS ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS PRESENTES NO MEME, REFLITA: "A CENA REPRESENTA BEM A CULTURA DE QUE REGIÃO?" Nordeste.
3. VOCÊ SE RECONHECE NA CENA DO MEME "BODE GAIATO"? POR QUÊ?
Sim, pois sempre que sou de casa minha mãe fala "oi com Deus"
4. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.
Sim, pois minha mãe sempre fala para eu ir com os amigos de Deus
5. ALGUÉM COM QUEM VOCÊ CONVIVE SE IDENTIFICA COM A MÃE DE JUNIN? DE QUE FORMA?
Minha mãe que sempre pede para eu ir me cuidar
6. EM QUE CONTEXTO O DIÁLOGO ENTRE JUNIN E SUA MÃE É ADEQUADO?
Em contexto e usado em locais não formais.
7. SE A SITUAÇÃO FOSSE APRESENTADA A INDIVÍDUOS DE OUTRA REGIÃO TERIA O MESMO EFEITO DE SENTIDO? POR QUÊ?
Não, pois cada região tem gírias diferentes.

ANEXO N – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE II



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

ATIVIDADES II



APÓS A APECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
Sim, porque ele é um bode.
2. NO PRIMEIRO QUADRO, AS PALAVRAS DA MÃE DE JUNIN DENOTAM UM ASPECTO DA CULTURA DO POVO DE DETERMINADA REGIÃO.
 - a) QUE ASPECTO É ESSE? Sei não
 - b) CONSIDERANDO OS ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS PRESENTES NO MEME, REFLITA: "A CENA REPRESENTA BEM A CULTURA DE QUE REGIÃO?" Não
3. VOCÊ SE RECONHECE NA CENA DO MEME "BODE GAIATO"? POR QUÊ?
Não
4. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ? CONTE-NOS.
Não
5. ALGUÉM COM QUEM VOCÊ CONVIVE SE IDENTIFICA COM A MÃE DE JUNIN? DE QUE FORMA?
Não
6. EM QUE CONTEXTO O DIÁLOGO ENTRE JUNIN E SUA MÃE É ADEQUADO?
Sei não
7. SE A SITUAÇÃO FOSSE APRESENTADA A INDIVÍDUOS DE OUTRA REGIÃO TERIA O MESMO EFEITO DE SENTIDO? POR QUÊ?
Não porque talvez as pessoas de fora não saibam dos hábitos locais

ANEXO O – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE III



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



ATIVIDADES III



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim pelo jeito da expressão que as palavras estão feitas e pelo o jeito que o bode entende
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

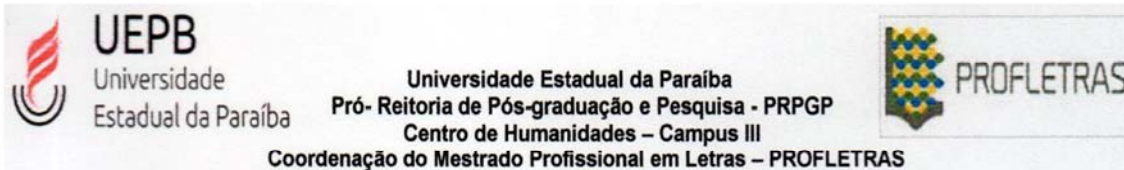
Não
- A FALA DA MÃE DE JUNIN LEVA-NOS A PENSAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARA O CIDADÃO. POR QUE O TRABALHO É IMPORTANTE?

Por que o trabalho mantém os anos de estudos que fazemos para garantir a nossa comida, o lar, e da o melhor pra os nossos filhos
- A RESPOSTA DE BIO COMPLETA O PENSAMENTO DA MÃE DE JUNIN? POR QUÊ?

Não, por que ela tá falando no sentido dele trabalhar e comprar suas próprias coisas com seu dinheiro
- PARA VOCÊ QUAL O SENTIDO DE "CUMER UM PÃO CUM O SUOR DA GENTE"?

Agente trabalhar pra garantir a nossa comida não dependem de ninguém

ANEXO P – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE III



ATIVIDADES III



APÓS A APECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, porque ele fala de um jeito engraçado. As palavras usadas trazem humor.
2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.


Sim, já vi muitas pais falando para os filhos que eles precisam estudar para serem alguém no futuro. E não só estudar, mas também trabalhar.
3. A FALA DA MÃE DE JUNIN LEVA-NOS A PENSAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARA O CIDADÃO. POR QUE O TRABALHO É IMPORTANTE?

Para a gente ter dinheiro e comprar o que quiser.
4. A RESPOSTA DE BIO COMPLETA O PENSAMENTO DA MÃE DE JUNIN? POR QUÊ?


Não, porque ela quis dizer que era pra ele arranjar um emprego pra comer pão com suco, e não pra comprar as coisas com seu esforço. Mas ele com invenção deu uma resposta para não trabalhar.
5. PARA VOCÊ QUAL O SENTIDO DE "CUMER UM PÃO CUM O SUOR DA GENTE"?

Comprar as coisas com o mesmo esforço da mesma maneira.

ANEXO Q – RESPOSTA DO ALUNO 3 DA ATIVIDADE III


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFLETRAS

ATIVIDADES III



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, por que sempre tem duplo sentido e eles sempre entendem de uma forma engraçada.
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

Sim, já presenciei discussões em que as pessoas falam "eu não preciso do teu dinheiro não, por que tu comê com meu suor."
- A FALA DA MÃE DE JUNIN LEVA-NOS A PENSAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARA O CIDADÃO. POR QUE O TRABALHO É IMPORTANTE?

Por que a gente trabalha para ter seu dinheiro e comprar o que queremos, pois se não tivermos que ter dinheiro para sobreviver.
- A RESPOSTA DE BIO COMPLETA O PENSAMENTO DA MÃE DE JUNIN? POR QUÊ?

Não, ela estava dizendo de ter dinheiro e não foi assim que ele entendeu. Ele deu uma resposta irônica, ele não queria ir trabalhar.
- PARA VOCÊ QUAL O SENTIDO DE "CUMER UM PÃO CUM O SUOR DA GENTE"?

Comer coisa que você comprou com o dinheiro que ganhou trabalhando. Não só pão, mas tudo o que usamos e necessitamos para sobreviver.

ANEXO R – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE IV



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS


ATIVIDADE IV




APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
Sim, por que eles nunca entendem o sentido que o outro quer falar, sempre a duplo sentido nos memes e eles entendem sempre contrário, por exemplo na imagem tem a palavra pinga que no nordeste significa cachaça.
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.
Não.
- VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?
Sim, tenho um tio alcoólico e eu me preocupa muito com a saúde dele, porque cachaça é muito ruim em excesso.
- VOCÊ CONHECE ALGUÉM CUJOS COMPORTAMENTO/ATITUDE LEMBREM O PAI DE JUNIN? EXPLIQUE.
Sim, é muito triste meu tio já me falou que tenta mais não consegue parar de beber.
- A RESPOSTA DO PAI DE JUNIN É CONVINCENTE? POR QUÊ?
Não, por que ele entendeu p que o médico quis dizer não que a resposta dele foi para que o filho se enganasse.
- QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A FALA DO PAI DE JUNIN?
Ele é nordestino e conhece a palavra pinga que aqui significa cachaça, e ele resolveu fazer piada disso.
- QUE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA É REVELADO NO TEXTO? O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ESTA REALIDADE?
Alcoólismo, eu tenho pena de uma pessoa que é presa a bebida, pois vicia e é uma coisa muito séria.

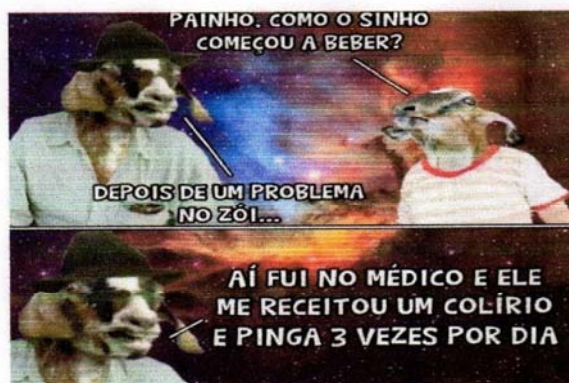
ANEXO S – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE IV


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFLETRAS

ATIVIDADE IV



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, pois o médico receitou pinga 3x por dia e o bode entendeu que era pra usar o colírio e tomar pinga 3x por dia.
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

Sim, quando falamos algo muito rápido e quem está escutando interpreta de outra forma.
- VOCE SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?

Não.
- VOCE CONHECE ALGUÉM CUJOS COMPORTAMENTO/ATITUDE LEMBREM O PAI DE JUNIN? EXPLIQUE.

Não, pois na minha família eu conheço mais br. conhecidos que com bebriolou.
- A RESPOSTA DO PAI DE JUNIN É CONVINCENTE? POR QUÊ?

Não, pois não eu mesmo, pois explique a dúvida porém ainda bem que houve um engano na fala.
- QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A FALA DO PAI DE JUNIN?

Porém que de vez em quando não recebe certo e ato de bebriol.
- QUE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA É REVELADO NO TEXTO? O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ESTA REALIDADE?

O problema de esse exemplo de bebriolou, acho muito pois isso precisa melhorar no corpo humano além de parecer mais acidentes por anos.

ANEXO T – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE V



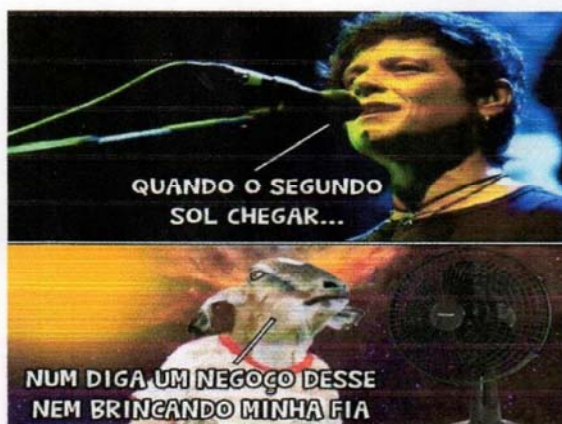
UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

ATIVIDADE V



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM E DISCUSSÃO DO TEXTO, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, porque trata de cenas aqui do Nordeste e o jeito modesto que eles ga-
lam, é muito engraçado.
2. ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.


Sim, no verão, principalmente, o calor é muito forte, então a gente
fica com a sensação de que o segundo sol chegou, então a cena de Junin é muito parecida com a minha quando
do verão com calor, passa o dia todo com o ventilador ligado.
3. JUNIN DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO NA SUA FALA. ELE TEM RAZÃO PARA AGIR DESSA FORMA? POR QUÊ?

Sim, porque aqui no Nordeste é muito quente, então se o segundo sol che-
gar o calor vai ser dobrado, vai ter muito calor e as pessoas vão sofrer.
4. QUE PALAVRA DO TEXTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AOS ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DA REGIÃO NORDESTE? POR QUÊ?


Sol. Porque ele representa o calor, a ~~grande~~ seca, a quentura.
5. ESTA SITUAÇÃO SE REPETE EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL? EXPLIQUE.

Sim, no Sudeste, mas não da mesma forma.

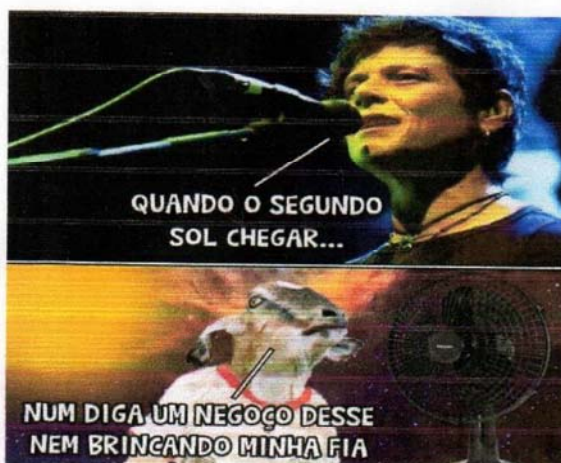
ANEXO U – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE V


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFLETRAS

ATIVIDADE V



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM E DISCUSSÃO DO TEXTO, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?


Sim, porque a reação que ele teve é de preocupação pois o sol do nordeste é muito quente (e é porque é um imaginário dos?)
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.

Sim, já presenciado momentos de pessoas reclamando de calor, que o sol estava muito quente.
- JUNIN DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO NA SUA FALA. ELE TEM RAZÃO PARA AGIR DESSA FORMA? POR QUÊ?


Sim, pois que vive imaginando como seria o nordeste com dois sóis, amaria minha mãe!
- QUE PALAVRA DO TEXTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AOS ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DA REGIÃO NORDESTE? POR QUÊ?

*Sol, pois que o sol representa para nós norca, calor, uma plantação ruim.
Se não cheias afeta diretamente essas coisas.*
- ESTA SITUAÇÃO SE REPETE EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL? EXPLIQUE.

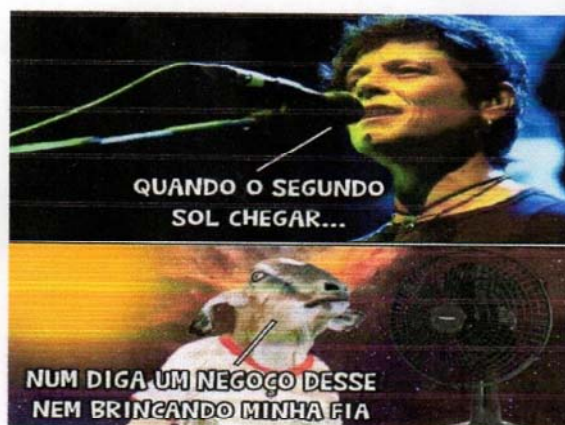
ANEXO V – RESPOSTA DO ALUNO 3 DA ATIVIDADE V


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFLETRAS

ATIVIDADE V



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM E DISCUSSÃO DO TEXTO, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, pois quando ele escuta o cantor falar ele repreende pois já está calor.
- ESSA SITUAÇÃO OU ALGO PARECIDO JÁ ACONTECEU COM VOCÊ OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA CENA QUE REMETE AO DIÁLOGO DA IMAGEM? CONTE-NOS.


Sim, principalmente no verão quando o calor e o sol preta, as pessoas reclamam do calor.
- JUNIN DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO NA SUA FALA. ELE TEM RAZÃO PARA AGIR DESSA FORMA? POR QUÊ?

Sim, pois é sempre uma música que não pode alterar se galácia, porém por outro lado ele tem razão pois já está calor com um seu quanto mais tem calor.
- QUE PALAVRA DO TEXTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AOS ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DA REGIÃO NORDESTE? POR QUÊ?


Sim, pois me vem lembrar de uma vez pelo fato de que um bode não é uma boa espécie que se cria e mercado.
- ESTA SITUAÇÃO SE REPETE EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL? EXPLIQUE.

Na maioria das vezes não, pois em outras regiões não é comum ou tem reservatórios.

ANEXO W – RESPOSTA DO ALUNO 1 DA ATIVIDADE VI


UEPB
 Universidade
 Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
 Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
 Centro de Humanidades – Campus III
 Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS


PROFLETRAS

ATIVIDADE VI



APÓS A APECIAÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, por que trata de cenas da nossa estidiama, o jeito que eles falam é engraçado.
- DESCREVA A CENA REESCREVENDO O TEXTO. FAÇA USO DA NOSSA LINGUAGEM.

*- Nãm tem leona (nem embora) durmin (dormir), Júnio (Junia).
- Nãm (nãm), quero assistir.*
- VOCÊ RECONHECE A CENA RETRATADA ACIMA? COMENTE.

Sim, porque a maioria dos pais quando mandam os filhos e nem dormir, eles querem ficar assistindo.
- VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?

Sim, porque quando minha mãe me chama pra dormir, eu só quero ir, quero ficar na celular, assistindo TV, entre outras coisas.
- O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?

Por que as palavras em inglês também são usadas na nossa recalcularia, mas nesse caso, ele falou com leonadina.

ANEXO X – RESPOSTA DO ALUNO 2 DA ATIVIDADE VI



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

ATIVIDADE VI



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

- O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?

Sim, porque a gente usa as palavras inglesas do nosso jeito de falar sem nem perceber.
- DESCREVA A CENA REESCREVENDO O TEXTO. FAÇA USO DA NOSSA LINGUAGEM.

- Nem tem hora dormir, Júnior.
- Nãm, quero assistir.

(FRASE "CORRETA")

- Nem sobava dormir, Júnior.
- Não, quero assistir.
- VOCÊ RECONHECE A CENA REPRATADA ACIMA? COMENTE.

Sim, quase todas as noites, porque eu sempre quero ficar mais pouco no celular ou assistindo televisão.
- VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?

Sim, tem hora que o programa tá muito bom e minha mãe manda eu ir dormir e não quero.
- O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?

Que as palavras inglesas pode ser aproveitadas no nosso cotidiano, dependendo do sentido.

ANEXO Y – RESPOSTA DO ALUNO 3 DA ATIVIDADE VI



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

ATIVIDADE VI



APÓS A APRECIÇÃO DA IMAGEM, ESCREVA SOBRE OS SEGUINTE QUESTIONAMENTOS:

1. O MEME "BODE GAIATO" É ENGRAÇADO? POR QUÊ?
sim, porque ele fala coisas engraçadas
2. DESCREVA A CENA REESCREVENDO O TEXTO. FAÇA USO DA NOSSA LINGUAGEM.
uma de bôca de burro, junio - nam, quem carra sister
3. VOCÊ RECONHECE A CENA RETRATADA ACIMA? COMENTE.
sim
4. VOCÊ SE IDENTIFICA COM JUNIN? DE QUE FORMA?
sim, quando a mãe manda desligar a tv e ir dormir
5. O QUE VOCÊ COMPREENDEU DA CHAMADA DO MEME "O NORDESTINO FALA INGLÊS POR NATUREZA"?
é uma coisa de bôca de burro e quem fala errado carra e que agente fala

ANEXO Z – RESPOSTA DO ALUNO 1 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL II



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO SOCIAL II

1. VOCÊ VALORIZA A FALA DO NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA:

Quando eu escuto piadas com gírias nordestinas, são muito engraçadas

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Nem certo nem errado.

JUSTIFIQUE: Não tenho nesse modo de falar, isso não pode ser chamado de certo ou errado pois varia de cada região seu modo de falar.

4. DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. Apoi, cume, timbora.

5. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Cume, Apoi porque são parecidas com a forma certa mas faladas diferentes.

6. E VOCÊ AS CONSIDERA ERRADAS? Algumas palavras sim.

7. VOCÊ SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO? Nas palavras que falo os sêzes.

8. VOCÊ É NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Muitas gírias, piadas, ajeitar com ois e capi.

ANEXO AA – RESPOSTA DO ALUNO 2 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL II



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO SOCIAL II

1. VOCÊ VALORIZA A FALA DO NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA:

Quando alguém (alguém) fala que não sabe falar e errado, eu sei que é errado e não sabe falar.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Certo.

JUSTIFIQUE: Porque nós, do Nordeste, falamos desse jeito e nós entendemos, então é certo.

4. DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. "Vixe", "Pia", "Armaria", "Nã", "Mainha", "Oxente", "Mammimimiro", "Oxi", entre outros.

5. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Todas, porque aqui no Nordeste falamos de um jeito diferente das outras regiões, então eles consideram errado.

6. E VOCÊ AS CONSIDERA ERRADAS? Mais ou menos, porque falamos assim desse jeito, mas sabemos a forma correta de falar.

7. VOCÊ SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO? Costo de São João, custo de ferro, o jeito de falar, as comidas etc.

8. VOCÊ É NORDESTINO? (X) SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Além de eu ter nascido em Pernambuco, eu também falo desse jeito "errado", mas é costume, eu não falo por querer, mas sim por hábito.

Então me considero nordestino sim, e tenho orgulho de ser.

Errado para os outros, porque para mim é certo, e eu sei quem usa adequadamente essa linguagem.

ANEXO BB – RESPOSTA DO ALUNO 3 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL II



UEPB

Universidade
Estadual da ParaíbaUniversidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III

Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO SOCIAL II

1. VOCÊ VALORIZA A FALA DO NORDESTINO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA:

Quando alguém fala sobre minha fala, dizendo que é errado ou algo do tipo ou fala que éotaque (lindo por sinal, sou apaixonada não é) e que a gente se entende.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? Certo, nem tanto vai?!

JUSTIFIQUE: A gente se entende, mesmo sabendo a forma "certa" de falar. É a gente que para outros lugares e ver que tá complicado de se entender a gente tenta explicar.

4. DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. Nam, marmenino, pia, armaria, orshi, vixe, apoi, mainha, orhente, etc.

5. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Todos (vixe).

6. E VOCÊ AS CONSIDERA ERRADAS? Um pouco, porque a gente sabe a forma correta. (com regras ^{na linguagem} portuguesa).7. VOCÊ SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO? SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO? Gostar de São João, gosto de farofa, o jeito de falar, as comidas etc

8. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE.

Sou nordestina, talvez por falar "errado" as coisas ou por morar em Campina Grande. Sou apaixonada pelo meu sotaque e não o trocava por nem um outro, às vezes eu acho engraçado, deu risada com algumas palavras com duplo sentido.

Tenho orgulho de ser nordestina porque sou João feliz assim, e melhora a estroga, sou almeçada por Deus. Eu amo ver pessoas nordestinas na televisão ou em outros lugares, representando né? Marmenino

ANEXO CC – RESPOSTA DO ALUNO 4 DO QUESTIONÁRIO SOCIAL II



Universidade Estadual da Paraíba
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa - PRPGP
Centro de Humanidades – Campus III
Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SOCIAL II

1. VOCÊ VALORIZA A FALA DO NORDESTINO? SIM () NÃO

2. CITE UM FATO QUE VOCÊ VIVENCIOU QUE COMPROVE SUA RESPOSTA:

Se alguém me chama de Paraíba eu digo que é um elogio.

3. PARA VOCÊ, NÓS FALAMOS CERTO OU ERRADO? certo

JUSTIFIQUE: é gente se entende e conhece um outro brasileiro porque fala igual a gente.

4. DÊ EXEMPLOS DE PALAVRAS QUE REPRESENTAM O NOSSO FALAR. Esquia, botar boneco, arregar, mangor, oco, padim cifo, etc.

5. QUAIS DESTAS PALAVRAS VOCÊ PERCEBE QUE O SENSO COMUM JULGA ERRADAS? POR QUÊ?

Porque não é assim que se escreve. Oco, padim cifo.

6. E VOCÊ AS CONSIDERA ERRADAS? não.

7. VOCÊ SE IDENTIFICA COM O JEITO DE FALAR DO NORDESTINO? SIM () NÃO

SE A RESPOSTA É SIM, EM QUE ASPECTOS ACONTECE ESSA IDENTIFICAÇÃO? na expressão e na cultura.

8. VOCÊ É NORDESTINO? SIM () NÃO

APRESENTE-SE. CONSIDERE ASPECTOS DA LINGUAGEM E DA CULTURA DA SUA GENTE PARA CONSTRUIR ESSA IDENTIDADE

Sou Nordestino. Costo de torrá e acredito em Padim Cifo. meu modo de falar é da gente do Nordeste. A minha linguagem é uma variedade linguística e não tem nada a ver com o que fala o outro. O modo de falar também é a mesma coisa das pessoas das outras regiões do Brasil e até da exterior entende as fadas.
#Orgulho de ser nordestino.